



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CURSO DE ARQUEOLOGIA

Corpos pretos no continente Branco: uma perspectiva afro diaspórica
sobre a materialidade dos grupos foqueiros na Antártica

Bianca da Silva Alves

Teresina
2024

BIANCA DA SILVA ALVES

CORPOS PRETOS NO CONTINENTE BRANCO: UMA
PERSPECTIVA AFRODIASPÓRICA SOBRE A MATERIALIDADE
DOS GRUPOS FOQUEIROS NA ANTÁRTICA.

Monografia apresentada ao curso de arqueologia
da Universidade Federal do Piauí como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel em
Arqueologia.

**Orientadora: prof.^a Dr.^a Fernanda Codevilla
Soares**

Teresina-PI

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Natureza
Serviço de Processos Técnicos

A474c Alves, Bianca da Silva.
 Corpos pretos no continente Branco : uma perspectiva afro
 diaspórica sobre a materialidade dos grupos foqueiros na Antártica /
 Bianca da Silva Alves. – 2024.
 144 f. : il. ; color.

 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Piauí,
 Centro de Ciências da Natureza, Bacharelado em Arqueologia ,
 Teresina, 2024.
 “Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Codevilla Soares.”

 1. Arqueologia. 2. Arqueologia Antártica. 3. Arqueologias negras.
 4. Iconografias. I. Soares, Fernanda Codevilla. II. Título.

CDD 930.1

Bibliotecário: Gésio dos Santos Barros - CRB3/1469

BIANCA DA SILVA ALVES

**Corpos pretos no continente Branco: uma perspectiva afro diaspórica
sobre a materialidade dos grupos foqueiros na Antártica**

Monografia apresentada ao curso de
graduação em Arqueologia da
universidade Federal do Piauí como
Requisito obrigatório para obtenção do
Título de Bacharel em Arqueologia.

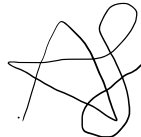
Aprovado em 20 de janeiro de 2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
FERNANDA CODEVILLA SOARES
Data: 16/05/2025 13:15:58-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra. Fernanda Codevilla Soares
Universidade Federal do Piauí
Orientadora

A handwritten signature in black ink, appearing to be "F. Codevilla Soares".

Prof. Dr. Andres Zarankin
Universidade Federal de Minas Gerais

A handwritten signature in blue ink, appearing to be "Andres Zarankin".

Prof. Dr. Vinicius Melquiades dos Santos
Universidade Federal do Piauí

A handwritten signature in black ink, appearing to be "Vinicius Melquiades dos Santos".

Dra. Maria Jimena Cruz
Universidade Federal do Rio de Janeiro

À minha mãe,
dedico este e todos os escritos que minha alma
há de derramar sobre os papéis.

Agradecimentos

Agradeço aos olhos âmbar da minha mel e aos seus longos pelos loiros. Agradeço ao aconchego quentinho de deitar ao seu lado para adormecer todas as noites e agradeço acima de tudo por ter ficado com todas nossas lembranças, mesmo com sua partida. Em memória da minha pequena cadela Mel.

Dedico estas palavras com todo meu carinho à querida Tia Val, cuja luz e amor sempre iluminaram meu caminho. Sua presença é acolhedora e repleta de compreensão e apoio incondicional. Agradeço à Tia Pri, minha madrinha amada, por cada gesto de cuidado e atenção que moldou minha vida. Vocês foram segundas mães que sempre estiveram ao meu lado. Agradeço ao tio Gui, o tio mais carinhoso que se pode imaginar, e ao tio Danilo, sempre pronto a ajudar, cuja generosidade é um abraço caloroso. E ao tio Eliziano, meu querido padrinho, cuja risada é música para o meu coração. Vocês, com suas almas generosas, foram verdadeiros faróis em minha jornada, figuras paternas que eternamente guardarei em meu peito.

Agradeço de todo coração à minha avó, Lucineide, a mulher mais incrível que já conheci. Seu amor e sabedoria sempre me guiaram mesmo à distância. Com cada palavra de encorajamento e cada gesto carinhoso, ela me ensinou a ser forte e resiliente. Sua presença é um abrigo seguro e sou eternamente grata por todo o apoio que me ofereceu.

Agradeço com toda a minha força à minha mãe, que tem sido meu pilar e meu suporte inabalável. Ela é a mulher mais forte do mundo, capaz de desempenhar com maestria os papéis de pai e mãe, tecendo com amor cada momento da minha vida. Sua dedicação e coragem me inspiram todos os dias e nada disso seria possível sem a sua presença iluminadora. Minha mãezinha, seu amor é a base sobre a qual construí minha jornada, sou eternamente grata por cada sacrifício e cada sorriso que me ofereceu.

Agradeço ao meu pai, Romildo. Esperei por você durante toda a minha infância e sou profundamente grata por você ter escolhido ser meu pai. Sua presença é um presente que ilumina minha vida e não há palavras suficientes para expressar o quanto você significa para mim. Você é, sem dúvida, o melhor pai do mundo, e seu amor é a força que me inspira a seguir em frente.

Agradeço ao Yuri, por ser o primeiro a ler cada palavrinha, por estar presente em cada parágrafo que escrevo e por encher meus dias com o mais puro amor. Sua essência está entranhada em cada momento feliz e seu apoio é a melodia que embala minha vida. Você é minha inspiração constante para transformar palavras em sentimentos e me fazer acreditar na beleza do existir. Você sempre fará parte do que sou.

Agradeço à professora Fernanda Codevilla Soares, sempre me impulsionando e oferecendo a orientação que eu tanto precisava. Sua dedicação e apoio foram fundamentais para meu crescimento. Sou eternamente grata por ter tido uma mentora tão inspiradora ao meu lado.

Também sou grata ao professor Andrés Zarankin, que nunca hesitou em estender a mão e ajudar. Sua generosidade e incentivo fizeram toda a diferença. Agradeço também a todos os integrantes do LEACH-UFMG que me acolheram com todo carinho.

Professora Joina, obrigada por me mostrar que a arqueologia pode ser leve e bonita.

Agradeço também a minha maravilhosa irmã, Liara. Te amo incondicionalmente e ficar longe de você é um martírio eterno. Você sempre será minha melhor amiga de todas.

Agradeço às minhas primas: Beatriz (minha Bega), por ser a mais leve e maravilhosa companhia; Isabella (Minha Bela) por ter as bochechas mais apertáveis da vida e ao último a nascer, meu Murilo.

Agradeço as sessões de terapia e apoio emocional dadas por: Barbie e Rasputin (meus lindos filhos felinos de quatro patas), Chico, Zézé, Manel, Nala, Mel, Jade, Minerva, Pandora e Diogo, os gatos mais lindos do Mundo. Miguel, Luís e Pandinha também, os doguinhos mais amorosos que existem.

Em especial, à memória da pequena Dumbinha, a cadela velhota, mais ranzinza e carinhosa do mundo inteiro. Espero que me perdoe por não poder ter te dado um último abraço e um petisco, mas buscarei nosso reencontro na outra vida.

No berço do mundo onde me roubaram até a língua;
Mas não esqueci de falar;
Falo em poesia
NEGRA.
(Janaína Bezerra da Silva)

ALVES, Bianca da Silva. **Corpos pretos no continente branco: Uma perspectiva afro diaspórica sobre a materialidade dos grupos foqueiros na Antártica.** Orientadora: Fernanda Codevilla Soares. Teresina, 2024. Monografia (Graduação em Arqueologia) - Universidade Federal do Piauí.

Resumo

A pesquisa explora a presença negra na história dos primeiros encontros humanos com a Antártica, ocorrido em fins do século XVIII e princípios do XIX, propondo, a partir daí, uma investigação que visa evidenciar a existência dessas pessoas entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros.

O trabalho fundamenta-se na desconstrução de narrativas históricas hegemônicas, utilizando-se de uma metodologia que valoriza perspectivas afrocêntricas e feministas. Para seu desenvolvimento, foi elaborada uma ficha de análise, na qual iconografias, itens religiosos e ofícios de pessoas afro diaspóricas foram contempladas com atributos classificatórios da materialidade. O objetivo da ficha é mapear junto aos vestígios arqueológicos antárticos salvaguardados no LEACH-UFGM, a participação dessas pessoas entre os primeiros colonizadores da Antártica.

Além disso, a investigação compreendeu, também, o estudo de listas de tripulações e diários de navios que rumavam aos Mares do Sul, nos quais é registrada a participação de pessoas negras como marinheiros embarcados.

Para além de fazer um resgate da negritude na história do continente branco, o trabalho também provoca um debate sobre a representação de grupos marginalizados na academia, destacando perspectivas afrocêntricas e feministas na sua construção.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Antártica, Arqueologias negras, Iconografias

Sumário

pág.

Introdução.....	15
1. Arqueologias negras, ação política e grupos subalternos: alinhamentos teóricos de uma arqueologia histórica periférica	20
1.1. Arqueologias negras	20
1.2. Arqueologia como Ação Política	23
1.3. Arqueologia histórica de grupos subalternos	24
2. Metodologia	33
2.1. Estudos bibliográficos	34
2.2. Fontes Documentais	35
2.3. Análises Materiais	38
2.3.1. Levantar marcas específicas (iconografias) nos vestígios que corroborem a estadia de pessoas afro-diaspóricas na Antártica.	38
2.3.2. Identificar itens ou símbolos relacionados à religiosidade de matriz africana que corroborem a estadia de pessoas afro-diaspóricas na Antártica	43
2.3.3. Discutir a materialidade pensando as práticas sociais que elas materializam e, a partir daí, associar a corpos pretos que as teriam manipulado	48
2.3.4. As fichas de análise	50
3. Arqueologia Antártica	55
3.1. Preto no Branco: contexto histórico dos séculos XVIII e XIX.....	55
3.1.1. A Europa	56
3.1.2. Os Estados Unidos da América	57
3.1.3. O Início das Expedições de caça de cetáceos	58
3.2 História das primeiras ocupações humanas da Antártica	63
3.2.1 O conto oficial versus a história alternativa.....	63
3.2.2 Projeto Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antártica	65
3.3 Pessoas negras entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros	70
3.3.1 Preto na ponta do lápis: o corpo negro descrito nos livros, artigos e documentos.....	70
3.4.3. Pretos nas entrelinhas: as iconografias encontradas nas materialidades	83
3.4.4. Profissão de preto: as práticas sociais e as materialidades	100
3.4.5. O Eldorado Preto	111
Considerações Finais	113
Referências Bibliográficas.....	119
ANEXO I. Chave classificatória e fichas de análise.	128

ANEXO II. Informação de tripulações americanas e inglesas (Cruz, 2019 p. 281 a 284).....	140
--	-----

Lista de Figuras

Pág.

Figura 1: Lista de tripulação escaneada Fonte: mystic Seaport Museum.....	34
Figura 2: Representação com cores do cosmograma bakongo Fonte: site Terreiro dos Griôs	37
Figura 3: Fragmentos cerâmicos encontrados na Chapada dos Guimarães (MT) apresentando apliques circulares com cruz incisa, possível representação de cosmograma bakongo. Fonte: Symanski (2010, p.304)	37
Figura 4. Representações do cosmograma BaKongo em diferentes objetos recuperados no Cais do Valongo: fragmentos de vasilhames cerâmicos, fundo de uma tigela de louça, cachimbo de barro, cabo de talher de osso, cabo de colher de estanho e ficha de jogo de faiança inglesas. Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p.138)	38
Figura 5: Fragmentos de faianças portuguesas com o motivo da espiral, recortados em forma de triângulos, com a espiral no centro. Proveniência: Sítio Assembleia Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p. 145)	39
Figura 6: À esquerda, fundo de vasilhame cerâmico em miniatura, marcado com uma espiral. À direita, a espiral incisa em fragmentos de vasilhame cerâmico. Recuperados no Cais do Valongo. Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p. 143).....	39
Figura 7. Cabeça de cerâmica pintada recuperada no Sítio Assembleia. Fonte: Lima (2023, p 130)	40
Figura 8. Valvas de búzios da espécie Monetaria moneta, encontradas no Cais do Valongo, tanto íntegras quanto com a protuberância dorsal cortada, configurando a prática divinatória do Ifá. Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p. 132)	41
Figura 9: Fragmentos de cerâmica coloneware decoradas, retiradas do sítio arqueológico Heyward-Washington House em 1970. Fonte: site The Charleston museum.....	42
Figura 10: Três amuletos de punho encontrados em The Hermitage, Tennessee, datados de. 1820 -1850. Fonte: Orser (1994 p 39)	42
Figuras 11 a 14: Caches retirados do sítio arqueológico Slayton House. Fonte Brace (2019 p 24 a 28)	44
Figura 15: Homem cozinhando em acampamento de caçadores de focas, ilhas byers. litografia em Fanning's Voyages. Fonte: Cruz (2014, p.156)	46
Figura 16: Localização das ilhas Shetland do Sul. Fonte: Cruz (2019, p.36)	62
Figura 17: Distribuição dos sítios na Península Byers e Ponta Elefante. Fonte: Zarankin et al. (2021, p. 32)	63
Figura 18: Sítio arqueológico Punta Elefante 2. Fonte: Cruz (2019, p.121)	64
Figura 19: Croqui do sítio arqueológico Punta Elefante 2. Fonte: Acervo LEACH	65

Figuras 20 e 21: Garrafa de vidro de coloração verde oliva e cachimbo de caulim, materiais destinados a atividades extra-laborais. Foto de Bianca da Silva Alves, 07/11/2024	66
Figuras 22 e 23: Bainha de faca, feita de madeira e munição de metal, materiais destinados à exploração de recursos. Foto de Bianca da Silva Alves, 08/11/2024	66
Figura 24: Marinheiros brancos e negros juntos após uma caçada bem sucedida em Wain Pass, nos arredores de Skagway no Alasca. Coleção Laura M. Hills, Universidade do Alasca. Fairbanks. Fonte: Hartman (2020, p. 43)	68
Figura 25: Baleeiros negros posando para uma foto em Point Barrow, 1890. Fonte: Hartman (2020, p. 26)	72
Figura 26: Capitão William T. Shorey e sua família. 1900. Fonte Hartman (2020, p. 21) ..	73
Figura 27: Análise de materiais no LEACH-UFGM. Foto: Ana Karolina de Amorim Santos, 09/10/2024	81
Figuras 28 e 29: Luva feita de tecido e rolhas feitas de cortiça. Foto: Bianca da Silva Alves, 08/11/2024	84
Figuras 30 e 31: Partes de sapatos de couro e fragmentos de cachimbo. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024	84
Figuras 32 e 33: Pederneira e faca feita de metal. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024	84
Figuras 34 e 35: Peça de tabuleiro quadrada e peça de tabuleiro redonda, ambas contendo uma marca "X" em seu centro Foto Bianca da Silva Alves, 06/11/2024	85
Figuras: 36 e 37: Duas peças com formatos octogonais. Foto Bianca da Silva Alves, 06/11/2024.	87
Figura 38: Peças de tabuleiro com marcas em "X" em seu centro. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024	89
Figura 39 e 40: anel de metal feito de bronze Foto: Bianca da Silva Alves, 06/11/2024	91
Figura 41: Visão do microscópio das marcas em "X" encontradas no objeto anelar de metal. aumento de 4x no microscópio. Foto: Bianca da Silva Alves, 13/11/2024	91
Figuras 42 a 44: material com várias marcas difusas e um possível "X" na ponta do objeto. Foto: Bianca da Silva Alves, 06/11/2024	92
Figuras 45 e 46: Colher de madeira e fragmento de panela. Foto: Bianca da Silva Alves, 07/11/2024	103
Figuras 47 e 48: Faca de metal e fragmentos de madeira queimada e carvão. Foto Bianca da Silva Alves, 07/11/2024	103
Figura 49: Conjunto material de número 1, relacionado à prática social de alimentação que tem forte influência de marinheiros afrodescendentes. Foto Bianca da Silva Alves, 07/11/2024	104
Figuras 50 e 51: Fragmentos de sapatos de couro Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024	106

Figuras 52 e 53: tira feita de couro e sola de sapato Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024 106

Figuras 54 e 55: Tiras feitas de couro, associadas a sapatos. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024107

Figuras 56 e 57: Fragmento de sola de sapato e sapato feito de couro. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024107

Lista de tabelas

Pág.

Tabela 1: Tabela contendo os atributos presentes na ficha de análise 1 da pesquisa	48
Tabela 2: Tabela contendo os atributos presentes na ficha de análise 2 das pesquisas ...	50
Tabela 3: Tabela com identificação das peças e características físicas preliminares	83
Tabela 4: Tabela contendo informações de identificação e características das fichas de jogo	86

Introdução

Abro os caminhos desse TCC com um velho ditado "Iorubá" que ficou conhecido através do músico Emicida e que diz "Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje!". Dentro da cosmologia do candomblé, o orixá Exu é o mensageiro e senhor dos caminhos, capaz de reinventar a memória, reinterpretar o passado e subverter o tempo, ele nos ensina a recuperar o conhecimento ancestral para compreender a nós mesmos, no presente. Quando dizemos que Exu joga uma pedra hoje, que matou um pássaro no passado, estamos falando sobre como as preocupações do contexto contemporâneo nos permite reinventar o passado e nos provoca a olhá-lo com perspectivas alternativas, contando histórias que haviam ficado esquecidas ou escondidas.

As tradições iorubás ao chegarem de navio nas terras brasileiras se aglutinaram às imposições brancas do cristianismo e, conseqüentemente, influenciaram na criação das tradições afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé. Essas tradições contemplam discussões sobre a Memória e a evidenciam como um pilar da existência de um ser (elas não são as únicas com esses pressupostos, mas nelas isso é marcante). Dentro dessa perspectiva, as memórias e as vivências são as raízes das escolhas, dos sentimentos, do entendimento do mundo e da interpretação da realidade de um indivíduo ou grupo de pessoas. Tudo aquilo que pensamos, estudamos, produzimos e falamos é uma resposta às nossas raízes plantadas na infância. Portanto, aquilo que sou, é aquilo que vivi, e assim como esse texto é uma parte de mim, acho importante começar pela matriz do meu ser.

Nasci em Fortaleza, uma negrinha minúscula de cabelos crespos, com uma mãe solo e uma irmã mais nova. Éramos três mulheres mestiças, com traços negroides o suficiente para sofrer por isso e, desde sempre, tive consciência do meu lugar na sociedade, das minhas lutas e principalmente da minha ancestralidade, o que me levou a procurar incessantemente uma forma de expressar minhas raízes. Na adolescência, encontrei na dança um lugar de expressividade e com a chegada da fase adulta, fiz da arqueologia meu lugar de expressão.

Meu primeiro contato com a Arqueologia ocorreu durante uma aula de História no ensino fundamental, um momento que se tornou significativo para mim.

A disciplina despertou um profundo interesse, não apenas por suas metodologias e descobertas, mas também pela conexão que estabelecia com minha ancestralidade. Na aula em questão, foi exposto as descobertas feitas no início dos anos 1970 pela missão arqueológica franco-brasileira chefiada pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, em escavações na Lapa Vermelha, uma gruta no município de Pedro Leopoldo (MG), onde foi encontrado o esqueleto de Luzia. Na época, compreendi Luzia com uma bela moça, de pele escura e fiquei intrigada em como os primeiros ocupantes da América pareciam-se tanto comigo. A perspectiva arqueológica me proporcionou uma sensação de proximidade com minhas raízes, permitindo-me explorar não apenas a história da humanidade, mas também a minha própria trajetória familiar e do meu corpo preto. Esse sentimento de pertencimento e a busca por compreender de onde venho tornaram-se fundamentais na minha jornada acadêmica e pessoal, transformando a Arqueologia em um espaço ideal para conectar-me com a herança cultural que carrego.

Em 2020 iniciei essa minha trajetória na Arqueologia, que foi interrompida precocemente pela chegada do COVID-19, lutei diariamente para continuar a vivência universitária, após dois anos difíceis, voltamos às aulas presenciais. Neste ano, os professores voltaram a criar projetos diversos, que haviam ficado parados por causa da pandemia, um desses foi o programa de extensão “A presença do passado: Narrativas alternativas em arqueologia”, coordenado pela professora Dr^a Fernanda Codevilla Soares, que há pouco tempo havia se tornado professora da UFPI, mas já possuía o carinho e a simpatia de muitos estudantes, dentre eles, eu.

O programa de extensão tinha como objetivo produzir formas alternativas de narrar a Arqueologia, de forma que fosse possível traduzir a história arqueológica da Antártica para o público não acadêmico e tornar as narrativas acadêmicas mais significativas para os próprios arqueólogos e arqueólogas. A ideia de produzir formas alternativas de narrativas arqueológicas me interessou bastante, já que a Arqueologia pública foi um forte alvo nas minhas pesquisas da época, então, prontamente me inscrevi no programa. Depois de alguns estudos nos encontros quinzenais e da realização de um evento sobre a temática Antártica em Teresina¹, passamos para a criação das formas alternativas de narrativas e eu

¹ O evento quando a Antártica encontra a Caatinga: formando pesquisadores polares no Piauí, ocorreu na Universidade Federal do Piauí, em Teresina, no ano de 2023. O evento teve o apoio da FAPEPI e como fruto dos trabalhos lá realizados, publicamos o capítulo de um livro intitulado:

precisei buscar em mim uma linguagem que eu quisesse produzir. Prontamente, escolhi fazer um jogo, especificamente, um videogame.

Os *games* estiveram presentes por toda minha infância, adolescência e fase adulta, mesmo na época que não era muito comum mulheres serem fãs de jogos, eu já frequentava eventos de eletrônica para conhecer os lançamentos do ano, então decidi criar um tipo de jogo digital. Entretanto, tinha um problema, eu não sabia nada de programação de jogos e só gostar de games não seria o suficiente para produzir essa narrativa. Desafiada, iniciei estudos sobre o tema, consultei pessoas da área para me auxiliar, encontrei em Yuri Cardoso um companheiro de programação e juntos também conversamos com o prof. Dr. Alex Martire, da FURG, que já havia produzido um videogame de Arqueologia Antártica². Por fim, decidimos criar uma visual novel, que é um gênero de jogo que combina narrativa textual com ilustrações pré-renderizadas e possuem um variado grau de interatividade, onde o jogador interage com a história a partir de caixas de diálogos que determinam os rumos dos personagens. Esse estilo é normalmente por onde os programadores iniciantes começam, por exigir um grau menos complexo de programação, ainda que nada fácil para quem nunca programou.

Depois de escolhida a linguagem que eu usaria, comecei a elaboração da história e criação dos personagens³. Os personagens principais eram, na sua maioria, estudantes ou profissionais de Arqueologia que estavam indo para uma expedição na caverna Lima Lima⁴, na Antártica. Para criar o design e perfil dos personagens, eu pensei em mim, em meus colegas, professores e professoras e, principalmente, na minha família. A protagonista, de nome Raimunda, foi escrita e desenhada como uma mulher jovem, negra e nordestina, especificamente,

Quando a Antartica encontra a Caatinga: formando pesquisadores polares no Piauí, o qual foi escrito, em conjunto, pelos alunos organizadores do evento.

² O jogo se chama “Projeto arqueologia Antártica” e o link para acessar o protótipo é <http://www.arise.mae.usp.br/antartica/>

³ O jogo se chama “Sertica: O encontro da Antártica com a Caatinga”, link de acesso:

https://drive.google.com/drive/folders/19dmki8EcBWkV96jbIV_YAdH20iqnHM93?usp=drive_link

⁴ A Caverna Lima Lima, localizada na Praia Norte da Península Byers, foi o local onde geólogos ingleses e depois geólogos argentinos encontraram, pela primeira vez, vestígios arqueológicos na Antártica, os quais supuseram estar associados a um naufrágio espanhol. Estes os recolheram e levaram ao prof. dr. Daniel Schavelzon, que contactou os professores Dr. Andres Zarankin e Dr.^a Maria Ximena Senatore, e, devido a estes, resolveram ir à Antártica e entender os seus locais de proveniência. Chegando lá, descobriram que Lima Lima não era um sítio pontual, mas um complexo de sítios associados aos primeiros colonizadores do continente. Assim, foi devido a Lima que teve início o projeto marco Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antártica. De forma sistemática, as escavações da caverna foram realizadas em 2008, 2010, 2013, 2018 e 2019. Os grupos associados aos materiais recuperados no interior da caverna são os caçadores de mamíferos marinhos que frequentaram o local em meados do século XIX.

cearense. Ela possui uma professora, de nome Fernanda, que é uma mulher parda, em um papel de chefia, como coordenadora de campo; e Henrique, um homem idoso e negro retinto, que possui uma grande fama por ser um incrível geógrafo, além de um exímio arqueólogo. Suas colegas são Bianca, uma mulher jovem e negra e estudante de Arqueologia; e Mel, uma mulher branca e chilena, que além de arqueóloga, era bióloga. Eu estava amando a composição dos personagens, eles e elas eram politizados/as e plurais, mostravam a ciência como um ambiente preto e feminino.

Entretanto, ainda faltava criar os personagens para a outra parte da narrativa, a parte que mostraria o passado da Antártica e daria corpo àquelas pessoas que colonizaram o continente. Iniciei a produção dos personagens foqueiros, lobeiros e baleeiros e criei o William, um norte americano branco e loiro, que era um *able-seaman*⁵ e serviria de tutor para o protagonista John, que era um jovem branco, norte americano e novato na vida de marinheiro (*GreenHand*⁶). Após criados todos os personagens, era perceptível uma grande diferença entre os personagens do “Passado” Antártico e os do “Presente”, a pluralidade da equipe arqueológica que eu criei, deixou evidente o contraste em relação aos caçadores antárticos.

Toda essa situação me levou a vários questionamentos sobre quem eram aqueles homens que colonizaram o continente “branco”, sobre como a história do continente é contada, e principalmente, por que eu, sendo uma mulher negra, criei somente personagens brancos e loiros para representar o passado antártico.

Foi dessas indagações que surgiu a ideia desse TCC, apesar de ainda atuar no Programa de Extensão⁷, decidi que para a monografia gostaria de pesquisar sobre a existência de homens negros entre os marinheiros que colonizaram a Antártica. O trabalho discute o impacto desses corpos pretos nas materialidades dos caçadores de mamíferos marinhos e, principalmente, o papel deles na colonização do continente e como esse processo impactou as suas vidas.

Dentro das dúvidas geradas pelo assunto, entendi que o ponto inicial era desconstruir certos conceitos que foram cristalizados em relação à história do continente. Nessa perspectiva de desconstrução, esse trabalho começou pela sua

⁵ Able Seaman é como eram chamados os marinheiros mais experientes do navio.

⁶ GreenHand é como eram chamados os marinheiros mais jovens e inexperientes do navio.

⁷ Fui bolsista PIBEX nos projetos “A presença do passado: Narrativas alternativas em arqueologia Antarctica” e “Arqueologias abaixo de zero: formas públicas e interdisciplinares de abordar as primeiras ocupações humanas na Antártica”, nos anos 2023 e 2024

base, o escopo teórico. Dentro da historiografia da produção científica, existem corpos que normalmente são esquecidos e invalidado: os corpos Negros e os corpos Femininos. Esses corpos não ocupam os grandes pilares da literatura científica. A mulher e a pessoa “de cor” são invisíveis no mundo dominante dos homens brancos (Passos, 2019). Isso tudo porque os olhos brancos normalmente não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua e querem nos ensinar a nossa história. Língua essa que nos reflete e reflete a nossa cultura, o nosso espírito, nossa etnia e nossa voz. Os olhos brancos temem as vozes que gritam em línguas das quais eles não conhecem e não podem controlar. O temor leva à rejeição, muitas vezes, de forma velada, que é característica dos preconceitos enraizados da nossa sociedade patriarcal e racista.

Contrariando todas as estruturas dominantes, essa escrita foi feita por olhos negros e femininos que decidiram alicerçar esse trabalho em um conjunto de autores e, principalmente, autoras negras, buscando perspectivas afrocêntricas, feministas e anti-dominantes que trouxesse à tona uma história alternativa sobre os primeiros encontros humanos com a Antártica.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é evidenciar a presença de corpos negros na colonização do continente antártico, analisando a materialidades dos grupos lobeiros, foqueiros e baleeiros como fonte de informação, evidenciando os vínculos materiais entre estes caçadores e a cultura afro-diaspórica.

Para além disso, pretendo também destacar a presença negra na academia e na produção científica, em especial somar teoricamente e metodologicamente em um conjunto de estudos arqueológicos que propõem uma arqueologia antirracista (Souza, 2020), portanto, busquei referências que corroborassem com a abordagem afrocêntrica, dando maior destaque a bibliografias cujas mulheres sejam protagonistas (Anzaldúa, 1981; Passos, 2019; Radane, 2024; Bento, 2022; Lima, 2023; Soares, 2023). É importante destacar que os homens brancos não foram excluídos da bibliografia, eles foram sim lidos e também citados, mas por escolha política, decidi dar mais destaques às autoras negras, sempre que possível.

Assim, as minhas principais bases nessa pesquisa são: Gloria Anzaldúa (1981), que me ensinou que mulheres negras podem e devem sim ser escritoras; Lara Passos (2019), que da forma mais poética possível me mostrou como traduzir minha voz negra para a escrita acadêmica e arqueológica; Tânia Andrade Lima

(2023), que com muito cuidado estudou e trouxe à tona histórias esquecidas de povos que foram calados e denunciou uma arqueologia racista; Melissa Salemo (2006), que com sua bela escrita me fez gostar de vestuário antártico e suas nuances; Gerusa Alckmin (2015), que me falou sobre a importância do calçar; Jimena Cruz (2019) que me mostrou as importantes práticas da alimentação como uma forma de colonização de paisagens; Livia Radane (2024), que me contou os segredos para transgredir a arqueologia; Mary Maloi (1990), que me disse que poderiam sim existir africanos e afrodescendentes presentes na baleação do século XIX; Ian Hartman (2020), que reiterou a existência de afrodescendentes entre os marinheiros caçadores de mamíferos; e Fernanda Codevilla Soares (2023), que me apresentou a Arqueologia Antártica; entre outras várias autoras e autores.

1. Arqueologias negras, ação política e grupos subalternos: alinhamentos teóricos de uma arqueologia histórica periférica

1.1. Arqueologias negras

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.
(Maya Angelou, 1978, p.1)

Ao iniciar essa parte da pesquisa tive vários questionamentos e sérias dificuldades em escrever. Parecia que quanto mais eu lia sobre o assunto, menos eu me sentia digna de escrever sobre ele. O que me fez lembrar do artigo da Gloria Anzaldúa (1981) “Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, no qual ela cita as inúmeras dificuldades da escrita das mulheres de cor. Como mulher negra, me sinto totalmente deslocada da escrita, da vida acadêmica e da ciência. Parafraseando a autora, penso: “Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever?” (Anzaldúa, 1981, p. 230). Responderei a ela: Ninguém! Pelo contrário, tentaram a todo custo nos tirar esse direito, por isso, o ato da escrevivência⁸ se torna luta pelo simples fato de existir:

⁸ "Escrevivência" é um termo que combina "escrever" e "vivência", sendo utilizado especialmente no contexto da literatura afro-brasileira e das experiências de autores que abordam suas realidades e identidades através da escrita. A ideia central é que a escrita deve refletir a vida, as vivências e

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (...) Nunca vi tanto poder para motivar e transformar os outros como aquele presente na escrita das mulheres de cor. (Anzaldúa, 1981, p.234).

A sensação de fazer o profano ao praticar o ato da escrita não é uma experiência individual, mas sim coletiva entre as mulheres negras cientistas e escritoras.

Em meio as dificuldades, vieram também muitos questionamentos: Quantas pessoas negras cursaram as disciplinas de Arqueologia que fiz? Algumas, talvez, umas 7 pessoas. Quantos docentes? Nenhum ou nenhuma.

Em 2015, uma pesquisa sobre o perfil dos professores e professoras da Universidade de São Paulo revelou que 1,83% e 1,53% se autodeclaravam negros e pardos, respectivamente, enquanto 94.6% se autodeclaravam brancos (Passos, 2019). Tais situações de “confinamento racial”⁹ (Carvalho, 2006), herdadas de gerações acadêmicas passadas, e sobre as quais não refletimos muito, também ocorrem na Arqueologia (Souza, 2020).

A Arqueologia é uma disciplina extremamente elitizada, mas há poucos anos vem se modificando. A partir dos anos 1960, a Arqueologia da escravidão, vinda dos EUA, institucionalizou-se exponencialmente, ampliando o número e a qualidade de suas pesquisas. Mais precisamente, nos últimos 20 anos (Leone, 2005), a Arqueologia da Escravidão multiplicou seus objetos de estudo, suas formas de constituí-los, tratá-los e pensá-los. Um dos temas que mais contribuíram para a expansão do campo foi o da Diáspora Africana, fazendo com que surgissem, nos anos 1990, revistas com edições especiais sobre o tema. No fim da mesma década, Orser (1998) sublinhava que os estudos nessa área poderiam converter-se no mais proeminente ramo de pesquisa em Arqueologia Histórica. O primeiro decênio dos anos 2000 nos brindou com uma grande quantidade de publicações sobre o tema (Passos, 2019).

as experiências de autores, especialmente aquelas relacionadas à sua cultura, raça e história. O uso do termo está frequentemente associado a autoras como Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro.

⁹O termo “confinamento racial”, conforme utilizado por Carvalho (2006), refere-se à forma como a sociedade organiza e segrega grupos raciais, especialmente negros e pardos, em contextos sociais, econômicos e políticos. Essa ideia abrange as limitações impostas a essas populações, que são frequentemente excluídas de oportunidades e direitos plenos, resultando em uma espécie de “confinamento” que perpetua desigualdades e reverbera na vida acadêmica.

Mudaram-se os temas, mas as pessoas que escrevem, nem tanto. Muito recentemente, corpos pretos estão reivindicando espaço na escrita arqueológica brasileira sobre seu próprio povo (Passos 2019 e Radane, 2024). Nosso corpo colonizado luta contra as amarras. E como escrever sobre nós mesmos se toda a nossa história é contada, a nós, na maioria das vezes, por perspectivas que não nos inclui? As narrativas históricas não podem ser dissociadas das dinâmicas de poder que as influenciam.

O termo "nkali", oriundo da língua igbo¹⁰, refere-se à ideia de "ser maior do que outro" e oferece um prisma valioso para examinar as estruturas de poder que moldam a formulação da História. Essa noção é essencial para compreender como as narrativas são formuladas, quem as elabora, em que contextos são apresentadas e quantas versões são disseminadas, todas estas questões estão profundamente enraizadas em relações de poder (Passos, 2019).

O poder não se limita apenas à capacidade de contar a história do outro; ele se estende à possibilidade de transformar essa narrativa em uma versão hegemônica. O poeta palestino Mourid Barghouti (1994) destaca que uma das formas mais eficazes de submeter um povo é por meio da apropriação de sua narrativa, começando, por exemplo, a história com o que vem "em segundo lugar". Essa abordagem altera drasticamente a percepção histórica, como exemplo, abordar a história do Estado africano iniciando com seu colapso, em vez de considerar sua formação, proporciona uma perspectiva radicalmente diferente da realidade, com generalizações baseadas na derrota de um povo sobre o outro. Essa prática de narrativa seletiva ilustra a forma como o poder molda a percepção da história e, conseqüentemente, a identidade coletiva dos povos (Passos, 2019).

Sob essas estruturas de poder, a história oficial é contada sobre um só viés, causando inúmeras invisibilidades propositais, narrativas enviesadas e auto reguladas pelo pacto da branquitude (Bento, 2022)

As pessoas negras devem poder contar suas histórias, utilizando seus próprios marcos culturais afrocentricos¹¹. Segundo Lara Passos (2019), 94,5% das

¹⁰ IGBO é uma língua falada na Nigéria, associada aos povos Ibos que vivem nas regiões sul e sudeste da Nigéria. É uma linguagem tonal, como o iorubá, sendo a única do mundo onde os sons podem ser produzidos por meio da entrada de ar dentro do organismo.

¹¹ O termo "Afrocentrismo" refere-se a uma perspectiva que busca valorizar e centralizar a história e cultura dos povos africanos e da diáspora africana, contestando a narrativa eurocêntrica. Essa abordagem propõe um olhar crítico sobre as representações do continente africano e suas populações, enfatizando suas realizações e legados em diversas áreas, como arte, ciência, filosofia e política. O Afrocentrismo é, em grande parte, uma resposta ao colonialismo e à opressão,

autorias das bibliografias obrigatórias dos cursos de pós-graduação na área de arqueologia no Brasil são de autoria de pessoas brancas, ou seja, elas partem de um lugar racialmente hegemônico e privilegiado do ato da escrita. Somente 5,5% dos escritores ou escritoras são pessoas negras. Essa mínima amostragem dos cursos de pós-graduação em Arqueologia, nos dão um pequeno vislumbre da situação total das ciências, que, na sua maioria, não se comunicam como locais plurais e acessíveis para corpos femininos e/ou pretos.

Conforme destaquei na introdução, ressalto que essa não é uma carta aberta contra os escritores brancos que escrevem sobre temáticas negras, isso, na verdade, é um lembrete sobre como o escritor branco deve estar consciente da sua posição privilegiada dentro desse sistema epistêmico excludente da criação do conhecimento coletivo. Não é sobre deixar de escrever, é sobre se posicionar. É saber de onde partem seus pressupostos e pensamentos e deixar isso bem claro em sua escrita.

A Arqueologia é um campo extremamente passível para essas discussões pelo fato de lidar com as mensagens deixadas por aqueles que não comandavam o ato de escrever e que só tinham as materialidades para gritar suas ancestralidades. Dessa forma as “Arqueologias Negras”, incluindo aqui, Arqueologias Afro-diaspóricas (Ferreira, 2009; Souza, 2013), Arqueologia da Resistência Escrava (Orser e Funari, 2004), Arqueopoesia (Passos, 2019), Arqueologia do Racismo (Souza, 2024), Arqueologia antirracista (Lima, 2023), Arqueologia da Escravidão (Symanski e Gomes, 2012), Arqueologia dos Candomblés (Pereira, 2019), Arqueologia dos Quilombos (Carvalho, 2018; Simoni, 2024; Guimarães, 1990) entre muitas outras, são fortes pilares para o debate sobre a Arqueologia como uma disciplina politizada e com poderes de criar narrativas contra hegemônicas que reverberam no presente.

1.2. Arqueologia como Ação Política

Todavia, apesar de todo esse enredamento com o presente, no decorrer da história do pensamento arqueológico, assumiu-se que a disciplina estudava

buscando resgatar a dignidade e as identidades africanas. Ele promove a ideia de que a história africana deve ser contada a partir da perspectiva dos africanos, considerando suas vozes, experiências e contextos. Além disso, o Afrocentrismo não se limita ao continente africano; ele também se aplica à cultura afro-brasileira e afro-latino-americana, reconhecendo a riqueza e a diversidade das tradições e identidades que emergiram da diáspora.

somente o passado. Não é à toa que Ernest Hooton (1938, p.238) nos deu a fama de sermos “playboys senis da ciência, com pés fincados em monturas de antiquinha”. Nossa disciplina nasceu no berço dos ricos e da cabeça dos conservadores.

Atualmente, com as mudanças teóricas da Arqueologia, o seu campo de atuação não se limita somente ao passado distante, mas também se preocupa com o passado recente e o presente (Soares, 2023). Essas mudanças epistemológicas carregam consigo a ideia de que as arqueólogas e os arqueólogos não são aqueles que simplesmente mergulham no passado e descobrem coisas enterradas, diferentemente disso, a/o arqueóloga/o deve evidenciar as pontes que existem entre passado e presente, demonstrando como coisas de diferentes temporalidades convivem no presente, na construção do conhecimento coletivo, no dia a dia das favelas, nas referências culturais de grupos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, entre outros (Soares, 2023)

A Arqueologia como a Ação Política, proposta por McGuire (1999 apud Soares, 2023), entende que as perguntas que levam à elaboração das pesquisas arqueológicas partem do presente e de questões contemporâneas e, por isto, estão enraizadas no agora e associadas, acima de tudo, ao contexto histórico da pesquisadora ou pesquisador. Dessa forma, entendemos que, o nosso trabalho enquanto arqueólogos e arqueólogas não é o de descobrir o passado, ou desbravar segredos antigos, mas evidenciar as ligações entre passado e presente, que já existem (Soares, 2023)

A Arqueologia como Ação Política busca colocar em prática uma ciência que ajuda na emancipação de grupos marginais, usando a própria disciplina como uma ferramenta de luta social (Soares, 2023). Nas palavras de Sabloff (2008 apud Soares, 2023), Arqueologia como Ação Política é uma Arqueologia que importa, e, declaradamente, posiciona-se ao lado de grupos marginalizados, somando nas suas lutas de (re) existência.

1.3. Arqueologia histórica de grupos subalternos

Além de utilizar os campos teóricos-metodológicos das especialidades das disciplinas anteriormente citadas (“Arqueologias negras” e “Arqueologia como

Ação Política"), julgo importante tecer alguns apontamentos sobre a Arqueologia Histórica, que é um fio que costura ambas propostas.

Ao longo do texto, tenho utilizado o termo "Arqueologia Histórica" em vez de "Arqueologia do Capitalismo" ou "Arqueologia do Mundo Moderno", mesmo não concordando com as limitações que ele subentende. Essa denominação pressupõe uma separação entre o período considerado histórico e pré-histórico, sendo a escrita um elemento divisor entre ambos, subentendendo que o primeiro é "mais evoluído, civilizado, educado" que o segundo (Funari e Noelli, 2002; Bueno, 2003), o que certamente, é muito criticado atualmente, por subentender uma perspectiva colonizada, eurocêntrica e preconceituosa sobre a história indígena, sobretudo.

Apesar disso, a minha escolha acerca de continuar usando o termo é porque esse campo ficou conhecido nacional e internacionalmente dessa forma. Além disso, esta foi a denominação escolhida pelos profissionais do país para criar a I Associação Brasileira para a Arqueologia Histórica, inaugurada no ano em que este trabalho está sendo desenvolvido. No entanto, é relevante destacar que em diversas partes desta pesquisa, as abordagens da Arqueologia do Capitalismo e da Arqueologia do Mundo Moderno serão incorporadas de maneira a enriquecer a análise.

A noção de Arqueologia histórica como a Arqueologia do Capitalismo foi proposta inicialmente por Schuyler (1970), que a definiu como o estudo das manifestações materiais da expansão da cultura europeia sobre o mundo não europeu. Essa abordagem introduziu noções na Arqueologia fazendo uso de conceitos que envolvem a separação entre o espaço doméstico e o espaço de trabalho, a segmentação das refeições e a mensuração mecânica do tempo (Symanski, 2009). Conforme notam Senatore e Zarankin (2002), os estudos dessa nova ordem social tiveram por base contextos das colônias inglesas norte-americanas do século XVIII e resultaram na identificação de conjuntos de regras aplicáveis à arquitetura, à cultura material e diversos outros aspectos do cotidiano.

Alguns anos depois, de forma mais sistemática e aprofundada, autores como Orser (1996) e Johnson (2000) sistematizaram o que ficou conhecido como Arqueologia do Mundo Moderno e Arqueologia do Capitalismo, respectivamente, enfatizando que elas estudam um processo histórico vinculado a estruturas

econômicas mundiais e não se resume a um período específico e nem uma metodologia.

A associação entre Arqueologia Histórica e o estudo de um processo histórico em escala mundial, recebe algumas críticas de autores que a consideram homogeneizadora e potencialmente tendenciosa no sentido de invisibilizar particularidades da nossa história latino-americana, posto que focada num sistema econômico de origem europeia e na sua expansão pelo mundo (Funari, 1999).

Ainda que a crítica seja relevante, autores como Lima (1999) e Zarankin (2004) apresentam contrapontos e definem o que seria a conceituação desse subcampo a partir de uma perspectiva latino-americana, sem negar as críticas de Funari (1999) e sem desconsiderar totalmente as propostas de Orser (1996) e Johnson (2000).

Lima (1999) abordou a arqueologia histórica como uma disciplina intrinsecamente ligada ao capitalismo, enfatizando a importância de que a arqueologia latino-americana se dedicasse a essa perspectiva. Desde cedo, ela reconheceu que a compreensão das dinâmicas econômicas e sociais dessa época são fundamentais para uma análise mais profunda e crítica da nossa realidade histórica. Ao mesmo tempo, Lima (1999) alertou para os riscos de aceitar de forma acrítica os impactos da globalização e da imposição cultural em contextos locais, ela discutiu a forma pela qual as mentes estavam sendo adestradas e seduzidas pelo fascínio exercido pelos bens de consumo industrializados, os quais eram excessivamente introduzidos na periferia mundial no século XIX, até então resguardadas por práticas monopolistas.

O avanço dos centros produtores sobre as nações periféricas, em busca da ampliação dos mercados para seus produtos, não economizou estratégias violentas, persuasivas e até de aliciamento das colônias. A introdução de bens de consumo, ideias e valores estrangeiros entre grupos locais, prepararam o terreno para a adoção, quase que global, de práticas sociais que poderiam resultar na rendição, subordinação e dupla dependência, ideológica e econômica, de sociedades não-industrializadas por produtos industrializados (Lima, 1999).

Lima (2002) buscou expor, por meio das práticas cotidianas do século XIX, como os países industrializados influenciaram as mentes coloniais, em contexto de escravidão, para a adoção de práticas e valores que não eram próprios dessas sociedades e para os quais elas não estavam preparadas. Esses novos valores

não surgiram naturalmente das condições internas dessas sociedades, mas foram impostos por pressões externas, geradas pelos interesses do capital, que já estava se globalizando na época, porém a penetração dos produtos foi muito mais rápida que a dos valores que justificavam sua utilização (Lima, 2002).

Lima (2002) cita uma passagem do diário íntimo de Helena Morley que ilustra perfeitamente essa prática deslocada de consumo nas periferias:

[...] acompanhando sua mãe em visita a uma de suas amigas, asseada e excelente dona-de-casa, foi servida uma deliciosa canjica com amendoim em um reluzente urinol retirado orgulhosamente da cristaleira da sala, supondo a senhora que se tratasse de uma sopeira (Lima, 2002, p.123).

Estas eram as formas comuns pelas quais sociedades periféricas conseguiam digerir a avalanche de produtos desconectados da sua realidade e caudalosamente despejados sobre elas. O estudo dessa etapa inicial do capitalismo no Brasil é crucial para entender a trajetória da ação expansionista dos grandes centros produtores na direção das sociedades coloniais, que culminou, nos tempos recentes, com a mundialização do mercado. A Arqueologia Histórica vem mostrando, concretamente, que este processo começou bem cedo e as louças inglesas do século XIX, bem como outros bens de consumo importados, vêm dando um importante testemunho de como itens estrangeiros foram incorporados em diferentes contextos no país, incluindo senzalas, casas de grupos operários, unidades rurais sertanejas e outros.

Complementarmente ao estudo de Lima (1999, 2002); Zarankin (2004) também se preocupou em mostrar a necessidade de uma arqueologia histórica latino-americana voltada a valorizar as narrativas históricas periféricas. O autor aponta que a disciplina deveria funcionar como uma ferramenta para questionar a nossa realidade desigual e como um mecanismo para a mudança social, que somente torna-se possível através de um compromisso político das arqueólogas e arqueólogos em assumir a sua responsabilidade na construção de um passado plural.

Zarankin (2004) expõe que é necessário trabalhar à escala local, tentando compreender as micro dinâmicas que caracterizam e identificam as sociedades ou os grupos culturais estudados, no entanto, não se deve ignorar as interações sociais em escalas maiores (até mesmo globais) para compreender de forma mais

ampla o contexto histórico em que se enquadra o sítio ou os materiais que estudamos.

Uma arqueologia histórica que se contente com descrições passivas e distantes, de um passado supostamente “verdadeiro”, não pode continuar a ser justificada na América Latina, ela deve se preocupar com um discurso mais amplo, de reivindicação da pluralidade e da denúncia da desigualdade e da opressão, contribuindo assim para mudar o presente (Zarankin, 2004).

Zarankin (2004) diz concordar com a ideia de Orser (1996) de uma arqueologia histórica voltada ao estudo do processo de formação da sociedade moderna, porém, o autor flexibiliza essa ideia de modernidade, mostrando o quanto ela pode ser plural, com ritmos e formatos variados no continente latino-americano.

Conforme afirma Lima (2002) e Zarankin (2004), o mundo moderno ou capitalismo, entendido exclusivamente em escala global, mascara a heterogeneidade das sociedades latinas e nega as particularidades desse processo em nossas sociedades oprimidas. Assim, a proposta de Zarankin (2004) é que a Arqueologia Histórica latino-americana trabalhe com as múltiplas trajetórias sociais e econômicas que geraram diferentes “sociedades modernas”, levando em conta os diversos formatos que o capitalismo assumiu localmente, sem desconsiderar contextos históricos, sociais e econômicos específicos.

Nesse sentido, é importante não cair na armadilha de uma visão única ou simplista do passado, que frequentemente tenta reduzir a complexidade das realidades locais a um único modelo de desenvolvimento ou de funcionamento econômico, baseado na realidade dos corpos e lugares dominantes. Essa visão de “capitalismo único” ignora as variadas formas de inserção dos países ao sistema global, bem como as particularidades regionais que determinam as características que o capitalismo assumiu regionalmente. A ideia de “capitalismos múltiplos” sugere que o capitalismo não pode ser entendido de forma unilateral, pois sua manifestação em diferentes regiões do mundo tem efeitos divergentes, tanto em termos de crescimento econômico, quanto em termos de exclusão social e marginalização.

Assim como Lima (2002) e Zarankin (2004) destacam a importância de uma perspectiva centrada na percepção dos capitalismos, no plural, Salerno (2006) destaca a importância de estudar contextos periféricos no Mundo Moderno,

analisando como esse sistema se estruturou nas suas bordas, onde as interações e resistências se manifestam de formas distintas.

No caso da Antártica, a ambivalência da história do continente é um exemplo interessante. Embora a colonização do continente tenha sido impulsionada por interesses capitalistas, como a exploração de recursos animais para alimentar as demandas do mundo industrial em ascensão, as práticas dos grupos que habitaram ou trabalharam na região, como os foqueiros, lobeiros e baleeiros, apresentam nuances que desafiam uma interpretação simplista, posto que, muitas vezes, no seu cotidiano, afirmam modos tradicionais de relacionamento e negam preceitos modernos ou capitalistas, como hierarquia, segmentação, consumo etc. (Salerno, 2006).

A Antártica exemplifica como as fronteiras do sistema capitalista não são homogêneas e como as práticas de exploração podem se entrelaçar com resistências locais e com a criação de formas de sociabilidade que, embora baseadas em valores do sistema capitalista (como a hierarquia e a divisão do trabalho), também são influenciadas por outros elementos culturais.

Salerno (2006) expõe que a incorporação da Antártica ao mundo moderno exigiu emprego de estratégias destinadas a transformar este espaço num território governado por um sistema de poder. Dessa forma, com o objetivo de garantir a exploração e obtenção dos lucros, as empresas de caça de cetáceos tentaram reproduzir nesses locais diretrizes disciplinares utilizadas em outros contextos de produção capitalista, como a organização da produção (presente na distribuição dos grupos de caça ao longo das praias), a uniformização (expressa na semelhança funcional e organizacional dos grupos de operadores) e a diferenciação hierárquica (refletidas na figura de comandantes e outros cargos). Entretanto, o estudo das materialidades recuperadas nos sítios arqueológicos antárticos mostraram diversidades na organização do espaço em que estes grupos ficaram acampados. Embora os abrigos comumente apresentavam espaços diferenciados para o desenvolvimento de atividades produtivas e extra produtivas, nenhum dos acampamentos possuía áreas de quartos destinados a uma única pessoa e, da mesma forma, a maioria dos artefatos associados a atividades produtivas e extra produtivas eram para uso ou consumo comunitário, como álcool, tabaco, jogos de entretenimento e etc. (Salerno, 2006). Essas práticas foram entendidas pela autora como táticas por meio das quais foram criados códigos

diferentes daqueles impostos pelo sistema, onde as suas regras permitiram sustentar um estilo de vida comunitário com algumas condições de igualdade (Salerno, 2006).

Ou seja, a história da Antártica possui características paradoxais, onde as práticas de exploração capitalista se misturam com outras dinâmicas de poder, sobrevivência e identidade, desafiando, assim, a visão simplista de que as culturas dos trabalhadores em regiões periféricas são apenas reflexos diretos das estruturas globais de poder econômico.

Voltando aos contextos da arqueologia histórica, é importante destacar que embora a Arqueologia Histórica tenha o potencial de analisar processos históricos e trazer à tona histórias periféricas, principalmente partindo de um ponto de vista periférico, nem sempre ela colocou isso em prática. Na verdade, ao longo de sua história, ela destacou principalmente a vida daqueles que comandavam os lugares de poder, das grandes personalidades burguesas, de personagens de destacada importância política e pessoas com grande valia econômica, enquanto os subalternos permaneceram esquecidos e invisibilizados.

A fase inicial das pesquisas de Arqueologia Histórica era baseada nos princípios teóricos e metodológicos da arqueologia histórico-cultural, onde a maioria dos trabalhos acompanhavam projetos de restauração de monumentos históricos, porém, normalmente, subordinados à Arquitetura (Symanski, 2009). O ano de 1980 foi a década derradeira para a Arqueologia Histórica, pois, nesse momento, começaram a surgir novas perspectivas e abordagens que permitiram perceber o potencial da disciplina no estudo de grupos étnicos e subalternos, em recuperar memórias sociais, pesquisar práticas cotidianas e reinterpretar as ditas histórias oficiais. Apesar disso, a análise de sítios monumentais, como fortes, igrejas e palácios, não deixaram de ser contempladas, porém, investigações voltadas às populações esquecidas e oprimidas passaram a ganhar espaço. No Brasil, esse momento é marcado pelo estudo de Quilombos em Minas Gerais e Aldeamentos Indígenas missioneiros no Rio Grande do Sul (Symanski, 2009).

O potencial da Arqueologia Histórica em se aproximar de grupos subalternos dá-se, justamente, pela diversidade de fontes que ela pode utilizar, incluindo as escritas, materiais, imagéticas, orais e outras (Orser, 1996). Essa característica permite não só complementar as informações textuais, como também as contradizer e até trazer dados por elas não previstos.

A título de esclarecimento, informo que o conceito de materialidade nesse trabalho baseia-se em Carl Knappett (2014), o qual destaca a importância dos objetos materiais e como eles influenciam e moldam as interações humanas, as práticas sociais e as estruturas culturais. Knappett (2014) argumenta que a materialidade não é apenas sobre os artefatos, em si, mas também sobre as relações que as pessoas estabelecem com esses objetos e estes objetos estabelecem com as pessoas. A perspectiva inclui como eles são usados, percebidos e significados pelos humanos, mas, também, a agência que eles exercem na formação da experiência humana. O autor enfatiza que as coisas desempenham um papel ativo na construção de significados e nas relações sociais. Em suma, a materialidade envolve a interconexão entre pessoas e objetos, onde ambos influenciam e transformam um ao outro.

No momento em que a materialidade é utilizada como fonte de estudo e não apenas para ilustrar o que se encontra registrado nas fontes documentais escritas ou nas referências bibliográficas históricas, a Arqueologia assume seu potencial de acrescentar, contribuir e contradizer histórias esquecidas. O estudo da materialidade tem o potencial de trazer à tona novas informações que não são contempladas nas fontes oficiais, principalmente, devido às práticas de apagamento que normalmente subjazem à escrita desses textos. Assim, a análise da materialidade permite que a Arqueologia Histórica se aproxime, cada vez mais, dos grupos subalternos.

Mas quem é esse subalterno que a Arqueologia Histórica busca aproximar-se? Segundo Spivak (2010), o termo "subalterno" é derivado da teoria pós-colonial e se refere a indivíduos ou grupos que ocupam posições sociais, políticas e econômicas marginalizadas. A condição de subalternidade é a condição do silenciamento (Spivak, 2010, p.3), sendo assim, aqueles que são considerados subalternos não apenas carecem de poder, mas também de um espaço legítimo para se expressar. Essa falta de "voz" não é apenas uma questão de ausência de fala, mas de um sistema que deslegitima suas experiências e perspectivas.

A representação desse ser subalterno frequentemente se dá através de uma lente distorcida, já que os esforços para ouvir as vozes dos subalternos, normalmente, resultam em sua coisificação (Spivak, 2010). Este fenômeno ocorre, em parte, devido à apropriação de suas histórias por intelectuais e ativistas que,

sem compreender a complexidade das realidades subalternas, acabam por reforçar as estruturas de opressão.

As tentativas de "dar voz" aos subalternos falham, não apenas devido à falta de compreensão, mas também pela incapacidade das estruturas de poder em acolher essas vozes. Essa questão desafia, também, a suposição de que é possível representar adequadamente o outro sem uma análise crítica do próprio papel e do contexto em que se está inserido.

As implicações do entendimento do subalterno de Spivak (2010) são importantes tanto para a teoria acadêmica, quanto para a prática ativista. Para os acadêmicos, mostra a necessidade de um exame crítico das narrativas que dominam o discurso; para os ativistas, sugere que os esforços para ajudar os subalternos devem ser fundamentados em uma escuta genuína e em uma disposição para confrontar as dinâmicas de poder existentes. O desafio é, portanto, não apenas ouvir, mas também entender as complexidades do que está sendo dito.

Neste contexto, é fundamental ressaltar o papel da arqueologia na reinterpretação desses grupos, que, ao longo da história, foram sistematicamente marginalizados na produção de narrativas dominantes, frequentemente excluídos dos processos de escrita e das formas tradicionais de registro histórico. A arqueologia, ao se voltar para os vestígios materiais deixados por esses indivíduos e comunidades, oferece uma janela crucial para entender a sua realidade, suas práticas cotidianas, crenças, estruturas sociais e etc.

Através da análise da materialidade é possível recuperar fragmentos da história e as vozes dos subalternos, no qual, os vestígios tornam-se veículos de expressão das experiências de grupos historicamente silenciados. Ao contrário das narrativas oficiais, frequentemente centradas nos relatos dos poderosos e letrados, a arqueologia tem o potencial de promover uma escuta mais profunda das histórias não registradas, onde a subjetividade e a ancestralidade emergem não por meio da palavra escrita, mas por meio daquilo que foi produzido, utilizado e, por vezes, descartado.

É exatamente esse subalterno que está no cerne das inúmeras reflexões que justificam o desenvolvimento desse trabalho, no qual abrange diversas áreas, tanto acadêmicas quanto não acadêmicas, refletindo a necessidade urgente de

uma reavaliação das narrativas históricas oficiais sobre a ocupação humana da Antártica.

A Antártica, tradicionalmente concebida como um continente branco e dominado por histórias de exploradores brancos, representa uma construção cultural que ignora a diversidade de experiências humanas. Essa visão unidimensional não é acidental; ela se insere em um contexto mais amplo de "embranquecimento", que permeia a história moderna e serve para silenciar e marginalizar as contribuições de corpos pretos e outras vozes subalternas.

Ao perpetuar a ideia de que apenas homens brancos, corajosos e destemidos, dignos de liderança e aventura, moldaram a história da Antártica, reforça-se uma narrativa que, além de ser excludente, naturaliza as relações de poder que perduram até hoje. Essa construção histórica não só minimiza as experiências de pessoas comuns como protagonistas dos contatos humanos com o continente, como também de pessoas negras, as transformando em figuras invisíveis nas vitrines da história, ocultando seu impacto significativo e suas lutas.

O trabalho de Arqueologia Antártica, realizado há cerca de 30 anos pelo LEACH-UFMG, e coordenado pelo prof. Dr. Andres Zarankin, tem reescrito a história do continente, colocando como protagonistas os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros. Essa pesquisa justifica-se por destacar uma história da Antártica mais plural e democrática. O meu projeto soma-se a essas investigações, destacando, contudo, a presença de corpos negros entre estes grupos marginalizados.

Este trabalho, portanto, propõe uma reinterpretação da história antártica que reconheça e valorize a ancestralidade e a contribuição de homens e mulheres negras. A versão que será contada não é apenas rica em nuances e complexidade, mas também crítica e sensível. Ela busca iluminar as experiências de vidas que foram silenciadas, resgatando a multiplicidade de vozes que compõem a história do continente. Dessa forma, este trabalho não apenas contribui para um campo acadêmico mais inclusivo, mas também promove uma reflexão necessária sobre a construção das narrativas históricas e sua repercussão nas sociedades contemporâneas.

2. Metodologia

A palavra metodologia tem origem no latim "methodus", que significa "maneira de ir ou de ensinar". Em essência, a própria etimologia da palavra é branca e seus pressupostos também, já que sua origem linguística é grega. Isso significa que esta palavra, assim como muitas outras na língua portuguesa, carrega uma herança cultural europeia. Em vista disso, como uma forma de subversão e para manter a coerência com o capítulo anterior, sugiro para a minha pesquisa, uma metodologia Preta, com postulados pretos, pensados, preferencialmente (e não exclusivamente) por mentes pretas e femininas.

Assim sendo, o desenvolvimento deste trabalho compreendeu a pesquisa de referências bibliográficas sobre a história das primeiras ocupações humanas da Antártica, análise de fontes documentais escritas e imagéticas disponibilizadas online sobre baleação e, principalmente, análise de materiais antárticos oitocentistas salvaguardadas no LEACH/UFMG a partir de uma perspectiva afro diaspórica.

Ou seja, a pesquisa tem uma forte ênfase no estudo bibliográfico e documental, mas também tem o desafio de associar trabalhadores negros com a materialidade recuperadas em sítios arqueológicos, compreendendo, portanto, o meu deslocamento a Belo Horizonte para realizar a análise de materiais¹². A seguir irei especificar, com detalhes, como cada uma dessas atividades foi desenvolvida.

2.1. Estudos bibliográficos

Os estudos bibliográficos foram conduzidos por meio da leitura ativa e crítica de uma variedade de fontes acadêmicas nacionais e internacionais sobre o tema da baleação e história dos grupos foqueiros e lobeiros. Isso incluiu a análise de livros especializados sobre o assunto, teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias e artigos científicos publicados em periódicos relevantes, bem como livros e capítulos de livros (Salerno, 2006; Cruz, 2019; Putney, 1987; Malloy, 1990; Madisson, 2014; Philbrick, 2002; Hartman, 2020; Alkmin, 2015). Essas fontes foram acessadas, sobretudo, através de acervos digitais e repositórios acadêmicos, disponíveis pelo LEACH-UFMG no seu academia.edu¹³.

¹² Este deslocamento teve apoio financeiro por parte do projeto "Novas perspectivas em Arqueologia Antártica: atividades de mediação entre arqueólogos/as e não-arqueólogos/as", que recebeu auxílio do Edital Universal 2023 do CNPQ e custeou minhas passagens de ida e volta.

¹³ Link de acesso: <https://ufmg.academia.edu/LEACHUFMG> Acessado em: 16/12/2024

Após a leitura das fontes bibliográficas selecionadas, foi realizado o fichamento sistemático das ideias principais e dos dados relevantes contidos em cada texto. Esse processo visou facilitar o intercruzamento das informações, permitindo uma síntese mais robusta e fundamentada e promoveu uma compreensão aprofundada e integrada dos estudos existentes.

Também foram realizadas leituras bibliográficas sobre Arqueologia e iconografias afro-diaspóricas e arqueologias negras, a fim de fundamentar teoricamente o estudo e tecer comparações analíticas com o material a ser analisado (Lima, 2023; Symanski, 2010; Fukui, 2001).

2.2. Fontes Documentais

As pesquisas documentais foram conduzidas por meio de uma análise crítica e detalhada de documentos históricos relacionados às populações lobeiras, foqueiras e baleeiras. A investigação se concentrou em duas etapas: a primeira foi desenvolvida a partir das fontes documentais disponíveis no acervo do LEACH-UFMG, incluindo, neste caso, o estudo de logbooks, cadernos de bitácora e diários de bordo, que consistem em registros das atividades realizadas à bordo de embarcações envolvidas na caça de baleias, focas e lobos-marinhos (Logbook Aurora, 1820; Diário Ames, 1821, Diario Goodridge, 1820; Logbook Cora, 1820). Esse material permitiu entender um contexto mais amplo e detalhado sobre as operações e as condições sociais e econômicas dessas comunidades, além de auxiliar na construção de um panorama compreensivo e fundamentado sobre as práticas e transformações históricas dessas populações.

A segunda etapa da pesquisa documental consistiu no exame minucioso de listas de tripulações de navios baleeiros que se dirigiram à Antártica. Estas listas estão disponíveis nos acervos digitais dos sites: New Bedford Whaling Museum acessível em "<https://www.newbedford-ma.gov/library/whaling-database/>" e Mystic Seaport Museum acessível em "<https://mysticseaport.org/>" e também foram transcritos por Cruz (2019) na sua tese de doutorado, estando disponibilizadas por ela no anexo da sua pesquisa.

O New Bedford Whaling Museum, localizado em Massachusetts, foi estabelecido por descendentes de marinheiros e moradores da cidade, que tem forte tradição marítima. Motivados pelo desejo de preservar e compartilhar o legado

histórico de seus antepassados, esses cidadãos iniciaram a criação de um acervo abrangente que reúne uma rica coleção de documentos históricos, incluindo diários de bordo, listas de tripulação, fotografias e materiais de trabalho, que foram coletados e preservados a partir das materialidades deixadas pelos baleeiros que lá viviam.

O mystic Seaport Museum, localizado próximo ao Rio Mystic, em Mystic, Connecticut, é um dos maiores museus marítimos da América do Norte, o qual busca manter viva a história dos marinheiros norte-americanos. Ele apresenta um acervo eletrônico excepcional de mais de 2 milhões de artefatos. As coleções variam de pinturas marinhas, scrimshaw, ferramentas, plantas de navios, um arquivo de história oral, extensas gravações de filme e vídeo e mais de 1 milhão de fotografias — incluindo a incomparável Coleção Rosenfeld, que é um dos maiores arquivos de fotografias marítimas dos Estados Unidos. Esta coleção de quase um milhão de peças que documenta o período de 1881 a 1992. As imagens são capturadas em uma variedade de formatos, de negativos de placas de vidro a transparências coloridas e de impressões brilhantes a murais fotográficos. O acervo também abriga a Biblioteca GW Blunt White, com aproximadamente 75.000 documentos de diversos tipos.

As informações encontradas nestes websites foram então utilizadas para inter cruzar com as informações disponíveis no livro “Antarctic Sealing Voyages (1786 to 1922)”, escrito por R.K. Headland (2009). Esse livro consiste numa extensa lista de navios que foram até o continente Antártico, com informações básicas como: Ano, Porto de Origem, Nome do capitão, Nome do navio além de algumas outras informações adicionais. Entrecruzando as duas fontes, será possível levantar dados originais sobre pessoas pretas embarcadas nos navios que rumaram a Antártica, posto que os dados do New Bedford Whaling Museum falam de baleação no geral e os dados de Headland (2009) especifica quais destes navios foram ao continente antárticos.

Embora as listas de tripulação, logbook e diários de bordo presentes nos sites mencionados representassem uma fonte valiosa de dados, nem todos os documentos estavam adequadamente digitalizados, o que dificultava o acesso às informações. Além disso, os documentos escaneados, por si só, não eram suficientes para garantir que as informações necessárias fossem extraídas por mim de maneira eficaz. Isso ocorreu porque a tradução e interpretação desses

investigação dos documentos que compõem este TCC. Dessa forma, utilizei as listas de tripulação, diários de bordo e logbooks presentes na tese da autora e colocoarei em anexo (Anexo II) as tabelas apresentadas em seu estudo.

2.3. Análises Materiais

Depois do capítulo teórico, essa foi a segunda parte da pesquisa mais desafiadora para mim. Não existe um método ou fórmula pré-estabelecida para que eu possa aplicar a esse estudo, não há uma ficha de análise pronta que eu possa me basear e nem um caminho já percorrido, assim, tive que ir construindo, junto com minha orientadora, o passo a passo de como encontrar esses marinheiros negros na materialidade recuperada em sítios arqueológicos antárticos.

A materialidade é uma fonte muito importante de informação, não só como um método para corroborar com documentos escritos, mas também como fonte alternativa de dados. Parto da premissa que os vestígios arqueológicos têm o potencial de indicar a presença de corpos pretos no continente Branco através de marcas, símbolos e usos específicos à eles associados. Partindo disso, é importante lembrar o poder da materialidade em contar histórias alternativas e revelar narrativas que normalmente são esquecidas ou excluídas dos trabalhos baseados exclusivamente no registro escrito. No caso dos estudos antárticos, cabe lembrar que os foqueiros, lobeiros e baleeiros eram, na sua maioria, pessoas periféricas e analfabetas, logo, a escrita não era sua principal fonte de registro, já a materialidade, tratam-se de coisas que eles fabricaram ou adquiriram, usaram e descartaram, portanto, são fontes mais democráticas de informações sobre suas vidas.

Diante do exposto, a análise dos vestígios recuperados no solo e subsolo do continente Antártico salvaguardados no LEACH está alicerçada em 3 abordagens (estratégias) principais:

2.3.1. Levantar marcas específicas (íconografias) nos vestígios que corroborem a estadia de pessoas afro-diaspóricas na Antártica.

Um símbolo usualmente citado em vestígios associados a presença afrodiaspórica é o cosmograma bakongo que, em síntese, trata-se de uma espécie de mandala, também conhecida como "Diekenga" (Symanski, 2010), que representa, simbolicamente, os grandes ciclos do sol, da vida, do universo e do tempo (Magalhães, 2018).

O Cosmograma bakongo é representado por um círculo ao centro e uma cruz que o divide em quatro etapas. A linha horizontal separa o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Esse círculo, dividido por uma cruz (que é anterior à chegada do cristianismo na Região do Congo), pretende representar a existência humana como um grande ciclo dividido em quatro etapas, pela linha de Kalunga, integrando o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (Magalhães, 2018).

Segundo Bunsei Fu-Kiau (2001), a criação do mundo, a vida humana e os grandes processos sociais são explicados através deste cosmograma, que funciona como uma grande metáfora do ciclo vital. O autor congolês retifica que Musoni, em amarelo, é o tempo de germinar, do crescimento silencioso que antecede o nascimento. Após o nascimento, acontece Kala, representado pela cor preta, que é o tempo de crescimento e aprendizado. Com o amadurecimento, vem Tukula, em vermelho, simbolizando o ápice da liderança e da força, quando a linha vertical faz a conexão direta com o mundo dos ancestrais. Após o que representa o sol ao meio dia, que se inicia o processo de decadência, que inevitavelmente levará à morte física, chamada de Luvemba, que é representado pelo branco dos ossos, do pó, deste tempo de silêncio, que antecede outro grande ciclo vital comum na natureza.

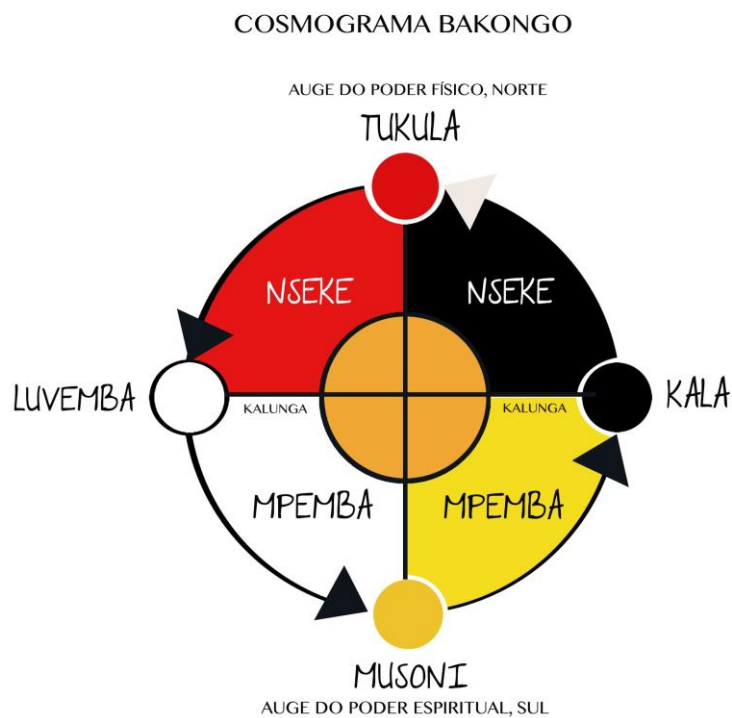


Figura 2: Representação com cores do cosmograma bakongo Fonte: site Terreiro dos Griôs¹⁵

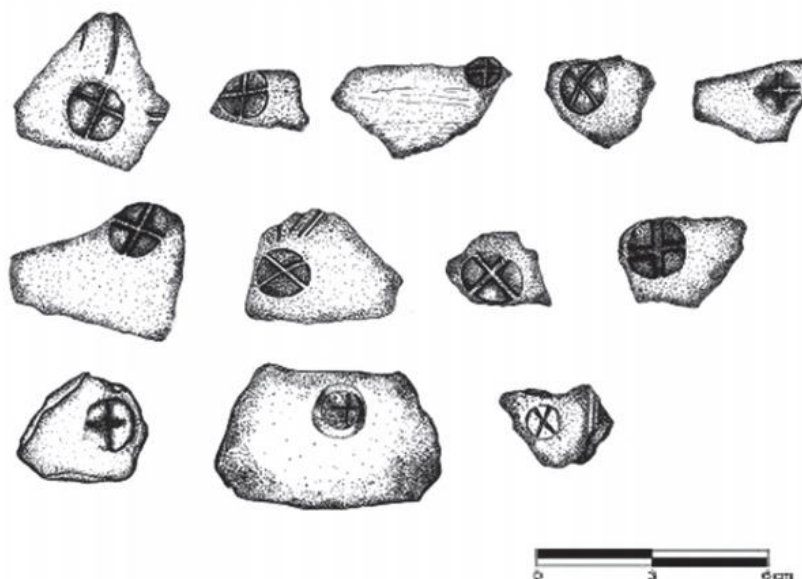


Figura 3: Fragmentos cerâmicos encontrados na Chapada dos Guimarães (MT) apresentando apliques circulares com cruz incisa, possível representação de cosmograma bakongo. Fonte: Symanski (,2010, p.304).

¹⁵ Link de acesso: <https://terreirodegriôs.wordpress.com/2020/08/15/os-quatro-ciclos-do-dikenga/>
Acessado em: 15/08/2024



Figura 4. Representações do cosmograma BaKongo em diferentes objetos recuperados no Cais do Valongo: fragmentos de vasilhames cerâmicos, fundo de uma tigela de louça, cachimbo de barro, cabo de talher de osso, cabo de colher de estanho e ficha de jogo de faiança inglesas.
Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p.138).

Esse símbolo vem sendo identificado por arqueólogos e arqueólogas em diferentes contextos mundiais, sendo muito comum sua menção em sítios associados a grupos escravizados. No Brasil, Symanski (2010) os identificou em cerâmicas localizadas nos sítios dos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). Neste caso, o autor afirma que eram representações de cosmogramas bakongo. Tania Andrade Lima (2023) também identificou várias formas dessa representação de cosmograma bakongo em objetos distintos encontrados dentro do sítio arqueológico Cais do Valongo.

Nos EUA, o autor L.G Fergunson (2006) identifica este símbolo junto de vários vasos de Colono Ware, encontrados na Carolina do Sul e Virgínia, muitas das tigelas rasas e comuns dessa tradição eram incisadas no fundo com um 'X', um 'X' fechado em um círculo ou um "X" com braços estendidos para fora, como uma suástica invertida. Essas marcas são frequentemente encontradas no interior e na base dos vasos, em vez de na parte externa, o autor interpreta essas cruzeiras como símbolos da cosmologia africana Bakongo.

Além das cruzes e dos Xs, há também se percebe a presença de espirais em objetos atribuídos aos escravizados. Ocorre que entre os Bakongo, a jornada do sol é representada por uma espiral, símbolo cosmológico, ela é a força vital que emana da entidade criadora e rege os seres vivos em um movimento espiralado, mostrando que a vida não tem princípio e nem fim, é eterna (Fu-Kiau, 2001). Este símbolo em espiral foi identificado em vestígios cerâmicos recuperados no Sítio arqueológico Assembleia, por Lima (2023). Neste caso, o símbolo não foi produzido pelos grupos afro diaspóricos, estas louças são faianças, possivelmente fabricadas em Portugal, todavia, passaram por um processo de reciclagem, no qual seus fragmentos foram lapidados para assumir o formato triangular e foram escolhidas a parte espiraladas da faiança para estar no centro da nova peça.

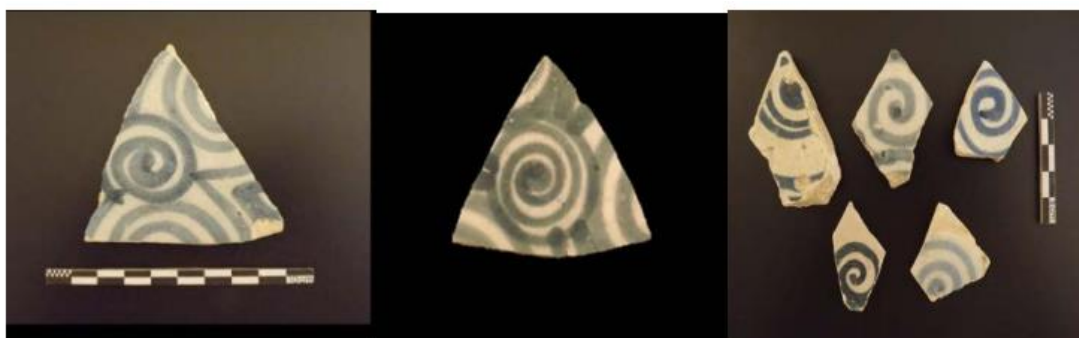


Figura 5: Fragmentos de faianças portuguesas com o motivo da espiral, recortados em forma de triângulos, com a espiral no centro. Proveniência: Sítio Assembleia Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p. 145.)



Figura 6: À esquerda, fundo de vasilhame cerâmico em miniatura, marcado com uma espiral. À direita, a espiral incisa em fragmentos de vasilhame cerâmico. Recuperados no Cais do Valongo. Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p. 143.)

Tendo em vista que estes grupos afro diaspóricos estão deixando marcas na materialidade nos lugares onde frequentavam, minha proposta é buscá-las entre os vestígios arqueológicos antárticos.

2.3.2. Identificar itens ou símbolos relacionados à religiosidade de matriz africana que corroborem a estadia de pessoas afro-diaspóricas na Antártica

Algumas pesquisas arqueológicas recentes vêm recuperando evidências materiais que representam a expressividade preta em relação às suas práticas espirituais de matriz africana.

As religiões de matriz africana no Brasil apresentam uma complexidade e singularidade notáveis, resultado de um processo histórico de sincretismo cultural. Desde a chegada dos africanos escravizados e seus descendentes, essas tradições religiosas interagiram com as crenças cristãs e elementos do espiritismo, criando uma teia rica de significados e práticas. O sincretismo não se limitou a uma mera sobreposição de crenças, mas resultou em uma reinterpretação dinâmica das cosmovisões africanas, que se adaptaram ao contexto brasileiro.

Dentro desse contexto, a materialidade ligada a essas religiões é muito rica no Brasil e está ligada a diversos contextos arqueológicos, como exemplo, um pequeno crânio humano, feito de cerâmica, com engobo vermelho e pintura corporal branca (Figura 4), encontrado no sítio Assembleia (RJ), datado dos séculos XVII/XVIII. Este vestígio foi submetido à análise da conceituada ialorixá Mãe Edelzuíta de Oxaguian, que ao examiná-lo com seus olhos guiados pela religião de matriz afro-brasileira, logo explicou com absoluta segurança que não se tratava de um crânio, mas de uma cabeça raspada que tem muita força e energia. Segundo ela, representava o ritual de iniciação de uma pessoa no candomblé, ocasião em que a cabeça é depilada e pintada de branco com efun¹⁶ (Lima, 2023).

¹⁶ O efun é um giz branco, também conhecido como pemba, que é utilizado em pinturas iniciáticas e em desenhos sagrados. É normalmente associado a equilíbrio, paz, tranquilidade e paciência.



Figura 7. Cabeça de cerâmica pintada recuperada no Sítio Assembleia. Fonte: Lima (2023, p 130)

Outro vestígio encontrado no mesmo sítio são alvas de búzios, utilizadas na África como moeda corrente e como adereços, normalmente, são colocadas em objetos devocionais, simbolizando força, sabedoria e poder. Nas religiões afro-brasileiras, os búzios integram, com destaque, ritos de iniciação e também os assentamentos dos orixás (Lima, 2023).



Figura 8. Valvas de búzios da espécie *Monetaria moneta*, encontradas no Cais do Valongo, tanto íntegras quanto com a protuberância dorsal cortada, configurando a prática divinatória do Ifá
Fonte: Tania Andrade Lima (2023, p. 132).

Essas materialidades também existem em sítios arqueológicos afro diaspóricos da América do Norte, no entanto, esses objetos são bem diferentes em número e em contexto. Dois tipos de objetos parecem apontar mais claramente para as raízes religiosas africanas dos escravizados Estadunidenses, que são vasos de cerâmica de barro e pequenos punhos ornamentais de latão (Orser, 1994).



Figura 9: Fragmentos de cerâmica coloneware decoradas, retiradas do sítio arqueológico Heyward-Washington House em 1970. Fonte: site The Charleston museum¹⁷

Os pequenos amuletos de bronze em forma de punho, encontrados no The Hermitage, a casa de plantação do presidente Andrew Jackson, no início do século XIX, caracterizam-se por amuletos recuperados durante as escavações realizadas nos depósitos de cabanas de escravizados da propriedade, o que, dado o contexto temporal anterior à Guerra Civil Americana, torna plausível sua associação com práticas espirituais dos escravizados. Os punhos são pequenos em tamanho e são feitos de uma liga de cobre estampada; dois deles apertam anéis e o terceiro incorpora um gancho. Esses objetos de punho são semelhantes às figas, usadas ainda hoje, em toda a América, como amuletos de proteção e boa sorte (Orser, 1994).

¹⁷ Link para o site: <https://www.charlestonmuseum.org/news-events/a-rouletted-colonware-sherd-from-the-heyward-washington-house/>. (29/09/2024)

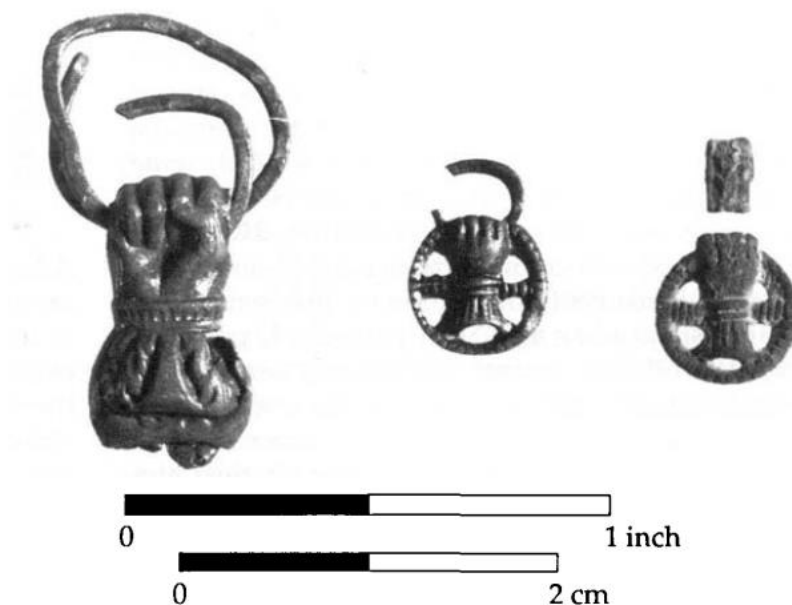


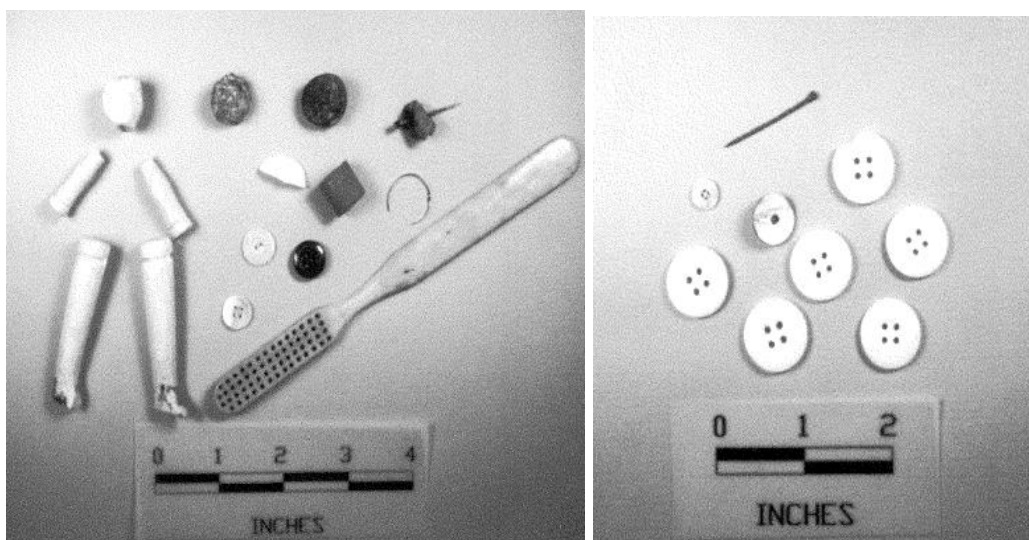
Figura 10: Três amuletos de punho encontrados em The Hermitage, Tennessee, datados de 1820 -1850. Fonte: Orser (1994 p 39).

Há, ainda, a ocorrência de arranjos de coisas enterradas intencionalmente ou escondidas embaixo de edificações, mais precisamente, sob alicerces, pisos, nos cantos de cômodos, batentes de portas e vãos de janelas, ou seja, por onde pessoas (e também, segundo estas crenças, espíritos) transitavam. Trata-se de associações entre objetos de uso cotidiano (pregos, alfinetes, botões, fragmentos de louças, cerâmicas, garrafas, panelas, talheres, bonecas, contas, moedas, etc.), materiais orgânicos (ossos e dentes animais, unhas, cabelo humano, sementes, raízes, vegetais, etc.) e inorgânicos (seixos de rochas variadas, cristais de quartzo, conchas, giz, etc.). Revestidos de conotação espiritual, cada um desses elementos é entendido como portadores de uma essência e de uma força. Reunidos e dispostos em lugares estratégicos, assumem propósitos espirituais com o objetivo de capturar espíritos e direcioná-los para a proteção e cura de quem os invoca (Brace, 2019).

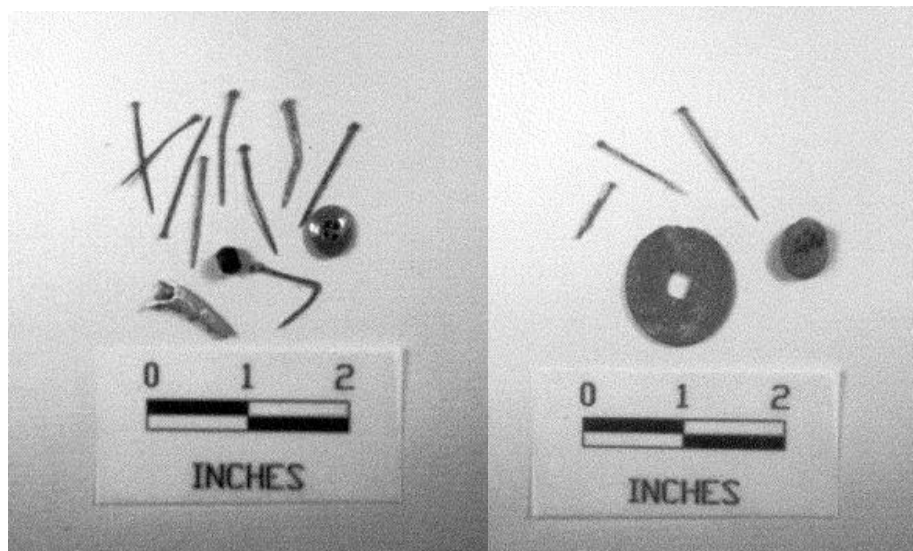
Em Charles Carroll House, residência urbana de um dos signatários da Declaração da Independência dos Estados Unidos, em Annapolis, Maryland, foram encontrados cristais de quartzo, um seixo polido negro, contas, discos de concha, alfinetes, botões e moedas perfuradas enterrados sob o piso, no canto de um cômodo ocupado por escravizados. Emborcada sobre eles, foi colocada uma malga em pearlware, com um asterisco azul no fundo. Esses objetos, datados do início do século XIX, foram interpretados como *cache* (Brace, 2019), itens cuidadosamente escolhidos para invocar forças sobrenaturais para fins de cura e

proteção. No outro lado da parede desse cômodo ficava a cozinha principal da casa grande e sob sua lareira foi encontrado um único e enorme cristal pesando algumas gramas, além disso, um conjunto de três cristais foi descoberto em outro aposento menor adjacente, por baixo de um umbral¹⁸.

Segundo Leone (2005), os caches não se tratam de mero lixo e nem de algo ao acaso, mas de práticas originárias da África, mantidas por afro-americanos. Do outro lado da rua, próximo à Charles Carroll House, uma outra pesquisa na Slayton House, do final do século XVIII, recuperou sete caches enterrados em espaços de trabalho dos escravizados (Leone, 2005). Esses cômodos continham uma parafernália de objetos, os mais tardios datados de depois do último quartel do século XIX, adentrando o XX, o que estaria relacionado a trabalhadores livres. Isso significa que essas práticas teriam sido mantidas mesmo com o fim da escravidão.



¹⁸ Umbral é a peça de madeira ou laje de pedra que se coloca na parte inferior de uma porta, no nível do chão ou ligeiramente acima. É popularmente conhecido também como soleira ou batente.



Figuras 11 a 14: Caches retirados do sítio arqueológico Slayton House Fonte Brace, (2019 p 24 a 28)

Os vestígios culturais deixados pelos escravizados e seus descendentes representam não apenas manifestações de suas vivências, mas também um rico legado de suas práticas religiosas e crenças. Esses traços, que podem ser observados em diversas formas, como artefatos, rituais e expressões artísticas, oferecem um panorama das dinâmicas sociais e espirituais que persistiram mesmo diante da opressão.

Na presente pesquisa, propomos explorar a Antártica em busca de vestígios que podem se relacionar com tradições de resistência e espiritualidade de matriz africana. A análise desses elementos, aliada a debates contextuais, permitirá um aprofundamento nas intersecções entre estas culturas, revelando conexões inesperadas que enriquecerão a compreensão das identidades culturais em um contexto global. Este tema será desenvolvido de forma mais abrangente e crítica em um trabalho futuro (possivelmente durante o mestrado), porém escolhi já o enunciar neste TCC.

2.3.3. Discutir a materialidade pensando as práticas sociais que elas materializam e, a partir daí, associar a corpos pretos que as teriam manipulado

O protocolo de análise dos vestígios arqueológicos do LEACH-UFMG baseou-se num exame crítico destes materiais, discutindo práticas sociais e não os materiais individualmente (Soares, 2020). Tendo em vista essa associação já realizada entre vestígios e as práticas sociais, no meu TCC busquei vincular as

peças e suas práticas sociais correlatas, com as pessoas que os manusearam, mapeando, previamente, profissões de marinheiros afro diaspóricos que se deslocaram ao continente.

O estudo da materialidade, nesse caso, depende das informações previamente levantadas nas listas de tripulação de navios que rumaram ao continente, nas quais, busquei identificar as ocupações e ofícios desempenhados pelos indivíduos negros no contexto da baleação. Assim, minha ideia é correlacionar as profissões destes marinheiros com a materialidade específica encontrada no acervo LEACH, que pode incluir artefatos e objetos relacionados ao contexto de trabalho desses indivíduos.

Através dessa análise, pretendemos explorar como as funções profissionais exercidas por essas pessoas impactaram ou se refletiram na presença e no uso desses artefatos. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda das interações entre o trabalho, a identidade racial e a materialidade cultural preservada, contribuindo para uma visão mais detalhada da dinâmica social do período em questão.

Como exemplo, mais uma vez, cito Cruz (2019), que fala um pouco sobre a profissão de cozinheiro entre as populações negras na baleação:

Como pode ser observado, os marinheiros, quase sempre, eram da região ou do porto de saída dos navios, salvo casos de pessoas estrangeiras. Dentre essas 180 pessoas, quantas eram afro-americanas? Para poder examinar essa questão com maior profundidade, considerei o trabalho feito por Martha Putney (1987), que realizou um estudo a partir das listas de tripulação da região a fim de examinar a presença de marinheiros afrodescendentes. Para tanto, a estudiosa aponta algumas palavras utilizadas para identificar esses marinheiros nas listas de tripulação: african, colored black, yellow/wolly e brown. Em alguns casos, era utilizada a expressão no proofs, que consistia principalmente em pessoas estrangeiras ou afro-americanas que eram cozinheiros ou stewards nos navios (Putney, 1987 Apud Cruz, 2019, p.179).

Nessa passagem, Cruz (2019) enfatiza estudos que mostram a existência de homens negros em cargos de cozinheiros ou Stewards em navios baleeiros. Se essa função normalmente fosse desempenhada pela população preta, podemos supor que utensílios de cozinha, como talheres, panelas, vestígios de fogões e outros poderiam estar sendo utilizados por eles. O trabalho busca, assim, propor tais associações, entre materiais, práticas sociais, profissões e pessoas negras.

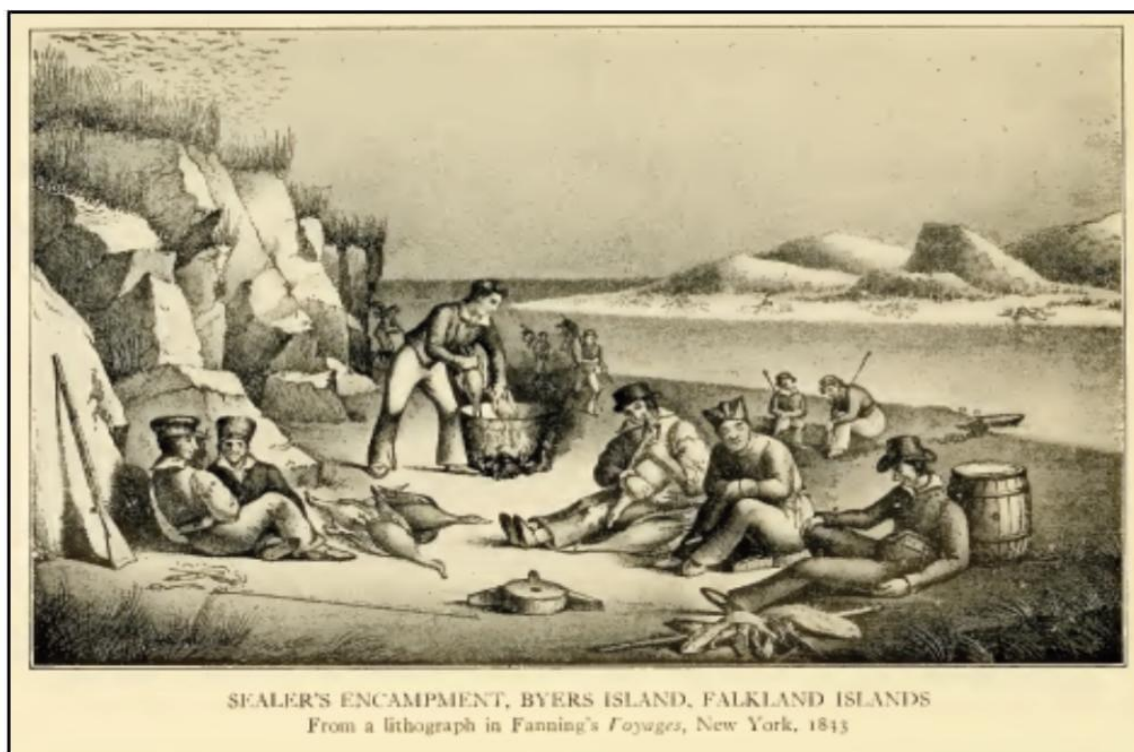


Figura 15: Homens cozinhando em acampamento de caçadores de focas, ilhas byers. litografia em Fanning's Voyages. Fonte: Cruz, (2014, p.156)

2.3.4. As fichas de análise

Tendo em vista as informações anteriormente levantadas e para melhor sistematizar a minha coleta de dados, elaborei 2 fichas de análise que me auxiliaram na busca por marcas ou objetos que eu poderia associar a grupos afro diaspóricos entre os foqueiros, lobeiros e baleeiros.

A ficha 1 foi elaborada visando analisar os itens individualmente em busca de marcas iconográficas, decorações ou inscrições que pudessem ter ligação com grupos afro diaspóricos. A ficha contém os seguintes atributos:

FICHA DE ANÁLISE DE MATERIAIS ANTÁRTICOS				
1. IDENTIFICAÇÃO				
1.1. SÍTIO	1.2. INVENTÁRIO	1.3. PEÇA	1.4. UNIDADE ESCAVAÇÃO	1.5. NÍVEL
2. MATERIAL	3. TIPO DA PEÇA	4. MARCAS/ICONOGRAFIA		
		4.1 COSMOGRAMA BAKONGO		

5. ITENS DE RELIGIOSIDADE		6. INSCRIÇÕES	7. DECORAÇÃO	8. PRÁTICAS SOCIAIS
9. ANÁLISES ASSOCIADAS	10. DATAÇÃO	11.MEDIDAS (Tamanho e Peso)	12. MEDIDAS DAS MARCAS E INSCRIÇÕES	
13.DESCRICÃO DETALHADA:				

Tabela 1: Tabela contendo os atributos presentes na ficha de análise 1 da pesquisa

Os atributos da ficha podem ser resumidos da seguinte forma:

1.1. SÍTIO: Este item busca apresentar o local geográfico onde o objeto foi encontrado, ou seja, o sítio arqueológico.

1.2. INVENTÁRIO: Aqui foi onde inseri o número de inventário da peça estudada, no qual consiste em um código numérico de 8 dígitos estipulados pela equipe de Conservação do LEACH-UFMG.

1.3. PEÇA: Esta seção refere-se a um código criado por mim para identificar as peças além do número de inventário. Neste caso, decidi utilizar conjuntos de duas.

1.4. UNIDADE ESCAVAÇÃO: Aqui insere a unidade de escavação onde foi encontrado o material estudado, no caso, qual quadrícula, trincheira, sondagem etc.

1.5. NÍVEL: Refere-se ao nível estratigráfico do subsolo onde a peça foi encontrada.

2. MATERIAL: Esta seção descreve o material do qual a peça é feita, como cerâmica, metal, rocha, osso, vidro, etc.

3. TIPO DA PEÇA: Aqui, a peça é classificada de acordo com sua forma, por exemplo: Garrafa, cachimbo, colher, munição e etc.

4. MARCAS/ICONOGRAFIA: Neste item, busco analisar a possibilidade de existir marcas iconográficas nos materiais analisados. A resposta é ausente ou presente.

4.1. COSMOGRAMA BAKONGO: esta seção, vinculada ao item anterior, busca especificar as marcas procuradas, neste sentido, utilizo categorias como: marca de Cruz, marca em X, marca em Espiral e etc.

5. ITENS DE RELIGIOSIDADE: Essa seção visa relacionar os itens materiais a um papel em práticas religiosas, como amuletos, figuras sagradas, objetos de culto ou outros itens associados a rituais ou crenças espirituais.

6. INSCRIÇÕES: Esta seção documenta a presença, ou ausência, de inscrições textuais na peça.

7. DECORAÇÃO: Aqui são analisados os elementos decorativos presentes na peça em busca de ligações com a cultura afro. A decoração pode incluir padrões, formas geométricas, figuras estilizadas ou outras marcas. Não é um elemento da estrutura do objeto, mas um aspecto decorativo.

8. PRÁTICAS SOCIAIS: Esta parte se foca em como a peça ou os objetos associados à escavação podem refletir práticas sociais, nesse sentido, utilizo categorias como: vestir, calçar, beber, jogar e etc.

9. ANÁLISES ASSOCIADAS: Refere-se às análises adicionais realizadas sobre o objeto ou o contexto, como exames físico-químicos, análises de micro vestígios e outros.

10. DATAÇÃO: Nesta seção, se houver, é registrada a datação do artefato.

11. MEDIDAS (Tamanho e Peso): Aqui, são registradas as dimensões físicas da peça, como comprimento, largura e altura, assim como seu peso.

12. MEDIDAS DAS MARCAS E INSCRIÇÕES: Caso existam marcas ou inscrições na peça, são registradas suas dimensões, como comprimento, largura e altura da marca.

13. DESCRIÇÃO DETALHADA: A descrição detalhada fornece uma narrativa abrangente sobre o objeto, incluindo suas características físicas, possíveis funções, contextos de uso e qualquer outro aspecto relevante que ajude a entender a peça no contexto arqueológico. Esta seção inclui observações sobre o estado de preservação do objeto e qualquer peculiaridade que mereça atenção.

A ficha 2 foi elaborada para analisar coletivamente os materiais antárticos a fim de discutir a materialidade pensando as práticas sociais que elas materializam e, a partir daí, associar a corpos pretos que as teriam manipulado, assim que suas profissões fossem levantadas. A ficha apresenta os seguintes aspectos:

Espaço para Foto do material	1. SÍTIOS:
	2. NÚMEROS DE INVENTÁRIO:
	3. PRÁTICA SOCIAL
	4. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO:
	5. NOME DAS PEÇAS:
	6. QUANTIDADE DE PEÇAS:
	7. MATERIAL:
	8. TIPO DE PEÇAS:
	9. DATAÇÃO:
	10. ANÁLISES ASSOCIADAS:
	11. MARCAS:
	12. DESCRIÇÃO DETALHADA

Tabela 2: Tabela contendo os atributos presentes na ficha de análise 2 da pesquisa

Os atributos da ficha 2, no qual alguns itens presentes na ficha 1 se repetem, podem ser resumidos da seguinte forma:

1. SÍTIOS: Este item busca apresentar os locais geográficos onde os objetos, do conjunto, foram encontrados, ou seja, os sítios arqueológicos.

2. NÚMEROS DE INVENTÁRIO: Aqui foi onde inseri os números de inventário das peças do conjunto estudado.

3. PRÁTICA SOCIAL: Esta parte se foca em como as peças do conjunto tornam concreto práticas sociais, nesse sentido, utilizo categorias como: vestir, calçar, beber, jogar e etc.

4. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO: Esta seção refere-se a um código criado por mim para identificar o conjunto material, neste caso, decidi utilizar um número sequencial, partindo do 1.

5. NOME DAS PEÇAS: Esta seção refere-se a um código criado por mim para identificar as peças individualmente (conjuntos de duas ou três letras). Aqui na seção, todos os números relacionados às peças individuais são apresentados.

6. QUANTIDADE DE PEÇAS: Apresento aqui a quantidade de peças que compõem o conjunto.

7. MATERIAL: Esta seção descreve o material do qual a peça é feita, como por exemplo, cerâmica, metal, pedra, osso, vidro, etc.

8. TIPO DA PEÇA: Aqui, a peça é classificada de acordo com sua forma, por exemplo: Garrafa, cachimbo, colher, munição e etc.

9. DATAÇÃO: Nesta seção, se houver, é registrada a datação dos artefatos que compõem o conjunto.

10. ANÁLISES ASSOCIADAS: Refere-se às análises adicionais realizadas sobre o objeto ou o contexto, como exames físico-químicos, análises de micro vestígios e outros.

11. MARCAS: Neste item, adiciono a existência ou não de marcas iconográficas.

13. DESCRIÇÃO DETALHADA: A descrição detalhada fornece uma narrativa abrangente sobre os objetos do conjunto, e da junção deles em si, incluindo suas características físicas, possíveis funções, contextos de uso e qualquer outro aspecto relevante que ajude a entender as peças no contexto arqueológico. Esta seção inclui também observações sobre o estado de preservação do objeto e qualquer peculiaridade que mereça atenção.

Em linhas gerais, o desenvolvimento das fichas de análise e a pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: quem eram essas pessoas negras que fizeram parte das primeiras ocupações humanas da Antártica? Que profissões elas desempenhavam? Como se davam às suas relações com os demais foqueiros? Existia racismo nos navios e nos acampamentos antárticos? É possível identificar, por meio da materialidade, algum tipo de segregação entre estes trabalhadores em função da sua cor de pele? Quais materialidades poderiam ser associadas a estes grupos? Nem todas perguntas foram respondidas e outras foram surgindo no desenvolvimento da pesquisa, contudo, no capítulo seguinte, me propus a debater algumas delas.

3. Arqueologia Antártica

3.1. Preto no Branco: contexto histórico dos séculos XVIII e XIX

Antes de discutir os resultados da minha análise, inicio este capítulo apresentando um apanhado histórico de como estava o mundo antes e durante a época de ouro da baleação, no qual mostrarei as bases capitalistas que deram início à prática e onde os corpos pretos estavam inseridos naquele momento na sociedade.

O recorte espacial escolhido para contextualizar estes acontecimentos foram os Estados Unidos da América e a Europa porque esses eram os impérios dominantes na baleação da época (Salerno, 2006), visto serem os principais portos de onde partiam os navios que rumaram aos mares do sul e serem os locais nos quais estas atividades foram mais bem documentadas (Cruz, 2019). Reforço, contudo, que as tripulações eram compostas por pessoas de diversas origens étnicas e nacionais, ainda que saíssem destes portos.

3.1.1. A Europa

O século XVIII é popularmente conhecido por apresentar uma riqueza no pensamento científico e filosófico que serviu de fermento para mudanças sócio-político-culturais em diversos países europeus e reverberaram em outras partes do mundo.

Um dos grandes movimentos culturais do século é o Iluminismo, que tinha como característica a valorização da atividade intelectual por meio da razão e da ciência. Graças a esse cientificismo exacerbado e as modificações nos pensamentos filosóficos, ocorreram inúmeras mudanças no pensamento coletivo, o que gerou conflitos com os governos colonialistas da época, pois grande parte dos pensadores compartilhavam ideias como a defesa do pensamento racional, a crítica ao autoritarismo de qualquer tipo (incluindo o religioso) e a oposição ao fanatismo (Silva e Silva, 2013)

Os ideais iluministas puseram suas garras em vários Estados europeus, carregando consigo uma incrível onda de mudanças. De acordo com Abrão (1999), na França, esses ideais Iluministas tinham como lema a liberdade, a igualdade e a fraternidade, porém a conhecida pátria do Iluminismo era uma potência colonial escravista, logo, esse lema só era direcionado a uma parcela da população e não aos corpos pretos ou outros grupos subalternos.

A burguesia francesa se nutriu e se apropriou dos ideais do pensamento Iluminista para realizar o evento que ficou conhecido como Revolução Francesa, ocorrida em 1789, na qual essa classe social, apesar de deter poder econômico, almejava, também, poder político, até então, exclusivo aos nobres. Nesse aspecto, a Revolução Francesa eliminou as estruturas do Feudalismo e do Absolutismo,

estabelecendo uma nova ordem política e econômica, baseada na ideologia liberal, fundamental para o capitalismo (Silva e Silva, 2013).

Na segunda metade do século XVIII, o sistema econômico mundial passou por uma transformação sem precedentes na história da humanidade, como consequência direta das revoluções intelectuais e políticas anteriores. Essas novas transformações iniciaram-se a partir do ano de 1780 na Inglaterra e ficaram conhecidas como Revolução Industrial. No cerne desse processo encontra-se a introdução de máquinas, especialmente à vapor, no processo de produção de bens de consumo, essas inovações técnicas alteraram radicalmente as relações de trabalho e de vida da população da época (Abrão, 1999).

Os segmentos econômicos que mais se destacaram na Revolução Industrial inglesa foram o setor têxtil e a indústria de base. As exportações de tecidos ingleses à base de algodão aumentaram em dez vezes sua produção entre 1750 e 1769.

Os monopólios de comércio, concedidos por Henrique VIII, Elizabeth I e a política de Cromwell, haviam transformado a Inglaterra numa grande potência marítima. Por volta de 1760, ela superou até mesmo a república holandesa no volume de comércio internacional. As companhias mercantis traziam especiarias da Índia, vendiam tecido inglês à Europa e principalmente escravizados à América, acumulando enormes lucros.

O advento desse capitalismo industrial trouxe consigo novas demandas de produtos necessários para a produção e mediação dos luxos utilizados pela burguesia que assumia cada vez mais poder político. Dessa forma, iniciaram-se as explorações marítimas em busca de mamíferos marinhos que pudessem suprir a fome insaciável do monstro do capital. Irei explicar mais detidamente a relação entre baleação, bem como caça de mamíferos marinhos na Antártica, e o capitalismo, a seguir.

3.1.2. Os Estados Unidos da América

Nos Estados Unidos, o Iluminismo também se infiltrou através da ação política. As palavras constantes no início da Declaração da Independência Norte-Americana (1776) revelam a presença dos ideais revolucionários da Revolução Francesa na Declaração dos Direitos do Homem. Nesse sentido, a

declaração de independência americana afirmava que: “[...] todos os homens foram criados iguais e dotados pelo Criador de direitos inalienáveis, como a vida, a liberdade e a busca da felicidade” (Karnal, 2006, p. 142). Entretanto, assim como foi na França, essa liberdade só era direcionada aos corpos brancos, pois durante esse período, o regime escravocrata estava em vigor em inúmeras partes do mundo, incluindo a América do Norte. Além disso, a “Declaração de Independência dos Estados Unidos da América” também foi inspirada em princípios reguladores, considerados universais, que derivam do pensamento de John Locke, o qual, aliás, considerava legítima a escravidão, pois julgava a propriedade privada superior à própria liberdade.

A escravidão de pessoas negras ainda perdurou por anos, mesmo que os ideais de liberdade já tivessem chegado nas senzalas e barracões de todo o mundo, os gritos dos oprimidos só seriam ouvidos anos depois da independência americana e revolução francesa.

De 1794 em diante, momento em que a Revolução Haitiana abolia a escravidão no país de colonização francesa, uma série de outros movimentos pró-abolição foram surgindo. Entre eles, podemos destacar os ocorridos nos países da América Central (1824), colônias britânicas (1833), colônias francesas (1848) e nos EUA (1863).

3.1.3. O Início das Expedições de caça de cetáceos

Como já dito anteriormente, a alvorada da era moderna trouxe consigo a necessidade de gerar fatores energéticos e produzir bens de consumo para as demandas do Ocidente, essas demandas impulsionaram pescadores, caçadores e coletores a explorarem remotas áreas oceânicas em busca de matérias-primas. A caça em escala predatória-industrial de focas, morsas, leões-marinhos, lobos-marinhos e, especialmente, de baleias, está intimamente relacionada ao nascimento do capitalismo e a emergência das sociedades modernas ocidentais (Salerno, 2006).

Antes do século XVI, os inuítes e outros grupos nativos costeiros das Américas do Norte, do Sul, Sibéria, África do Sul, Nova Zelândia, Japão e norte da Europa matavam e consumiam baleias, ocasionalmente e em pequeno número. Eles matavam baleias durante as migrações anuais, sem utilizá-las para fins

comerciais. Nesse tempo, os derivados de baleia eram processados em pequena escala, eventualmente trocados, e tinham finalidades domésticas. A carne era consumida como alimento e o óleo, extraído da gordura, alimentava as lamparinas que clareavam casas, tavernas, vilas e cidades (Castellucci, 2022).

Entretanto, ao longo do século XVII, uma série de mudanças globais tornaram a baleação e a caça ou pesca de outros mamíferos fatores primordiais para o desenvolvimento das forças econômicas que emergiram com o início do capitalismo. No século XVIII, a baleação já ocupava parcela significativa dos trabalhadores holandeses e os seus produtos tornaram-se indispensáveis, pois os ossos de baleia serviam para a indústria têxtil e a feitura do sabão, e o óleo era lubrificante e combustível para as lâmpadas e máquinas (Castellucci, 2022).

Outras nações europeias e até mesmo colonos da Nova Inglaterra (EUA), também se engajaram na baleação. Com o óleo das baleias capturadas no golfo do Saint Lawrence, as lâmpadas europeias eram iluminadas e os rolamentos das primeiras máquinas industriais eram lubrificados. Enquanto isso, o bacalhau salgado de Newfoundland alimentava soldados, artesãos e moradores europeus (Castellucci, 2022). No século XVIII, com o advento da plantation e o tráfico de escravizados para o Caribe, baleeiros norte-americanos abasteciam aquela região com bacalhau para alimentar os cativos africanos, além de fornecerem velas de espermacete e óleo de baleia para iluminar os engenhos, que, durante a safra, funcionavam até a noite (Castellucci, 2022).

No início do século XVII, habitantes da Nova Inglaterra fizeram viagens erráticas ao Ártico, em busca de baleias, e intensificaram a caça na costa leste, especialmente em Cape Cod Bay, Long Island e na Carolina do Norte. Os norte-americanos, após o decréscimo dos estoques de mamíferos naquela região, ampliaram as fronteiras de caça na direção do Atlântico Sul e seguiram adiante. Em menos de dois séculos, os estadunidenses suplantaram as antigas nações rivais na baleação e se tornaram hegemônicos no Atlântico, uma das áreas de maior importância econômica na era do capitalismo (Castellucci, 2022).

Em 1740, Nantucket era o maior porto baleeiro e financeiro da Nova Inglaterra, perdendo tal posição somente em 1820, quando New Bedford, outra importante cidade de Massachusetts, assumiria a liderança.

No alvorecer da Revolução Industrial, o óleo do “cachalote” era um lubrificante essencial para as máquinas industriais. O “azeite de peixe”, ou óleo

extraído da gordura de baleias comuns, era o combustível que mantinha acesa as lamparinas que iluminavam o ambiente fabril, as casas, as ruas e importantes cidades. As barbatanas das baleias francas e os dentes de cachalotes eram aproveitados na indústria de costura e na feitura de diversos objetos de uso pessoal, tais como guarda chovas e crinolinas (Salerno, 2006).

Em muitos momentos, os empreendedores da baleação estadunidense aproveitaram o impulso mercantil dessa matriz e a associaram a outros gêneros, já negociados através do comércio marítimo de longa distância. Desde meados do século XVIII, baleeiros norte-americanos atuavam na África, particularmente na costa da Guiné, por vezes, permutaram derivados de baleias por cativos, para em seguida vendê-los no Caribe e América Central (Dauril, 1964, p. 276).

Acerca da associação entre baleação e tráfico negreiro transatlântico é importante ressaltar que, após trezentos anos de operações praticamente ininterruptas, o comércio de escravizados africanos para as terras Norte Americanas e Europeias foi radicalmente alterado em fins do século XVIII e no início do século XIX. Durante esse período, os Estados Unidos e os principais participantes europeus na atividade, particularmente a Grã-Bretanha, proibiram em todos os aspectos o comércio escravo a partir de uma lei penal aprovada em 1807 (The Act Prohibiting Importation of Slaves of 1807, 2 Stat. 426, enacted March 2, 1807). Como resultado, os ingleses e americanos que apoiaram o tráfico por tanto tempo, começaram a se retirar de qualquer envolvimento direto e a base de operações do tráfico de escravizados mudou da Europa para as próprias colônias importadoras de cativos (Reilly, 1993).

Em meados da década de 1820, os navios negreiros partiam quase exclusivamente das ilhas açucareiras ibero-americanas e retornavam com escravos para os mesmos portos. Essa reestruturação do comércio de escravizados do Atlântico resultou de um conflito óbvio entre a intensa demanda por cativos nas colônias ibéricas e o determinado esforço naval e diplomático da Grã-Bretanha para eliminar o tráfico de africanos.

À medida que o esforço para suprimir o comércio aumentava, os traficantes de escravizados respondiam criando um elaborado sistema de evasão, o que resultou no envolvimento repetido de navios baleeiros nas operações gerais do comércio de escravizados para os dois principais importadores: Brasil e Cuba. Essa situação ilustra a capacidade dos comerciantes ilegais organizados de

escapar da aplicação da lei federal por meio de brechas legais e trapanças diretas (Reilly, 1993).

As leis para abolição do comércio de escravizados foi, em parte, o resultado de uma campanha diplomática inglesa¹⁹ e, em 1835, o primeiro e mais importante fruto desse esforço foi um tratado assinado pelos governos espanhol e inglês. O tratado em questão apresentava uma inovação importante na abordagem jurídica sobre o tráfico de escravizados, sendo que um de seus elementos centrais era a chamada "Cláusula de Equipamento". Esta cláusula foi fundamental para superar uma questão complexa: a definição do termo "prova", que era ambíguo e, portanto, sujeita a interpretações variáveis. No contexto legal da época, havia dificuldades para determinar quais elementos poderiam ser considerados provas conclusivas da participação de uma pessoa no tráfico de escravizados, especialmente quando se tratava de evidências materiais. Para resolver essa questão, a Cláusula de Equipamento adotou uma abordagem pragmática, listando itens específicos que, quando encontrados em determinado contexto, serviriam como evidência decisiva de culpa para os traficantes de escravizados. O que esse dispositivo legal procurava era assegurar que as evidências fossem tangíveis e objetivas, evitando debates sobre a subjetividade de interpretações mais abstratas de "prova". Ao incluir itens materiais que eram claramente associados ao tráfico de escravizados, a cláusula oferecia um meio direto de identificar a intenção criminosa dos acusados. Entre os objetos listados estavam tábuas de reposição, mas anteparas²⁰ do que o normal, escotilhas com grades anexadas, cubas de caldeira, barris de água em excesso, algemas, etc (Reilly, 1993).

Em 1845, o comércio de escravizados estava crescendo no Brasil e era realizado em grande parte em navios com bandeira norte-americana. Devido à grande demanda por embarcações estadunidenses, agentes escravistas brasileiros aproveitaram as oportunidades oferecidas por navios baleeiros visitantes que frequentemente precisavam de suprimentos ou reparos. A transição de capitão baleeiro para capitão escravista foi aparentemente fácil e lucrativa

¹⁹ É importante ressaltar também a luta da população negra pela abolição da escravidão, que se apresentou por inúmeras revoltas, e mesmo após a abolição, iniciou-se a luta pelos direitos civis dos negros, nos Estados Unidos teve como protagonistas figuras como Martin Luther King Jr., Rosa Parks e Malcolm X.

²⁰ As anteparas são divisões internas do casco de um navio que separam o interior do barco em compartimentos, proporcionando maior segurança e estabilidade, e que poderiam ser utilizadas como compartimento para armazenamento de alimentos, ferramentas e no caso dos navios negreiros, escravizados.

(Reilly, 1993). Usando transferências ilegais ou vendas de navio para agentes americanos no Brasil, capitães baleeiros conspiraram com traficantes de escravos para entrar no tráfico ilegal com pouca dificuldade (Reilly, 1993).

Havia inúmeras razões pelas quais os navios baleeiros, em si, eram úteis para os comerciantes de escravizados. Uma razão era o crescimento simultâneo no tamanho dos navios negreiros e baleeiros. Além do tamanho, no entanto, os baleeiros ofereciam um fogão embutido que facilitava a preparação de comida para escravizados, subvertendo as leis de controle. Caldeiras eram um dos itens listados na Cláusula de Equipamento de 1835, mas os try-pots²¹ não, além de serem usados para produzir óleos a partir da gordura das baleias, também poderiam ser usados para ferver arroz, que alimentava a carga ilegal de escravizados. Além disso, grandes suprimentos de comida e água não eram suspeitos para a alfândega, nem um suprimento de madeira que pudesse ser usado como um convés adicional e ilegal de escravizados era colocado em dúvida. Essa combinação de adaptabilidade funcional e documentos de registro americanos tornava os navios baleeiros não apenas viáveis, mas também navios negreiros desejáveis (Reilly, 1993).

Nesse sentido, é importante ressaltar que existiam duas situações onde ocorriam o envolvimento de navios baleeiros com o tráfico negreiro, um deles, que ocorreu mais raramente, envolvia tanto o navio quanto sua tripulação participaram da prática escravista, nesse caso, a embarcação aproveitava sua passagem pelo Caribe e traziam escravizados para as Américas, o segundo caso, que ocorreu com um pouco mais de frequência, foi a venda ou transferência dos navios para agentes escravistas, ou seja, o navio deixava de ser usado para baleação e era utilizado, clandestinamente, para o tráfico negreiro, neste caso, os lucros do comércio eram divididos com os donos de embarcação e esta era utilizada pelos agentes e sua tripulação como navio negreiro, mas possuía a documentação e estrutura de um navio baleeiro, mesmo não sendo mais utilizado para tal prática.

O mercado de caça a mamíferos marinhos colonizou um a um os habitats desses animais e os caçaram exaustivamente. Em função da quase extinção destes animais nos lugares que os baleeiros passavam, era necessário buscar

²¹ Os try pot são grandes potes feitos de metal que eram usados para remover e extrair o óleo da gordura obtida de mamíferos marinhos. A gordura é retirada da carcaça em um processo conhecido como esfoladura, onde a gordura é cortada em pedaços e derretida nos try pots para extrair o óleo.

novas áreas de caça com menos competição entre caçadores e mais animais para captura. Desse modo, os navios foqueiros, lobeiros e baleeiros acabaram atracando a Antártica em busca de novos territórios exploráveis (Salerno, 2006).

3.2 História das primeiras ocupações humanas da Antártica

Para começar este estudo, é importante discutir brevemente como a história da Antártica costuma ser contada e como a Arqueologia nos permite colocar em evidência histórias alternativas de grupos subalternos.

3.2.1 O conto oficial versus a história alternativa

Era uma vez um valoroso homem branco e britânico, conhecido por todos como o capitão W. Smith, o qual, à bordo do navio *Brigue Williams*, desbravou os mares e fez uma viagem entre Buenos Aires (Argentina) e Valparaíso (Chile) em rota comercial. O grande explorador, na tentativa de desviar dos ventos fortes indesejados típicos da região, teria navegado ao sul do cabo Horn e, em 19 de janeiro de 1819, acidentalmente, avistou terra firme em um local não mapeado, aportando em um pedaço de terra para ser explorado pela coroa britânica (Zarankin e Senatore, 2007). Antes do senhor Smith, outro valente explorador, conhecido como Capitão James Cook, comandou um navio que cruzou pela primeira vez o círculo polar ártico (Zarankin e Senatore, 2007). Contudo, há boatos de que, na verdade, o primeiro audaz cavalheiro a pôr os olhos no grande continente de gelo dos mares do sul, foi o capitão russo Thaddeus von Bellingshausen.

Além destas histórias, outros impérios também têm suas próprias versões sobre a descoberta do último continente, onde cada nação busca ocupar o lugar soberano de descobridor. Toda essa disputa sobre quem primeiro pisou em solos gelados tem um propósito, ser argumento geopolítico que corrobora sobre a disputa de soberania pela região²².

²² É importante destacar que essas narrativas estão diretamente influenciadas pelos interesses políticos e financeiros de nações que buscam, no passado, indícios que garantam, no presente, reclames de soberania sobre o território antártico. Assim, falar da ocupação da Antártica é um ato que impacta uma série de relações internacionais presentes.

De acordo com a História Oficial, foi assim que nasceu o que hoje chamamos de continente Antártico, sendo as Ilhas Shetlands do Sul os primeiros pedaços de terra a sentirem as firmes botas da colonização.

Devido a isso, fica o questionamento: quem será que ocupou o tão cobiçado local de “descobridor” da Antártica? Será que essa é a única história possível sobre os primeiros contatos humanos com o continente? Como essas narrativas reverberam no presente?

Responder essas perguntas não é uma tarefa fácil e para tanto vou realizar algumas digressões com a finalidade de debater o tema e não de respondê-lo.

Em fins do século XVIII, impulsionados pelo capitalismo emergente, pobres homens comuns passaram a procurar emprego nas grandes viagens marítimas, viagens que lhes prometiam um trabalho remunerado, mas demandavam atingir lugares inóspitos e misteriosos, com temperaturas muito baixas e as instalações que serviriam de abrigo dependiam do improviso de itens existentes no próprio meio.

Apesar de todas estas adversidades, acreditava-se que a radical expedição valeria a pena por um grande prêmio: os mamíferos marinhos que lá viviam, como as focas, baleias, leões e elefantes marinhos, entre outros (Salerno, 2006). Desses animais, quase tudo se aproveitava, a pele serviria para a confecção de tecidos caros no comércio chinês, a gordura e os óleos eram vendidos como combustível para acender lâmpadas das cidades ou como lubrificantes de máquinas num contexto de industrialização e urbanização crescente; o âmbar gris das baleias era comercializado para a produção de joias e remédios (também afrodisíaco); e as barbatanas eram utilizadas na confecção de espartilhos, chapéus, sombrinhas e crinolinas (Salerno, 2006).

Esse novo local cumpria seu papel e davam aos donos de embarcações um grande lucro, enquanto os trabalhadores ganhavam uma porcentagem mínima das caçadas²³ e, algumas vezes, poderiam voltar com mais dívidas do que lucros, sendo obrigados a embarcar em novas expedições.

Pode não parecer, mas essa é a história da ocupação humana da Antártica que as narrativas oficiais tentam invisibilizar. Do ponto de vista arqueológico, os primeiros encontros humanos com o continente foram realizados por homens

²³ Os caçadores de mamíferos marinhos podiam receber uma quantia proporcional de 1/350 dos lucros recebidos nas expedições, enquanto os capitães 1/8 (Salerno, 2006).

pobres, periféricos e com a presença de pessoas negras, conforme tentarei explicar a seguir.

3.2.2 Projeto Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antártica

Os responsáveis por primeiro trazer à tona essas narrativas arqueológicas críticas sobre a colonização da Antártica foram os professores Dr. Andrés Zarankin e Dr^a. Ximena Senatore, através do projeto “Paisagens em Branco: Arqueologia e Antropologia Antártica”, iniciado no verão de 1995 / 1996. A pesquisa teve início quando eles tiveram acesso aos vestígios arqueológicos recuperados da caverna antártica Lima Lima, na época explorada por geólogos argentinos que identificaram artefatos no seu interior e acreditaram que fossem provenientes de um naufrágio hispânico: o navio San Telmo.

Instigado pelos vestígios, Zarankin e Senatore (1999) visitaram o continente antártico e constataram que a caverna Lima Lima, de onde os vestígios haviam sido coletados, compunha um conjunto de assentamentos, distribuídos pelas Ilhas Shetland do Sul, associados a atividades exploratórias, realizadas em fins do século XVIII e XIX, pelos grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros. Os autores acreditam que o encontro inicial dessas pessoas com o continente não tenha sido divulgado em documentos oficiais da época porque esse local deveria ser mantido em segredo para que não houvesse tanta concorrência na caça, assim, no passado e no presente, suas histórias foram e continuam sendo invisibilizadas. Mas quem são, de fato, essas pessoas?

Os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros eram trabalhadores comuns, muitas vezes analfabetos, de nacionalidades distintas, que viram na vida marítima uma oportunidade de sobreviver, eles deixaram raríssimos registros escritos de suas expedições à Antártica, então a melhor forma de contar a suas histórias é pelo estudo da materialidade.

As pesquisas arqueológicas realizadas pelo LEACH/UFMG mostram uma história plural e democrática sobre a presença humana no continente, colocando em evidência grupos esquecidos e marginalizados, demonstrando que a colonização da região não foi um evento pontual e ao acaso, mas esteve associado ao processo de formação da modernidade e advento do capitalismo (Salerno, 2006). O estudo da materialidade encontrada em sítios antárticos de fins do século

XVIII e XIX fornecemricas informações sobre a vivênciadesses caçadores e quem eles eram.

Segundo Zarankin e Senatore (1999), as longas viagens de navio feitas por esses grupos partiam, principalmente, de portos localizados na Inglaterra e nos EUA, ainda que estas tripulações fossem multiétnicas e multinacionais, sendo compostas por pessoas negras, indígenas, imigrantes e outros brancos empobrecidos (Salerno, 2006).

Em relação aos sítios arqueológicos dos grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros da Antártica, é importante ressaltar que eles foram encontrados na região das ilhas Shetlands do Sul, que é onde se concentra a vida marinha que estes caçadores buscam aprisionar.



Figura 16: Localização das ilhas Shetland do Sul. Fonte: Cruz (2019, p.36)

De forma mais específica, a maioria dos sítios escavados pelo projeto Paisagens em Branco estão localizados na Península Byers, onde mais de 30 sítios arqueológicos já foram registrados (Zarankin e Senatore, 2007). Estes acampamentos foram identificados a partir de escavações e sondagens realizadas ao longo dos trabalhos de campo desenvolvidos por mais de três décadas pela equipe do projeto macro (Cruz, 2019).

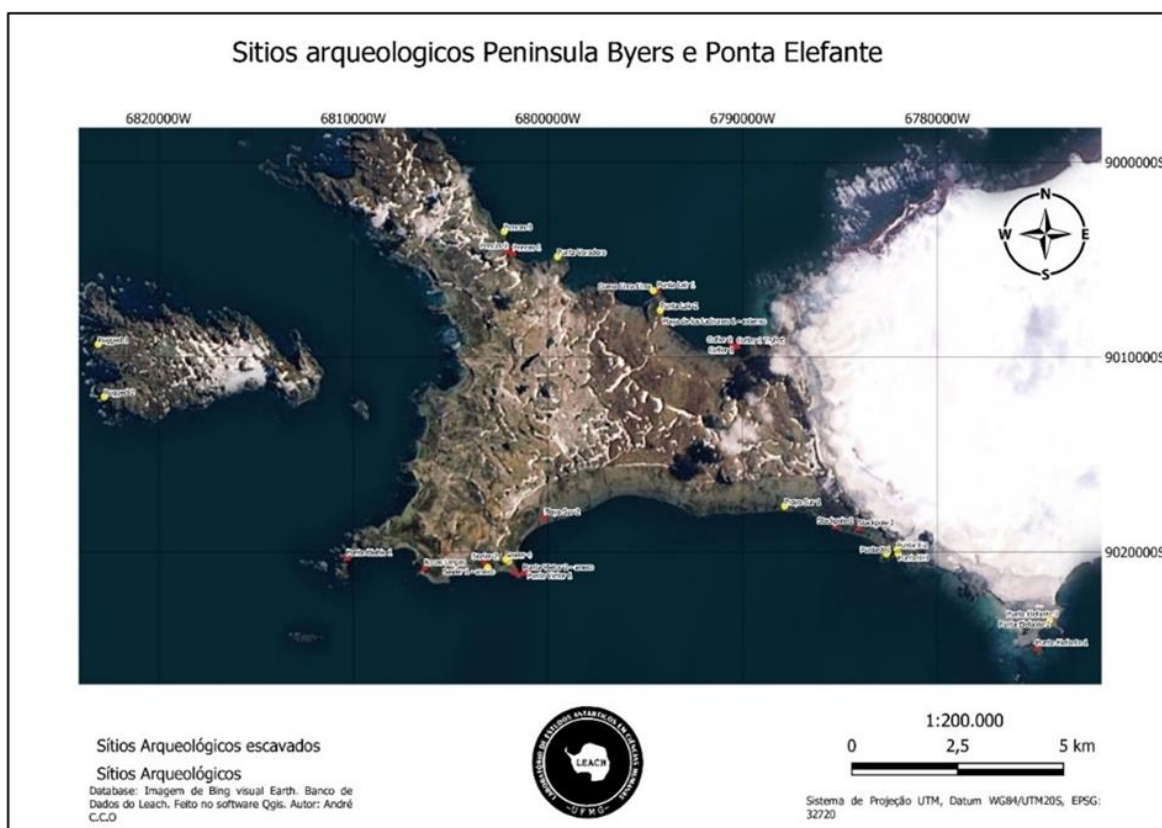


Figura 17: Distribuição dos sítios na Península Byers e Ponta Elefante. Fonte: Zarankin et al. (2021, p. 32).

Segundo Cruz (2019), ao analisar os sítios arqueológicos da Península Byers, foi possível observar marcantes diferenças entre eles, como formatos variados e irregular distribuição da paisagem. Tais especificidades, se traduzem em múltiplas estratégias de caça, formas de acampar, de organizar o espaço, quantidade de pessoas ocupando esses lugares e materiais utilizados. Embora existam diferenças, esses lugares também compartilham algumas características em comum, como por exemplo, o fato de serem acampamentos estacionais, ou seja, são ocupados em momentos determinados do ano, mais especificamente, durante o verão; o fato de aproveitarem afloramentos rochosos para serem construídos, bem como rochas locais para formas muros e ossos de baleias como mobiliários e, além disso, a materialidade colhida no solo e subsolo apresentam algumas semelhanças expressivas (Zarankin e Senatore, 2007).

A maioria dos acampamentos localizados na Península Byers foram construídos a menos de 150 m da costa, aproveitando os paredões de afloramentos rochosos e sobrepondo rochas existentes no meio para fechar as paredes destes abrigos. Geralmente, os abrigos construídos ao ar livre não ultrapassavam 20 m², também não eram estruturas muito altas, seus telhados eram

feitos a partir de costelas de baleias usadas para sustentar uma lona de tecido (Senatore e Zarankin 1999).



Figura 18: Sítio arqueológico Punta Elefante 2. Fonte: Cruz (2019, p.121)

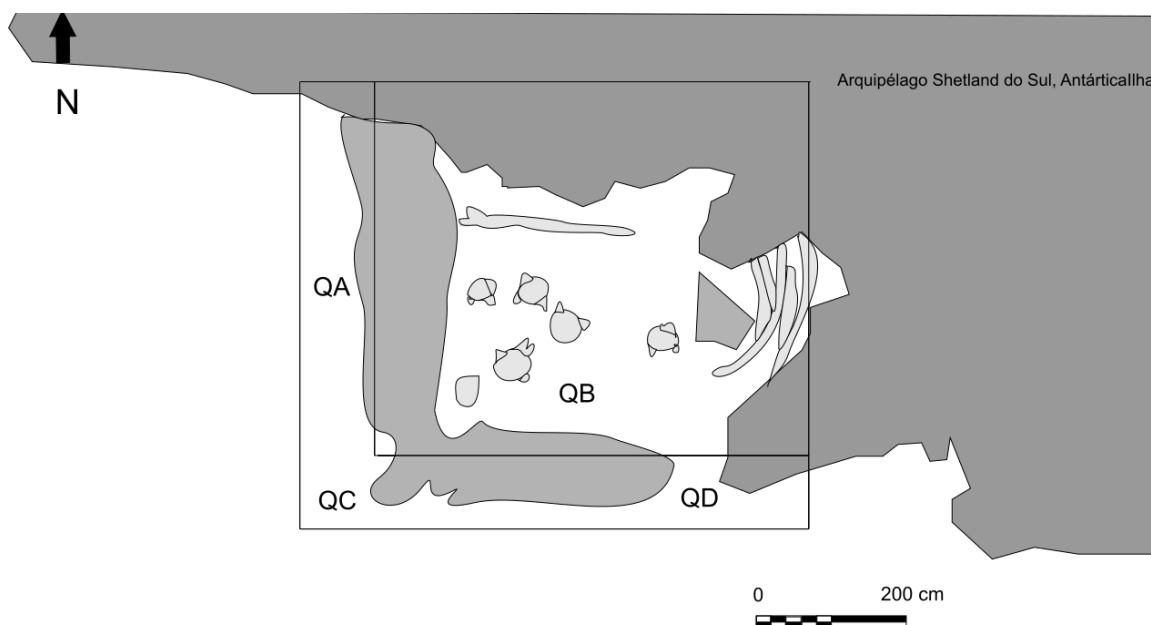


Figura 19: Croqui do sítio arqueológico Punta Elefante 2. Fonte: Acervo LEACH

As estruturas apresentaram um padrão morfológico variado: quadrangular, circular ou irregular. Em alguns casos, eles tinham pequenos recintos próximos, de menor tamanho, onde desenvolviam atividades de processamento dos animais

abatidos. Já os recintos maiores eram utilizados para atividades cotidianas, como comer, dormir, jogar, vestir-se etc. Vértexes, costelas e mandíbulas de baleia foram utilizadas como materiais de construção e móveis, sendo encontrados no interior dos refúgios e também fora deles (Senatore e Zarankin 1999).

Artefatos recuperados durante a escavação de alguns locais na Península de Byers foram datados como pertencentes ao final do século XVIII e inícios do século XIX (Cruz, 2019). Os artefatos encontrados nos recintos maiores e nos menores foram divididos em dois grandes grupos: materiais destinados à exploração de recursos, como munições, porretes, foices, facas, estacas, barris e outros, e materiais utilizados em atividades extra laborais, como tabuleiros e fichas de jogos, garrafas de vidro, cachimbos de caulim, sapatos, restos ósseos alimentares, vestígios de tecidos e outros (Senatore e Zarankin 1999).



Figuras 20 e 21: Garrafa de vidro de coloração verde oliva e cachimbo de caulim, materiais destinados a atividades extra laborais. Foto de Bianca da Silva Alves, 07/11/2024.



Figuras 22 e 23: Bainha de faca, feita de madeira e munição de metal, materiais destinados à exploração de recursos. Foto de Bianca da Silva Alves, 08/11 2024

Os vestígios recuperados já totalizam aproximadamente 8000 itens inventariados no Banco de Dados Digital do LEACH-UFMG, estes já foram

analisados por Cruz (2014, 2019); Salerno (2006, 2011); Radicchi (2015); Soares, et al (2016, 2017, 2019); Zarankin e Senatore (2007).

Apesar do projeto Paisagens em Branco possuir cerca de 30 anos de existência, ele passou a ser desenvolvido no Brasil desde 2009, quando o LEACH foi criado pelo prof. Dr. Andres Zarankin. No geral, pode ser caracterizado como uma pesquisa internacional, no qual participam instituições do Brasil, Argentina, Chile e Austrália, além de ser interdisciplinar, posto que associa arqueologia, antropologia, história, conservação e restauração. Estes trabalhos compuseram um acervo único mundial sobre a ocupação humana da Antártica, hoje salvaguardada na UFMG.

3.3 Pessoas negras entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros

Como já citado anteriormente, o capitalismo está no cerne das expedições baleeiras, foqueiras e lobeiras ao continente antártico e, na mesma época, o sistema escravista estava mundialmente em vigor por quase a totalidade de tempo em que as expedições ocorreram. Em vista desse cenário, a seguir, pretendo levantar informações sobre pessoas negras nos navios que se dirigiram ao continente antártico, fazendo uso de fontes bibliográficas, documentos escritos e materialidade para evidenciar suas presenças no continente branco.

3.3.1 Preto na ponta do lápis: o corpo negro descrito nos livros, artigos e documentos

Maddison (2014) destaca que, à medida que o comércio de produtos derivados de mamíferos marinhos se expandia, a demanda por mão de obra qualificada para realizar diversas tarefas nos barcos e acampamentos de caça aumentava de forma exponencial. Este crescimento no setor coincidia com um período de elevado desemprego, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, quando uma crise atingiu muitas regiões, gerando uma situação de necessidade para grande parte da população.

Nesse contexto, para além de ser uma peça importante do sistema escravista, conforme descrito anteriormente por Castellucci (2022), a indústria foqueira, lobeira e baleeira também se afirmavam como uma importante fonte de

trabalho para estas pessoas, particularmente para aqueles grupos sociais que enfrentavam dificuldades para acessar outras oportunidades laborais, como jovens, afrodescendentes recém-libertados, escravizados fugidos e indivíduos de origem indígena (Maddison, 2014).

Além disso, assim como outros mercados marítimos, a indústria lobeira foi um campo de trabalho que atraiu pessoas de diferentes nacionalidades, incluindo suecos, dinamarqueses, holandeses, espanhóis das Ilhas Canárias, portugueses dos Açores, cabo-verdianos, negros de Curaçao e das Caraíbas, condenados de Botany Bay e aborígenes da Nova Zelândia, entre outros (Salerno, 2006).

O recrutamento dessas diversas etnias reflete não só as necessidades da indústria, mas também a mobilidade global das populações em resposta às transformações econômicas e sociais do período. O caráter multiétnico dessa força de trabalho revela, portanto, a interconexão entre as dinâmicas econômicas e a imigração, além de ilustrar a desigualdade social existente, com os setores mais marginalizados da população deslocados para atividades laborais árduas, em uma indústria que, apesar de suas dificuldades, se tornou uma válvula de escape para o desemprego.

Segundo Malloy (1990), antes da virada do século XX, as indústrias marítimas representavam uma das principais fontes de emprego para afrodescendentes na América do Norte e é sobre essa história que pretendo me aprofundar nas linhas seguintes deste TCC.

Durante o período entre a Revolução Americana e a Guerra Civil, mais afro-americanos foram empregados no comércio marítimo do que em qualquer outro setor econômico, destacando-se, principalmente, nas áreas costeiras do norte dos Estados Unidos. A região da Nova Inglaterra, em particular, apresentava uma representatividade significativamente alta de homens negros a bordo dos navios (Malloy, 1990).



Figura 24: Marinheiros brancos e negros juntos após uma caçada bem sucedida em Warm Pass, nos arredores de Skagway no Alasca. Coleção Laura M. Hills, Universidade do Alasca. Fairbanks. Fonte: Hartman (2020, p. 43).

A vida marítima oferecia oportunidades de trabalho que não estavam disponíveis em outras indústrias devido à discriminação racial e à escassez de opções de emprego nas zonas urbanas, especialmente para afrodescendentes. Além disso, o comércio marítimo exigia uma variedade de funções a bordo, desde administrar a tripulação até tarefas de carga e descarga, funções que estavam abertas a afro-americanos, tanto livres quanto em algumas circunstâncias, escravizados fugidos (Malloy 1990).

Esse mercado de trabalho marítimo, portanto, proporcionou aos afrodescendentes uma oportunidade para uma relativa autonomia econômica, ainda que dentro de um sistema global que permanecia marcado por desigualdade racial. Assim, a presença significativa de afro-americanos na indústria marítima da Nova Inglaterra, enquanto trabalhadores assalariados, destaca a complexa interseção entre racismo, oportunidades de trabalho e mobilidade social na América do Norte do século XIX.

Os baleeiros negros também desempenharam um papel crucial como parte dos primeiros grupos de americanos a chegar ao Alasca, especificamente na região sudeste, no início da década de 1840. Esses homens estavam entre os pioneiros a explorar as águas geladas do Ártico durante o final da década de 1840

e o início da década de 1850, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da indústria baleeira na região (Hartman,2020).

A presença de afro-americanos em expedições tão distantes pode nos revelar não apenas o avanço das redes comerciais e a expansão do mercado de produtos derivados de mamíferos marinhos, mas também a complexa estrutura social e laboral do período, na qual afrodescendentes estavam envolvidos em atividades econômicas de grande escala, mesmo em contextos geográficos remotos, como Alasca e as águas árticas. Conforme se pode perceber, não se pode falar da história mundial, sem citar africanos e afrodescendentes.

Hartman (2020) cita os nomes de alguns navios que partiam para expedições ao Alasca: Arctic, Bartholomew Gosnold, Cambria, Caroline, Cherokee, Copia, Hercules, Janus, Magnolia, Minerva, Roman 2d e Samuel Robertson. O autor afirma que as tripulações a bordo deles incluíam homens com cabelos “lanosos” e pele escura, sendo estas algumas das várias maneiras de descrever homens de ascendência africana em listas de tripulação. Alguns desses homens escaparam da escravidão no sul dos Estados Unidos, enquanto outros eram homens “de cor”²⁴ livres do Norte. A autora afirma ser difícil encontrar uma indústria mais racial e geograficamente diversa do que a caça às baleias no século XIX.

Hartman (2020) endossa a ideia de que a caça às baleias no Pacífico forneceu a centenas e, possivelmente, até milhares de homens uma alternativa para encontrar trabalho após escapar da escravidão. Além disso, a indústria baleeira atraiu muitos homens livres de cor que viam nela uma possibilidade de ascensão social e uma atmosfera com menos discriminação racial do que em outros setores. Esse cenário era particularmente relevante no contexto do Sul dos Estados Unidos, onde a segregação racial ainda era muito forte, mas, de forma geral, a caça às baleias oferecia um espaço com mais mobilidade e uma relativa igualdade nas funções a bordo.

Contudo, para alguns, a entrada na indústria baleeira pode ter sido motivada por circunstâncias mais desesperadoras: homens de cor poderiam ser recrutados para os navios sob a ameaça de captura e retorno à escravidão no Sul (Hartman,

²⁴ A categoria homens “de cor” por vezes se referem a afrodescendentes com traços de miscigenação como pele mais clara, traços mais embranquecidos e finos, entre outros. Essas pessoas por estarem mais próximo da aparência “Branca” acabavam por ter “privilégios” em relação aqueles mais retintos, desde a época da escravidão.

2020). Assim, embora a vida no mar fosse árdua e extremamente perigosa, ela oferecia um refúgio da vigilância de caçadores de escravizados que aumentavam sua presença nas cidades e vilas do norte durante a década de 1850.

O cenário detalhado por Hartman (2020) destaca o papel crucial que a indústria baleeira desempenhou como uma válvula de escape para muitos afro-americanos, tanto livres quanto escravizados, ao oferecer uma forma de trabalho que, embora repleta de riscos, também proporcionava uma chance de liberdade, segurança temporária e possibilidade de ascensão.

A indústria baleeira do século XIX, em muitos aspectos, se destacava como uma das poucas atividades laborais em que negros e brancos recebiam, em geral, o mesmo valor pelo mesmo trabalho executado (Philbrick, 2002; Alckmin, 2015). No entanto, essa aparente igualdade não implicava necessariamente a ausência de discriminação ou de tratamento desigual a bordo dos navios. Segundo Salemo (2006), embora a estrutura de pagamento fosse muitas vezes a mesma, os preconceitos e estereótipos raciais e étnicos eram comuns entre os membros das tripulações, o que gerava tensões frequentes entre os diferentes grupos étnicos e raciais presentes nas embarcações. Essa dinâmica, longe de ser homogênea, indicava que, embora os aspectos econômicos da remuneração pudessem ser compartilhados, as relações interpessoais eram marcadas por uma hierarquia racial e cultural.

Com o passar dos anos e a partir de uma convivência forçada em condições extremas, as tripulações acabaram desenvolvendo uma relativa tolerância mútua, embora isso não tenha eliminado as barreiras de classe e etnia a bordo. A convivência cotidiana entre negros e brancos, muitas vezes, em condições de isolamento geográfico e social, gerou um ambiente complexo onde, apesar da interação frequente, as diferenças de origem e status continuaram a influenciar a dinâmica social (Salerno, 2006)

No entanto, como aponta Salerno (2006), três grupos específicos geralmente sofriam com limitações significativas em seu avanço social dentro dessa estrutura: os afro-americanos, os imigrantes das ilhas do Pacífico e os cabo-verdianos. Esses grupos, embora integrados ao processo de trabalho, enfrentavam barreiras não apenas de ordem racial, mas também de classe, uma vez que sua posição na hierarquia social e econômica a bordo frequentemente os relegava a

funções subalternas ou a um tratamento inferior em comparação com outros membros da tripulação.

Essa realidade demonstra que, mesmo dentro de um espaço onde a remuneração poderia ser igual para todos, as divisões raciais e étnicas estavam profundamente entrelaçadas com as desigualdades de status e classe. As distinções de nacionalidade, etnia e até origem geográfica, estavam intimamente ligadas às oportunidades de avanço social, sendo que essas desigualdades eram frequentemente reproduzidas dentro das relações de trabalho, afetando a mobilidade social dos tripulantes.



Figura 25: Baleeiros negros posando para uma foto em Point Barrow, 1890. Fonte: Hartman (2020, p. 26)

Excepcionalmente a este quadro geral, algumas histórias de homens negros que ascenderam socialmente na indústria baleeira merecem ser descritas. Um exemplo significativo desse fenômeno foi o Sr. William T. Shorey, um marinheiro negro que encontrou oportunidades na indústria baleeira após a Guerra Civil norte-americana (Hartman, 2020). Durante esse período de transição, a indústria baleeira norte-americana passou por uma mudança significativa, onde suas operações transitaram do Atlântico para os oceanos Pacífico e Ártico. Essa expansão territorial ofereceu novas possibilidades para o avanço profissional e social, não apenas dentro da indústria, mas também em termos de visibilidade e reconhecimento das habilidades marítimas dos homens negros.



Figura 26: Capitão William T. Shorey e sua família. 1900. Fonte Hartman (2020, p. 21).

Shorey trabalhou por fama e respeito, o qual conseguiu a partir de sua competência profissional, quebrando em parte as barreiras raciais e sociais que marcavam as estruturas tradicionais de poder da época. Ele nasceu em uma plantação de açúcar em Barbados, na década de 1860, e sua experiência nas águas do Pacífico representou uma oportunidade para escapar da opressão racial que ele vivenciava nas ilhas do Caribe, um território fortemente marcado pela escravidão (Hartman, 2020). Em 1886, tornou-se o capitão do navio Emma F. Herriman, sendo um dos primeiros afro-americanos a comandar um navio baleeiro. Sua ascensão não foi apenas uma conquista pessoal, mas também um marco

dentro da indústria baleeira, já que ele se destacou como um dos baleeiros mais eficazes a atuar no Pacífico Norte, reconhecido por suas habilidades e liderança a bordo (Hartman, 2020).

Embora sua trajetória não tenha sido representativa de todos os homens negros na indústria baleeira, que ainda enfrentavam limitações significativas devido à discriminação racial, Shorey exemplifica como, em um contexto de desafios raciais profundos, a indústria baleeira ofereceu uma oportunidade única para muitos homens negros de alcançarem um meio de vida razoável, apesar da discriminação e violência generalizada da época.

Embora Shorey não tenha sido o primeiro afro-americano a navegar pelo Pacífico Norte e chegar até as costas do Alasca, sua história é emblemática pela forma como ocorreu sua ascensão social e profissional na indústria baleeira, mesmo em um cenário social profundamente segregado e marcado pela desigualdade racial.

O fato de um homem negro, criado em um ambiente racista e escravista como o Caribe, ter conseguido alcançar uma posição de destaque dentro da indústria baleeira, ilustra a enorme complexidade que marca a caça de grandes mamíferos marinhos no século XIX.

A vida no mar, em muitas instâncias, representava uma alternativa às barreiras rígidas das outras indústrias, onde os negros frequentemente enfrentavam restrições legais e sociais para assumirem trabalhos assalariados. Para Shorey, e para outros homens negros, a indústria baleeira ofereceu uma chance de desafiar as limitações impostas pelo racismo, possibilitando-lhes uma ascensão não apenas profissional, mas também social, que seria impensável em outros setores da sociedade americana do século XIX.

A presença de pessoas negras na indústria marítima da caça a mamíferos marinhos também aparece em várias obras literárias ficcionais sobre a vida no mar. Algumas dessas obras foram escritas contemporaneamente aos eventos históricos anteriormente descritos e podem ajudar a entender o contexto da época. O trabalho literário de Herman Melville (1851), por exemplo, destaca-se por suas numerosas referências a marinheiros negros, entre estes, em *Moby-Dick*, o personagem Pip, cozinheiro da tripulação, é descrito como uma pessoa negro. Nathaniel Philbrick (2000), em seu livro intitulado "In the heart of the sea", descreve

como o “greenhand” Patt chega ao navio com outros 7 homens negros a fim de integrar a tripulação.

Além da literatura de ficção, as canções de trabalho, conhecidas como “Chanteys”, desempenham um papel crucial na compreensão das condições de vida a bordo e da integração dos marinheiros negros no cotidiano marítimo. Elas eram cantadas durante as atividades desempenhadas nos navios e muitas delas possuíam raízes africanas e afro-caribenhas (Schreffler, 2011). “Chanteys” representam uma forma de expressão cultural que trazia à tona as vivências e as emoções dos marinheiros negros, elas continham letras que faziam referência ao trabalho árduo e às dificuldades enfrentadas por estes homens, proporcionando uma janela para as realidades sociais e econômicas do período (Malloy, 1990). Através da música, os marinheiros pretos parecem ter encontrado uma forma de afirmar sua identidade e manter viva as suas tradições dentro do sistema de opressão que viviam. Entre as coleções de chanteys americanos, as de Joanna Colcord, William M. Doerflinger e Frederick Pease Harlow são especialmente recomendadas.

“Oh, yes, my lads, we'll roll alee,
Come down, you bunch of roses, come down,
We'll soon be far away from sea,
Come down, you bunch of roses, come down.

Oh, you pinks and poses,
Come down, you bunch of roses, come down.

Oh, what do yer s'pose we had for supper?
Black-eyed beans and bread and butter.”

Canção” Come down, you bunch of roses, come down”²⁵
(Fonte: Site poetry nook)²⁶

²⁵ “Oh, sim, meus rapazes, vamos rolar alee,
Desçam, seu buquê de rosas, desçam,
Logo estaremos longe do mar,
Desçam, seu buquê de rosas, desçam.
Oh, vocês rosas e poses,
Desçam, seu buquê de rosas, desçam.
Oh, o que vocês acham que comemos no jantar?
Feijão preto e pão com manteiga.”

(Canção” Come down, you bunch of roses, come down”. Tradução feita por mim)

²⁶ Link de acesso: https://www.poetrynook.com/poem/come-down-you-bunch-roses-come-down#google_vignette
Acessado em: 10/10/2024

William Doerflinger foi um dos primeiros autores a apresentarem uma versão da famosa Chantey “Come down, you bunch of roses, come down”, no qual, segundo outros autores, têm uma origem afro-americana (Harlow, 2004, p. 29; Colcord, 1938, p. 34). A música ficou realmente conhecida após uma regravação feita pelo cantor folk inglês A.L. Lloyd, com novo nome de “Go Down, You Blood Red Roses”, em um álbum de 1955, chamado *The Singing Sailor*. A nova canção foi cantada por Lloyd na adaptação cinematográfica de *Moby Dick* em 1956, a tornando mundialmente famosa.

O cantor Lloyd não deu nenhuma informação sobre como aprendeu a música, mas a melodia de sua interpretação era próxima daquela impressa no texto de Doerflinger, de 1951, no entanto, as frases “go down” e “blood red” parecem estar vinculadas somente a sua versão. Nesse sentido, Lloyd apresentou a música como sendo uma canção britânica, provavelmente derivada de uma canção sobre Napoleão e os soldados britânicos, os ‘Redcoats’ ou ‘Blood-red Roses’, como eram chamados por conta das jaquetas vermelhas que eles usavam” (Hugill, 1961, p 364). Entretanto, a versão original da música, que era cantada pelas vozes negras em couro durante os dias no mar, não possuía menção alguma a Napoleão ou seus soldados, ela era somente uma canção simples para manter os braços negros firmes no trabalho, ao som de algo que lhes era familiar e lembrava suas origens.

O protagonismo negro dentro da baleação não se resumia somente as canções marítimas, mas também se estendia a sua forte religião e apego ancestral. Em sua obra, Philbrick (2002) discute uma dinâmica fascinante que se desenvolvia nas tripulações marítimas do século XIX, na qual homens negros, apesar das limitações impostas pela discriminação racial, frequentemente assumiam papéis espirituais de liderança, se tornando faróis religiosos para seus companheiros brancos, especialmente em momentos de adversidade extrema, como durante longas viagens no mar ou após tragédias como naufrágios e mortes.

Até este ponto, foram os afro-americanos, especificamente Richard Peterson, de sessenta anos, que lideraram os homens em oração. Isso não era incomum no mar. Marinheiros brancos frequentemente olhavam para os negros e seu estilo devoto de adoração como fontes de força religiosa, especialmente em tempos de perigo (Philbrick, 2002. p. 86. Tradução feita por mim)

Esse papel de símbolo religioso não deve ser interpretado como um simples reflexo de uma posição de autoridade momentânea, mas como uma forma de

poder simbólico que transcendia as divisões raciais. Os marinheiros negros, muitas vezes em resposta à opressão e ao sofrimento, traziam consigo uma forte tradição de fé e resistência espiritual, o que, por sua vez, poderia influenciar o ambiente a bordo e até mesmo oferecer consolo aos marinheiros brancos em tempos de crise.

É de extrema importância destacar que as informações citadas até agora não são necessariamente sobre as expedições Antárticas, em si, estão mais ligadas aos contextos gerais da baleação da época. Entretanto Maddison (2014) afirma que esse aspecto plural e multiétnico é típico da composição do proletariado marítimo de forma global, então, para as expedições Antárticas, provavelmente não seriam diferentes.

Nesse contexto, Maddison (2014) argumenta que os navios que operavam na Antártica navegavam pelos mares de todo o mundo, recrutando tripulantes de qualquer local onde fosse necessário, sem considerar as nacionalidades ou origens étnicas. Durante o auge da baleação, as tripulações desses navios eram marcadas por uma grande diversidade étnica, como exemplo, o autor cita que as equipes de caça nas ilhas Kerguelen e St Paul, territórios franceses na Antártica, entre as décadas de 1790 e início de 1800, eram compostas por caçadores de focas chineses, americanos, escoceses, ingleses, franceses, entre outros.

Maddison (2014) cita ainda dois tripulantes do navio Huron, que comprovadamente destinou-se a Antártica, descritos como "homens de cor", um termo que provavelmente se referia a africanos ou afro-americanos, embora também fosse possível que fossem originários das ilhas do Pacífico ou nativos americanos. Além disso, o cozinheiro e o mordomo do Huron foram descritos como "mulatos", o que indicava uma herança multiétnica. O autor também explica que a maioria dos navios de caça às focas fazia paradas em vários portos ao longo de sua rota até os locais de caça, recrutando frequentemente homens e meninos dispostos a trabalhar por baixos salários. Essa prática foi um fator importante para o aumento da diversidade étnica nas tripulações, que incluíam frequentemente habitantes das ilhas dos Açores e de Cabo Verde, os quais se tornaram uma parte regular da força de trabalho na caça às focas.

Conforme informado na metodologia, as listas de tripulação são importantes vestígios na procura da presença negra na indústria foqueira, lobeira e baleeira, já que a partir de 1796, uma exigência legal nos Estados Unidos obrigava que todos os marinheiros americanos portassem um "Certificado de Proteção ao Marinheiro",

que servia tanto como identificação, quanto como prova de cidadania. Esses documentos eram preenchidos com informações coletadas por oficiais da Alfândega dos EUA em diversos portos, incluindo descrições físicas detalhadas dos marinheiros e, frequentemente, seus locais de nascimento (Malloy, 1990).

No caso dos marinheiros negros, havia uma peculiaridade na maneira como seus registros eram tratados. Em Estados como Massachusetts e Nova York, um formulário específico foi criado exclusivamente para marinheiros negros. Isso ocorreu porque a legislação federal que exigia os Certificados de Proteção para marinheiros não contemplava adequadamente os "homens de cor", deixando lacunas que dificultavam o registro e reconhecimento desses indivíduos nas alfândegas. O formulário especial para pessoas negros especificava que o portador era "um homem negro, marinheiro e livre", o que claramente indicava seu status legal de liberdade, embora fosse comum que essas informações fossem acompanhadas de descrições imprecisas ou ambíguas. Tais lacunas nos registros podem, por vezes, sugerir que o marinheiro em questão poderia ser um escravo fugitivo, já que a ausência de detalhes específicos ou a vaguidade na identificação física e na origem geográfica poderiam ser interpretadas de maneira a levantar dúvidas sobre a legalidade de seu status (Malloy, 1990).

Nesse contexto, é super importante citar o trabalho de Martha S. Putney (1987) que faz uso extensivo de listas de tripulação em seu livro "Black Sailors: Afro-American Merchant Seamen and Whalemens Prior to the Civil War". Putney (1987) trabalhou com documentos de New Bedford e Newport (bem como outros portos fora da Nova Inglaterra) para o período de 1803 até a Guerra Civil, e encontrou inúmeras descrições de homens que poderiam ter sido de ascendência africana. Entre os termos ambíguos que Putney (1987) encontrou para descrever estas pessoas, estavam "cobre", "cobre escuro", "escuro", "amarelo", "marrom claro", "marrom", "marrom escuro" e "avermelhado".

Cruz (2019) fez um estudo em listas de tripulação de navios foqueiros, lobeiros e baleeiros que frequentaram a Antártica e foi baseada nas categorias propostas por Putney (1987). Como resultado, sua pesquisa mostrou que no caso dos navios americanos, as análises permitiram observar duas questões sobre estas tripulações: a presença de pessoas de outros países e a presença de marinheiros afro-americanos, foi observado também que os marinheiros, quase sempre, eram residentes da região ou do porto de saída dos navios (levando em

consideração que pessoas de diferentes etnias e raças poderiam viver nessas regiões), porém havia casos de pessoas estrangeiras também presentes a bordo.

A diversidade cultural e étnica das equipes de caça às focas foi amplificada também pela frequente presença de povos indígenas. Maddison (2014) lembra que um marinheiro indígena australiano chamado “Bugerygoory” trabalhou em uma equipe de caça às focas no Estreito de Bass, na década de 1830, a tripulação incluía ele mesmo, três homens brancos e um maori. Os marinheiros maoris eram membros regulares de viagens de caça às focas e baleias, especialmente para as ilhas Auckland e Campbell, ilhas subantárticas mais próximas da Austrália e Aotearoa/Nova Zelândia.

Além disso, desde a década de 1980, uma equipa de investigadores chilenos tentou explicar a presença de aborígenes americanos nas ilhas antárticas (Stehberg e Nilo, 1983 apud Salerno, 2006). A pesquisa baseou-se na hipótese de que os navios de focas embarcaram, durante a sua passagem pelo extremo sul, grupos nativos que ajudaram nas tarefas de abastecimento. Os argumentos deste projeto foram apoiados pela descoberta de artefatos líticos com aspectos indígenas em alguns acampamentos nas Ilhas Livingston e Desolación (Salerno, 2006)

Outra linha de evidência da presença aborígene nas ilhas Shetland do Sul foi a partir de uma perspectiva levantada por Torres (1992), que se utiliza da Antropologia Biológica. Esse estudo considerou a possibilidade dos marinheiros embarcarem não apenas homens nativos para a realização das tarefas de caça, mas também mulheres, que serviram de companhia durante suas longas viagens. O desenvolvimento desta ideia foi o resultado da descoberta do crânio de uma jovem “mongolóide”, no Cabo Shirreff, na Ilha Livingston (Salerno, 2006).

Apesar do extenso levantamento bibliográfico existente sobre o tema, é evidente que ainda há um vasto campo de pesquisa a ser explorado antes que as contribuições dos marinheiros africanos, afrodescendentes e trabalhadores costeiros possam ser plenamente reconhecidas e compreendidas.

A literatura existente oferece uma base importante, mas muitas vezes não captura a totalidade das experiências e impactos dessa população no crescimento da indústria foqueira, lobeira e baleeira. Os registros históricos, frequentemente incompletos ou imprecisos, aliados à invisibilidade social e política de muitos

desses trabalhadores ao longo da história, dificultam uma análise integral de seu papel e importância, principalmente em relação às expedições Antárticas.

Além disso, o fato destes mesmos navios também serem, em alguns casos, usados para transportar pessoas escravizadas nos seus porões, tornam ainda mais complexo o entendimento dessa problemática.

Todavia, independente de todos estes novos questionamentos, o trabalho apresentando até esta parte, que parte de pesquisa bibliográfica, listas de tripulação presentes em fontes secundárias, romances literários, artigos e obras científicas, atestam a presença dos corpos negros nas indústrias lobeiras e baleeiras da Antártica. Porém, no meu trabalho, também assumi o desafio de perceber-los a partir das materialidades encontradas em sítios arqueológicos antárticos, os quais incluem vestígios de acampamentos e instalações de caça às focas. A partir da materialidade pretendo coletar evidências da presença de trabalhadores afrodescendentes entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros, que, muitas vezes, não foram documentados de maneira detalhada nas fontes escritas.

3.4.3. Pretos nas entrelinhas: as iconografias encontradas nas materialidades

O objetivo desta parte do trabalho é evidenciar a presença de corpos negros na colonização do continente antártico, analisando a materialidades dos grupos lobeiros, foqueiros e baleeiros, em busca de sinais, marcas e vestígios que permitem essa identificação. Nesse sentido, todas as materialidades presentes no LEACH-UFMG estavam dentro da abrangência desta pesquisa.

O laboratório da UFMG vem realizando a salvaguarda de materiais antárticos há cerca de 15 anos e seu acervo já ultrapassa 2500 itens, conforme informei anteriormente. Dessa forma, a análise dessa quantidade de materiais foi extremamente desafiadora para mim, já que na minha curta vida acadêmica, o máximo de materiais sob minhas análises foram aproximadamente 800 materiais derivados do sítio escola Ininga, da UFPI (o qual os próprios alunos estagiários do LATEC, em conjunto, fazem as análises dos materiais recuperados em campo, e nesse caso, eu tive o auxílio de meus colegas de turma para desenvolver as pesquisas) e 11 botões de metais e de madeira, provenientes da Antártica, que

analisei junto com minha orientadora, durante um período prévio ao meu estágio no LEACH .

Tendo uma primeira experiência individual cuidando de tantos materiais arqueológicos e num período curto de tempo, 40 dias, que foi o tempo de duração do estágio obrigatório, o desafio foi grande.



Figura 27: Análise de materiais no LEACH-UFMG. Foto: Ana Karolina de Amorim Santos, 09/10/2024

Nessa breve estadia no LEACH, foi necessário criar estratégias para potencializar a rapidez nas pesquisas, portanto criei definições de importância para os tipos de materialidades, onde objetos que poderiam ser entalhados e customizados com mais facilidade estavam no topo de importância e as demais

seriam analisadas sob olhares menos direcionados para as marcas iconográficas e mais para práticas sociais que estavam associados.

O LEACH possui 4 armários e 6 geladeiras. Nos primeiros dias, dei preferência à análise dos objetos armazenados nos armários, onde cada um possuía, no seu interior, várias caixas numeradas. A primeira parte da análise foi basicamente observação direcionada e busca, onde eu pegava cada caixa e olhava, atentamente, cada uma das materialidades em busca de marcas iconográficas.

Como dito anteriormente, todos os materiais do LEACH foram observados em busca de marcas, porém escolhi 45 materiais para analisar especificamente sob a lente da ficha de análise. Os materiais em questão foram coletados em diferentes sítios como: PX1, PX2, PX3, Pencas 3, Sealer 3, Sealer 4, Punta del Diablo, Punta Varadero, Lima Lima e PE-2. Busquei escolher itens relacionados a distintas práticas sociais a fim de ter uma pequena amostragem da abrangência dessas atividades.

Nesse sentido, os materiais analisados foram: cachimbos de caulim, sapatos de couro, fichas de jogos de madeira, fragmentos variados de madeira (que não formavam peças específicas), garrafas de vidro, rolhas de cortiça, facas de metal, bainhas de madeira, pederneiras, porretes de madeira, munições de metal e itens relacionados a vestuário, como luvas.

1. IDENTIFICAÇÃO					2. MATERIAL	3. TIPO DA PEÇA
1.1. SÍTIO	1.2. INVENTÁRIO	1.3. PEÇA	1.4. UNIDADE ESCAVAÇÃO	1.5. NÍVEL		
PX.1	2012. 0685	BA	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0685	BB	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0685	BC	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0630	AQ	C2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0687	AV	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0687	AW	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0684	AZ	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0684	AY	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0684	AX	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012. 0688	AS	D2	Nível 1	Madeira	Jogo

PX.1	2012.0822	AU	D2	Nivelamento	Madeira	Jogo
PX.1	2012.0847	AR	D1	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.1	2012.0715	AT	C1	Nível 1	Madeira	Jogo
PX-1	2012.0689	AP	D2	Nível 1	Madeira	Jogo
PX.2	2012.0760	MR	A	Nível 1	Bronze	0
PX.3	2012.0616	CXX	99	Sondagem 1	0	0
Px-3	2012.0801	CAA	Transect 1	Nivelamento	Metal	Panela
PX-3	2012.0813	CFF	Transect 1	99	Metal	Faca
Punta del Diablo	2010.0052	CMM	99	superfície	Madeira	Colher
Pencas 3	2011.0573, 2011.0578, 2011.0586, 2011.0588, 2011.0587	Garrafa C	A2 e B2	99	Vidro	Garrafa
PE-2	2014.1140, 2014.1145, 2014.1152, 2014.1173, 2014.1180, 2014.1200, 2014.1318	Garrafa O	Quadrante B	99	Vidro	Garrafa
Pencas 3	2011.0492	CGA	99	Superfície	Cortiça	Rolha
Pencas 3	2011.0319	CGB	A2	Nível 1	Cortiça	Rolha
Pencas 3	2011.0449	CCA	C2	Nível 2	Kaolin	Cachimbo
Pencas 3	2011.0537	CCF	C1	Nível 1	Kaolin	Cachimbo
X-1	2014.1030	CCB	A	Nível 2	Kaolin	Cachimbo
X-1	2014.1075	CCC	A	Nível 2	Kaolin	Cachimbo
X-1	2014.1101	CCD	A	Nível 2	Kaolin	Cachimbo
Lima Lima	2019.1805	CCE	E2	Nível 1	Kaolin	Cachimbo
PE-2	2014.1189	CFC	B	Nivelamento	Madeira	Bainha
Lima Lima	2018.1511	CGF	F3	Nível 1	Pedra	0
PX-2	2012.0874	CBA	B1	Nível 1	Chumbo	Munição
Sealer 4	2010.0108	CAZ	99	Superfície	Bronze	Munição
X-1	2014.1261	CCL	A	Nível 1	Madeira	Porrete
PX-1	2012.0641	CBD	C3	Nível 1	Madeira	Estaca
Punta Varadero	2011.0285	CLV	Rm/ C1	Nível 1	Tecido	Vestuário
PX-2	2012.0770	CTE	Transect	99	Tecido	Vestuário
Sealer 4	2010.0007	CSO	Rm/ C2	Nível 1	Couro	Sapato

Sealer 3	2010.0012	CSF	Rm/ E2	99	Couro	Sapato
Sealer 3	2010.0012	CSE	Rm/E2	99	Couro	Sapato
Sealer 3	2010.0012	CSA	Rm/E2	99	Couro	Sapato
Sealer 3	2010.0012	CSC	Rm/E2	99	Couro	Sapato
Sealer 3	2010.0012	CSD	Rm/E2	99	Couro	Sapato
Sealer 3	2010.0012	CSG	Rm/E2	99	Couro	Sapato
Sealer 3	2010.0012	CSH	Rm/E2	99	Couro	Sapato

Tabela 3: Tabela com identificação das peças e características físicas preliminares.



Figuras 28 e 29: Luva feita de tecido e rolhas feitas de cortiça. Foto: Bianca da Silva Alves, 08/11/2024



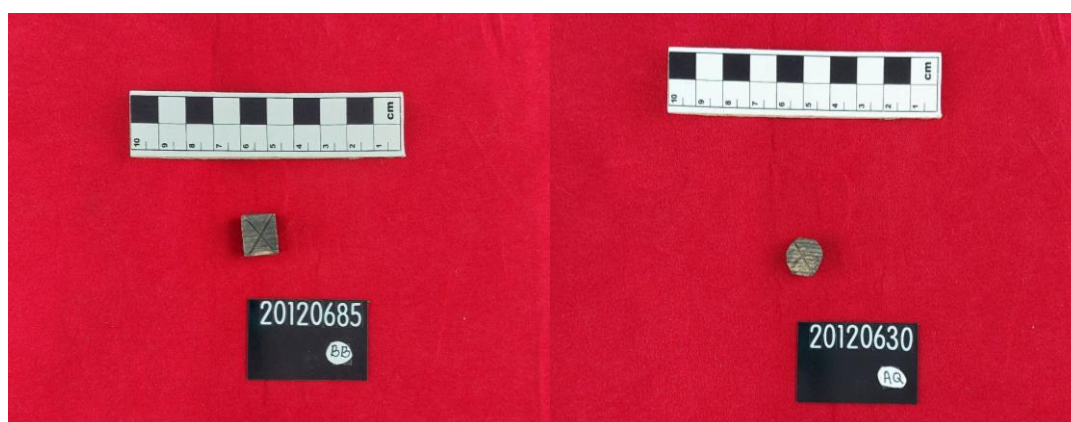
Figuras 30 e 31: Partes de sapatos de couro e fragmentos de cachimbo. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024



Figuras 32 e 33: Pederneira e faca feita de metal. Foto: Bianca da Silva Alves, 08/11/2024

No primeiro armário, depois de algumas horas olhando diversas materialidades incríveis, que me enchiam os olhos, dentro da caixa 13, encontrei um pequeno fragmento quadrangular de madeira que continha um 'X' em seu centro. Fiquei eufórica, às pressas mandei mensagem para a minha orientadora dizendo que havia feito a descoberta do século, era como se eu tivesse encontrado o Eldorado das materialidades negras da Antártica. Sensata, como sempre, a professora Fernanda compartilhou de minha alegria, porém me pediu calma, porque as análises ainda estavam começando. Além disso, minha parceira de estágio, Karol, estava analisando aqueles mesmos objetos, pois eles foram interpretados por ela como peças de um jogo tabuleiro, e seu TCC analisa, justamente, esses vestígios.

Juntas, eu e Karol encontramos, naquela tarde, 13 fichas de jogo e, alguns dias depois, 1 outra ficha. Estas peças caracterizam-se por 7 fichas de formato quadrado e as outras 7 possuíam um formato peculiar, pois tinham arestas angulares que lhe configuravam uma imagem octogonal, porém algumas detinham acabamento arredondado em alguns lados.



Figuras 34 e 35: Peça de tabuleiro quadrada e peça de tabuleiro redonda, ambas contendo uma marca "X" em seu centro. Foto Bianca da Silva Alves, 06/11/2024.

Passada a euforia, começaram as dúvidas. Após a aplicação da ficha de análise que descrevi na metodologia, pude entender um pouco mais sobre os materiais. Todas as peças de tabuleiro foram encontradas em 2012 no sítio arqueológico PX-1, em unidades de escavação diferentes, porém quase todas no nível 1 da escavação, sendo somente a peça com número de inventário 2012. 0822 encontrada no nivelamento. Elas eram todas feitas de um tipo de madeira muito

similar, com coloração acinzentada e pequenos traços naturais de coloração mais clara.

1. IDENTIFICAÇÃO			2. MARCAS	3. PRÁTICAS SOCIAIS	4. MEDIDAS (Tamanho e Peso)	5. MEDIDAS DAS MARCAS
1.1. SÍTIO	1.2. INVENTÁRIO	1.3. PEÇA	2.1 COSMOGRAMA BAKONGO			
PX.1	2012.0685	BA	Marca em X	Jogar	13mm, <1g	13mm
PX.1	2012.0685	BB	Marca em X	Jogar	14mm, <1g	14mm
PX.1	2012.0685	BC	Marca em X	Jogar	13mm, <1g	13mm
PX.1	2012.0630	AQ	Marca em X	Jogar	13mm, <1g	13mm
PX.1	2012.0687	AV	Marca em X	Jogar	14mm, <1g	14mm
PX.1	2012.0687	AW	Marca em X	Jogar	13mm, <1g	13mm
PX.1	2012.0684	AZ	Marca em X	Jogar	17mm, <1g	13mm
PX.1	2012.0684	AY	Marca em X	Jogar	14mm, <1g	14mm
PX.1	2012.0684	AX	Marca em X	Jogar	16mm, <1g	15mm
PX.1	2012.0688	AS	Marca em X	Jogar	15mm, <1g	14mm
PX.1	2012.0822	AU	Marca em X	Jogar	12mm, <1g	12mm
PX.1	2012.0847	AR	Marca em X	Jogar	13mm, <1g	13mm
PX.1	2012.0715	AT	Marca em X	Jogar	15mm, <1g	14mm
PX-1	2012.0689	AP	Marca em X	Jogar	13mm, <1g	12mm

Tabela 4: Tabela contendo informações de identificação e características das fichas de jogo.

As peças de tabuleiro eram bem parecidas entre si, possuíam medidas entre 17mm e 12mm de comprimento, sendo seis delas com 13mm, três com 14mm, duas com 15mm, uma com 16mm, uma com 17mm e uma com 12mm. As marcas em seus centros normalmente encostam nas arestas do objeto, salvo 5 casos onde as marcas distanciavam poucos milímetros da borda. O tamanho das peças é uma grande dúvida para mim, pois, em minhas mãos, os objetos se mostravam pequenos e pensando no contexto de masculinidades da Antártica, suponho que essas peças poderiam ser menores ainda, tanto em relação ao seu uso no contexto do jogo de tabuleiro, quanto para a sua confecção.

Além das peças possuírem tamanho reduzidos, elas ainda têm acabamentos complicados, o formato circular (octogonal) de algumas delas, pareceu, nas análises, demonstrar um certo improviso para sua confecção, no qual

as arestas acabavam ficando irregulares e imprecisas, com alguns tamanhos diferentes e principalmente com acabamento rudimentar, tanto que algumas não são necessariamente redondas, elas realmente têm formato octogonal.



Figuras: 36 e 37: Duas peças com formatos octogonais. Foto Bianca da Silva Alves, 06/11/2024.

Pensando no contexto do jogo, o formato quadrangular e circular (octogonal) serviriam para a diferenciação das peças dispostas no tabuleiro, entretanto, em que contexto se encaixam as marcas em “X” no centro dessas peças? Todas elas receberam o mesmo símbolo, então não auxiliam na diferenciação das mesmas, pelo contrário, as homogeneízam. Logo, assumo que estas marcas não parecem estar inseridas dentro de contextos práticos ao jogo e sugerem, em princípio, escolhas estéticas (decorativas) dos artesãos.

Em relação às marcas, podemos inferir alguns questionamentos: diferente do formato das peças arredondadas que parecem ter apresentado algumas dificuldades na confecção, os “X” foram mais facilmente talhados nas peças. As marcas eram firmes e não apresentavam retoques. Mesmo com resultados eficazes, os artesãos devem ter encontrado dificuldades para a feitoria desses objetos, posto que as marcas tinham que ser confeccionadas em materiais bem pequenos e elas mesmas tinham tamanhos mínimos, no qual variam entre 15mm e 12mm.

Pensando nas marcas como puramente decorativas, sua existência acaba por levantar mais dúvidas do que respostas. Dentre várias formas de decorar e embelezar objetos, porque escolheram logo um “X”? Para isso não tenho respostas, mas me inclino a desconsiderar que o empenho dedicado sobre a feitoria dessas marcas parece anular a ideia da arte pela arte.

Ao questionar sobre porque os grupos caçadores escolheriam um “X” para decorar as peças, um colega de turma, Yuri Correia, me questionou se elas não seriam simplesmente para diferenciar as peças de madeira do próprio tabuleiro no ato do jogo. Levando em consideração um acampamento foqueiro que precisava alocar cerca de 6 homens em um ambiente que tinha, no máximo, 20m², por vezes iluminado somente por fogueiras e velas, é possível imaginar que a visibilidade poderia ser ruim e a concentração em meio ao conjunto de pessoas pudesse ser complicado, então, as marcas poderiam servir como apontamento sensorial do que era peça e o que era tabuleiro. No entanto, manusear as peças sobre o tabuleiro para, pelo tato, as identificar, certamente mudariam sua posição no jogo e dificultariam a jogabilidade, assim, é uma possibilidade, mas menos provável.

Em busca de algumas respostas, me voltei ao tabuleiro do jogo, o qual Karol analisou remotamente junto com a pesquisadora Jimena Cruz, esta peça se encontra no Conicet Argentina e foi recuperada no sítio Playa Sul 1, ou seja, não é do mesmo no qual estas fichas foram encontradas. Diante de todas as dúvidas levantadas, achei que ele poderia me indicar algumas pistas. Entretanto, encontrei mais questões ainda, o tabuleiro é tão pequeno quanto às peças, contendo 8.4 cm de largura e 10.3 cm de comprimento, suas casas, de formato quadrado, onde supostamente as fichas anteriormente descritas devem ser dispostas, são diferenciadas com um simples traço esculpido em seu centro. Ao buscar o tabuleiro, achei que ele iria apresentar as mesmas marcas em X encontradas nas peças, como forma de interligação sensorial entre as peças e sua possível movimentação no tabuleiro, porém, a materialidade não seguiu esse caminho e não consegui chegar a conclusões.

No fim só me restou pensar que essas marcas poderiam ter um forte significado para os artesãos ou para os usuários, já que as impressões apresentam boa qualidade, seus tamanhos são reduzidos (o que demanda um esforço e dedicação para serem feitos) e não possuíam uma finalidade prática no jogo, posto que peças quadradas e octogonais já desempenhavam o papel de diferenciar o que seria de cada jogador.

Dessa forma, depois de pensar inúmeras possibilidades, passei a enxergar as marcas como iconografias similares ao cosmograma bakongo descrito na metodologia. Olhando as marcas como sendo cosmograma bakongo, podemos

inferir que pessoas conhecedoras de tais símbolos iconográficos africanos participaram da confecção dessas peças.



Figura 38: Peças de tabuleiro com marcas em “X” em seu centro. Foto: Bianca da Silva Alves, 08/11/2024.

Karol me informou que nas análises realizadas por ela no LEACH-UFMG, acabou chegando no resultado de que o jogo de tabuleiro e as fichas de madeira, se inclinam para o jogo de damas, pois ambos apresentam as mesmas características em relação a estrutura (possivelmente de 8x8), quantidade de casas (cerca de 64, no total) e formato das casas, posto que no jogo de dama, elas costumam ser separadas por cores brancas e pretas, onde, nas casas pretas, as fichas podem se mover diagonalmente pelo tabuleiro, já no jogo de tabuleiro antártico, as casas são intercaladas não por cores, mas por traços esculpido diagonalmente nas casas a fim de determinar onde as peças deveriam estar situadas no tabuleiro para a jogabilidade.

É interessante ressaltar, que nas pesquisas iniciais da Karol sobre a origem dos jogos de tabuleiro, ela encontrou fortes evidências da cultura africana na criação dos primeiros protótipos dos jogos de dama. Segundo a pesquisadora, o jogo “Alquerque” era jogado pelos povos egípcios por volta de 1400 A.C, além de que representações do jogo foram encontradas esculpidas nas paredes do templo

Kurna, onde um dos tabuleiros expostos na parede estava inacabado (Bell, 1969 apud Santos, 2024).

Mesmo com nomes distintos, o Alquerque não se diferencia muito do jogo de dama, pois o tabuleiro do jogo Alquerque costuma possuir uma disposição de 5x5, onde as peças se moviam lateralmente, ao invés de diagonalmente, e o objetivo final é capturar as peças do jogador oponente (Westerveld, 2013 apud Santos, 2024).

Diante das dúvidas que as fichas de jogos me apresentaram, continuei a procurar mais materialidades com símbolos ou marcas. Após uma reunião com minha orientadora, tive conhecimento de um artefato de metal que havia ido para análise XRF na USP em 06/04/2018, e no qual encontraram marcas em "X".

Corri pelos acervos do Leach em busca da peça e a encontrei ainda no armário 1, na caixa 17. Eu já havia analisado os materiais dessa caixa, então fiquei confusa de ter passado por um objeto de metal que tivesse marcas, entretanto, ao encontrar o material, entendi porque ele havia passado despercebido. O material encontrado no sítio PX-2 trata-se de um objeto com formato anelar, feito de bronze, coloração clara, levemente esverdeada, possivelmente resultante de sua oxidação. Essa peça possui uma de suas extremidades arredondadas e outra sem acabamento, ou seja, com irregularidades. Seu comprimento é de 11 mm na lateral maior e 9 mm na lateral menor, ou seja, ele é desigual no tamanho. Internamente, a peça apresenta 5 linhas horizontais concêntricas, sugerindo um uso para rosquear. Na borda arredondada da peça é possível ver, a olho nu, somente pequenos riscos/linhas diversas que não parecem apresentar nenhum formato em específico. Entretanto, no microscópio, esses riscos aleatórios ganharam a forma de 2 "X"s próximos, e outro "X" mais lateralizado a eles. A peça está bem amassada e com marcas e riscos, tanto na borda quanto na lateral, e além das marcas em "X", também existem outras marcas e riscos que não formam figuras ou marcas conhecidas.



Figura 39 e 40: anel de metal feito de bronze Foto: Bianca da Silva Alves, 06/11/2024

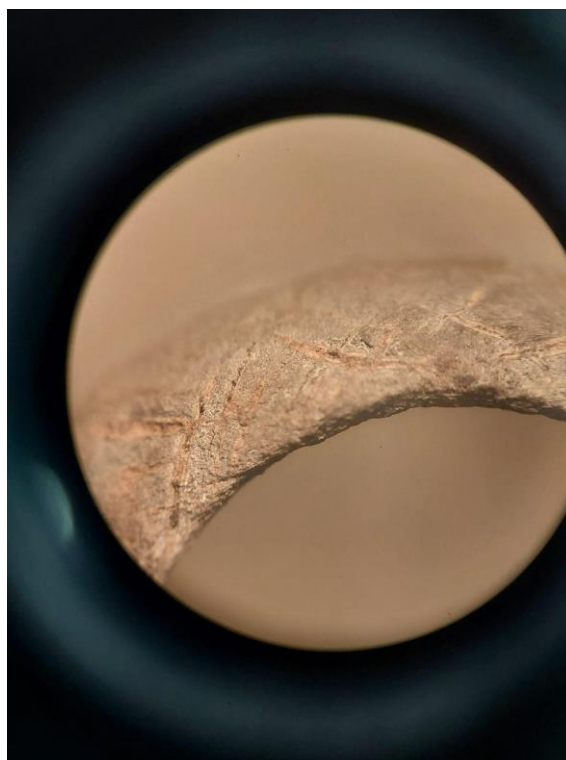


Figura 41: Visão do microscópio das marcas em "X" encontradas no objeto anelar de metal. aumento de 4x no microscópio. Foto: Bianca da Silva Alves, 13/11/2024

Nesta peça, as marcas possuem somente 2 mm de espessura e diferente das que aparecem nas peças de tabuleiro, parecem menos trabalhadas, irregulares e difusas, além de não estarem à mostra no material, elas aqui se apresentam mais tímidas, quase escondidas. Nesse contexto, não tenho certeza que as peças tenham sido propositalmente talhadas e se foram, não imagino sua utilidade.

Entretanto, vimos nas peças anteriores que os artesãos são exímios na arte da confecção de materiais em tamanhos mínimos, então, não descartei a possibilidade das marcas serem iconografias escondidas nesse objeto. É importante frisar que esse era um objeto de formato peculiar e feito de bronze, então ele pode sim ter feito parte de alguma referência mística para um caçador antártico negro, posto que vestígios em cobres costumam ser utilizados em contextos de religiosidade afro diaspórica.

Além desta peça de metal, encontrei mais um material feito de madeira com possíveis marcas iconográficas. Nesse caso as marcas estavam mais inconclusivas e difusas, algumas em forma de cruz e outras em X, porém nenhuma com o mesmo primor de detalhamento das peças de jogo de tabuleiro. O material possui um tamanho aproximado de 25 cm, com várias marcas de tamanhos entre 20 mm e 12 mm. Foi talhado em uma madeira com coloração bem escura e formato assimétrico, além das bordas arredondadas.





Figuras 42 a 44: material com várias marcas difusas e um possível "X" na ponta do objeto. Foto: Bianca da Silva Alves, 06/11/2024.

Como no caso da peça metálica, aqui as marcas não se apresentaram conclusivas, deixando dúvidas em relação a sua feitoria. As várias marcas aleatórias na madeira, apresentam a mesma espessura e parecem realmente serem frutos de um objeto afiado riscando a madeira, porém nenhuma das marcas parecem seguir um padrão específico de desenho. Em relação a marca em cruz na peça, ela se apresenta desigual e imprecisa, o que me faz duvidar da sua confecção intencional.

Outro ponto relevante nas análises foi a busca por itens relacionados à religiosidade de matriz africana. Neste caso, procurou-se identificar objetos decorados com fins religiosos, materiais confeccionados para rituais específicos e artefatos enterrados ou dispostos de maneira estratégica em áreas de passagem, conhecidos como "caches", que têm uma função protetora e simbólica nas práticas religiosas, conforme expliquei na minha metodologia (Leone, 2005; Brace 2019; Orser, 1994). A presença desses artefatos pode estar associada a rituais de proteção, cura ou purificação, com a intenção de garantir a segurança espiritual e material dos indivíduos e comunidades.

Entretanto, durante o desenvolvimento das pesquisas, não foram encontrados materiais diretamente vinculados à religiosidade de matriz africana entre os grupos acampados na Antártica. Os poucos artefatos decorados encontrados, como cachimbos de Caulim, apresentavam estampas, mas estavam associadas à identificação dos fabricantes e à época em que os objetos foram produzidos, em vez de possuírem uma significação religiosa. Essas estampas, embora representativas de um período histórico e de práticas de produção, não

demonstram uma relação direta com os símbolos religiosos de matrizes africanas, sugerindo que a simbologia religiosa, se presente, pode ter se manifestado de formas menos evidentes.

Em relação aos caches, não foi possível realizar um estudo sistemático que permitisse identificar artefatos organizados de forma que pudessem ser classificados como tais. Isso ocorreu devido à forma com que esses artefatos são comumente encontrados em outros sítios arqueológicos, onde são analisados de maneira integrada, considerando a sua localização nas quadrículas e níveis definidos na escavação, além de serem registrados com estação total. A identificação e a classificação de caches dependem de uma metodologia que leve em conta não apenas os objetos encontrados, mas também sua disposição espacial e a relação entre eles, o que exige um exame detalhado do contexto estratigráfico e da distribuição dos artefatos no local onde são encontrados. No caso da Antártica, uma abordagem mais abrangente seria necessária para realizar um estudo adequado de todos os sítios arqueológicos. Isso implicaria em um trabalho exaustivo, em que cada unidade de escavação seria analisada minuciosamente, buscando itens que estivessem na mesma camada estratigráfica e que pudessem sugerir uma relação ou agrupamento entre si. Tal metodologia, que exige uma análise integrada de múltiplos contextos, poderia revelar padrões significativos que, de outra forma, passariam despercebidos. A complexidade e a extensão desse tipo de pesquisa são consideráveis, a ponto de sua execução constituir uma monografia por si só, dada a quantidade de dados a serem coletados e interpretados.

Diante disso, optei por adiar a investigação aprofundada sobre *caches* para projetos futuros. Essa decisão foi tomada com a intenção de realizar uma pesquisa mais ampla e precisa, que não comprometa a continuidade das análises materiais já em andamento. Ao postergar esse estudo, buscamos garantir que ele seja realizado de maneira mais detalhada e eficaz, com maior capacidade de integrar os dados e oferecer uma compreensão mais rica dos possíveis achados, sem prejudicar a qualidade das pesquisas atuais.

Após a conclusão das análises materiais, foi possível levantar uma série de questionamentos que me direcionaram a novas reflexões sobre os resultados obtidos, pois os dados levantaram debates sobre as práticas cotidianas, as

relações sociais e as interações entre as diferentes etnias que conviveram na Antártica e como elas influenciaram fortemente a materialidade.

Em outros sítios afrodiaspóricos, as iconografias referentes ao cosmograma bakongo e os itens de religiosidade são normalmente associadas a grupos afrodescendentes em contextos variados, como de escravidão, kilombismo, etc (Lima, 2023; Symanski, 2010). Em suma, essas materialidades são interpretadas como uma resposta às limitações e imposições dos brancos sobre as crenças dos afrodescendentes, no qual a simples exposição de seus credos é duramente combatida e estigmatizada, levando esses povos a expressarem sua devoção e ancestralidade de forma mais silenciosa e velada.

No caso da Antártida, discutimos anteriormente que, de fato, existiam certos preconceitos entre os diferentes grupos que compunham as tripulações dos navios foqueiros, lobeiros e baleeiros. Esses preconceitos, resultantes de hierarquias sociais e raciais, indicam a possibilidade de que uma das poucas formas de expressão dos grupos afrodescendentes durante as expedições, poderia ser a de gravar seus símbolos culturais, tradicionalmente reconhecidos dentro de suas comunidades, nas materialidades que tinham acesso. Nesse sentido, os afrodescendentes, ao se depararem com o isolamento de um ambiente hostil, podem recorrer a estratégias de resistência simbólica, utilizando os objetos e espaços disponíveis para manter sua identidade cultural viva, mesmo que de forma discretamente codificada.

No entanto, surge uma questão pertinente: por que, então, foram encontrados apenas pouquíssimos itens nas pesquisas da materialidade antártica que sugerem marcações afrodiaspóricas? E mais: por que esses itens, apesar de seu valor potencial, acabaram sendo inconclusivos nas análises?" Estas indagações ecoam na minha mente, trazendo à tona a complexidade da arqueologia na Antártida e do estudo de grupos afro diaspóricos.

A escassez de itens encontrados pode ser resultado da natureza do próprio contexto em que os afrodescendentes estavam inseridos. A reflexão que se coloca aqui não visa fornecer respostas definitivas, mas fomentar um debate sobre as condições materiais e sociais que podem ter influenciado a escassez dessas marcas e a dificuldade nas análises subsequentes.

Nos sítios arqueológicos onde são encontrados materiais que possuem marcações associadas ao cosmograma Bakongo, há uma evidência comum de

que muitos desses artefatos foram encontrados em contextos de habitação mais fixas, ou seja, permanentes, como senzalas ou quilombos, onde a relação com o espaço e a continuidade de vida favoreciam a expressão cultural. Nesses ambientes, os afrodescendentes precisavam vivenciar suas crenças no cotidiano, de forma constante, até mesmo como uma forma de resistência à opressão. Porém, o caso da Antártida se insere em um contexto muito diferente. Tratava-se de um local de trabalho temporário, onde os trabalhadores ficavam por dias ou semanas, antes de retornarem aos navios e depois para suas casas.

Esse fato pode ter reduzido a necessidade de expressões materiais religiosas, uma vez que, ao contrário de ambientes permanentes, os afrodescendentes poderiam continuar a praticar suas crenças e rituais em seus lares, longe da vigilância dos colegas de trabalho. Essa dinâmica pode ter levado à menor produção de objetos ritualísticos ou simbólicos, como os encontrados em outros contextos históricos. Além disso, caso portassem itens religiosos ou de outros tipos, dificilmente os abandonaria na Antártica e certamente os levariam consigo quando retornassem às suas casas, preservando, assim, a conexão com sua identidade cultural, mas fora do ambiente de trabalho.

Outro ponto importante a ser debatido é uma constatação comum em outros trabalhos sobre materialidade antártica, nos quais é comum a sugestão de existir certa homogeneização entre estes vestígios, quer dizer, não são encontrados materiais que evidenciam diferenças hierárquicas, étnicas, nacionais e de outros tipos entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros quando estavam na Antártica. Um dos fatores que pode estar relacionado a isso são as limitações financeiras dos caçadores de mamíferos marinhos, os quais, possivelmente, adquiriam os itens mais baratos existentes no comércio internacional ou, ainda, apenas recebiam os itens mais baratos que os capitães lhes davam no início das expedições através do slop chest. Deixando de lado apenas o aspecto econômico, existe ainda a possibilidade de, realmente, estas pessoas estarem optando por não demarcar, materialmente, diferenças hierárquicas, nacionais, religiosas, étnicas ou de outros tipos. Isso não significa assumir que elas não existissem, mas apenas não estavam sendo materialmente marcadas nesse sentido, é correto supor que as populações negras podem ter se sentido pressionadas a se aglutinar, externamente, às práticas comuns da categoria a fim de garantir sua melhor estadia e sobrevivência dentro do grupo, deixando, assim, em segundo plano suas

crenças e particularidades culturais enquanto estavam em seu ambiente de trabalho.

Portanto, o cenário antártico pode ter imposto uma reconfiguração nas formas de resistência simbólica e na materialização dessas crenças, considerando a transitoriedade do local e as particularidades do contexto histórico e social dos afrodescendentes durante as expedições. As poucas evidências encontradas podem refletir essa adaptação.

3.4.4. Profissão de preto: as práticas sociais e as materialidades

Após os vários apontamentos feitos a respeito da população negra entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros que fizeram parte das expedições antárticas, daremos mais um passo na discussão. Esse subcapítulo pretende explorar como as funções profissionais direcionadas e exercidas por pessoas negras impactaram ou se refletiram na presença e no uso dos artefatos relacionados a elas. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda das interações entre o trabalho, a identidade racial e a materialidade preservada, contribuindo para uma visão mais detalhada da dinâmica social do período em questão.

Nesse sentido, acho importante iniciarmos delimitando as profissões existentes em um navio de caçadores de mamíferos marinhos, pois, a partir daí, teremos uma ideia geral das divisões de trabalho, que, conseqüentemente, se refletiam nas divisões sociais a bordo.

O trabalho da Jimena Cruz (2019), que já foi bastante usado nesse TCC por sua riqueza de informações, pode dar uma luz acerca das profissões exercidas a bordo dos navios. A autora buscava entender como as profissões exercidas pelos caçadores influenciavam na alimentação a bordo e nesse sentido, ela traçou uma lista explicativa acerca dos ofícios realizados. As profissões apresentadas foram:

Capitão (master): era o cargo mais alto, que comandava o navio e tudo que se relaciona à navegação, à carga, às viagens, à tripulação etc, era também responsabilidade do capitão, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, fazer um acordo escrito e assinado com os tripulantes, onde estava especificado o salário e o tipo de viagem, além disso, nos Estados Unidos, o capitão devia prover

na alfândega uma lista da tripulação especificando nomes, local de nascimento, residência e uma descrição das pessoas (Cruz, 2019);

Primeiro oficial (First Mate, Chief Mate ou mate): o segundo, na ordem hierárquica, depois do capitão. Ele podia assumir o cargo de comandante em caso de algum impedimento. Também era responsável por fazer o diário de bordo, mas sob a supervisão do capitão (Cruz, 2019);

Segundo e terceiro oficial (Second and third mate): Nos afazeres do dia a dia, o segundo oficial trabalhava com as mãos, devendo realizar as tarefas mais difíceis ou ensinar aos outros como fazê-las. Ele era ainda o responsável por abrir, medir e pesar os barris; era também o encarregado da bodega (hold), da carga do convés inferior (lower deck) e da guarda das provisões de água, pão e carne do navio (Cruz, 2019);

Oficiais: embora nos navios lobeiros não tenha sido observada a presença de terceiros e quartos oficiais, nos manuais existem instruções específicas para esses cargos em relação à alimentação. Talvez no caso dos lobeiros, muitas dessas funções eram repartidas entre os primeiros e segundos oficiais. Algumas dessas tarefas incluíam levar um plano da parte do navio com as provisões e anotar tudo o que se tinha num caderno, junto à localização de cada barril (cask) e seu conteúdo na bodega. Nos portos, eles deviam dar conta das provisões e preparar os recibos para que o primeiro oficial os assinasse (Cruz, 2019);

Contramestre (Boatswain): era o membro da tripulação a cargo dos botes, velas, âncoras e amarras. Geralmente, eles são os encarregados dos mastros, das velas, cordas (rigging) e, portanto, deviam observar que tudo estivesse em boas condições para a navegação. O contramestre também estava encarregado de chamar e liberar as pessoas da tripulação com diferentes cargos a suas tarefas dependendo dos horários, ajudando seus colegas com os diferentes deveres do navio. No caso dos navios lobeiros, foi constatado em alguns documentos, como o diário de bordo do Huron, que essas pessoas também saíam com os botes para caçar lobos marinhos na terra (Cruz, 2019);

Arpoador (boatsteerer): embora sua área de trabalho fosse no bote, estando geralmente relacionada às atividades baleeiras, existem menções nos documentos sobre essas pessoas como sendo enviadas para a terra nas expedições lobeiras. No caso dos navios lobeiros, esse cargo poderia estar relacionado ao mando dos botes pequenos que eram enviados a terra para caçar os lobos e elefantes marinhos (Cruz, 2019);

Aspirante (midshipman): geralmente era um voluntário, rapaz com menos idade treinado em diversas tarefas e exercícios necessários a fim de que amadurecesse seus conhecimentos sobre o navio. Ele devia seguir as ordens dos oficiais superiores e ajudar nas diversas tarefas do navio, tanto a bordo como em terra. Assim como os oficiais, o número de aspirantes dependia do tamanho do navio (Cruz, 2019);

Carpinteiro (carpenter): não se tratava de um oficial, mas também não era um marinheiro comum, pois possuía uma capacidade particular e realizava atividades específicas. O carpinteiro era o encarregado de examinar e manter o navio, cuidando dos mastros, dos botes e de toda a maquinaria de madeira da embarcação, sendo, por isso, o encarregado do cofre de ferramentas do navio. Era tarefa do carpinteiro revisar, frequentemente, as diferentes partes do navio e repará-las quando necessário. Porém, todas as coisas relacionadas ao seu trabalho estão abaixo da direção do comandante (Cruz, 2019);

Steward: pessoa encarregada de trabalhar na cozinha e de distribuir as provisões aos oficiais e tripulação. Entre as suas tarefas também estava a limpeza da cabine, sendo responsável ainda por colocar e retirar a mesa, prover tudo para o cozinheiro e cuidar da *pantry*, espécie de armário onde todas as coisas para a mesa e utensílios são guardados. Em algumas ocasiões, o steward também era o servente do comandante, encarregado de todas as provisões para o uso na cabine (Cruz, 2019);

Cozinheiro (cook): era o encarregado de cozinhar tanto para a cabine como para o resto da tripulação. Passava o tempo na cozinha, chamada de "galley", e também

era o responsável por sua arrumação e limpeza, incluídos aí objetos como painéis e instrumentos de cozinha (Cruz, 2019);

Tanoeiro (cooper): estava encarregado de fazer os barris para provisões, água ou óleo de mamíferos marinhos tanto a bordo do navio ou na costa (Cruz, 2019);

Armorer: era o encarregado das armas que eram transportadas e utilizadas no navio (Cruz, 2019);

Marinheiro (sailor, seamen): era uma pessoa treinada para exercer diversas tarefas relacionadas ao navio e à navegação, ocupando uma das posições mais baixas dentro da estrutura hierárquica do navio, devendo obedecer ao capitão e ao oficial sem perguntas ou objeções. Eles provinham a força de trabalho para navegar e para descer a terra e obter as peles e óleo de mamíferos marinhos. Havia geralmente diferentes categorias que dependiam da experiência e habilidades da pessoa, os “able seamen”, “ordinary seamen” ou “Green hands” (Cruz, 2019);

Os “able seamen” eram aqueles mais experientes, que tinham os trabalhos mais difíceis e que requeriam destreza. Também, em consideração a esse grau superior, eles não eram obrigados a limpar os decks durante a noite (Cruz, 2019);

Os “ordinary seamen” eram pessoas que não tinham a idade, força ou experiência suficiente para realizar as tarefas do able seamen. As suas atividades dependiam da presença de green hands a bordo, ou não. No entanto, nos navios mercantes, muitas vezes não existe uma divisão clara entre essas duas classes (Cruz, 2019);

Os green hands eram pessoas inexperientes e que não possuíam a força e tamanho para ser ordinary seamen. Por serem os menos experientes, eram chamados de boys, independentemente da idade ou tamanho (Cruz, 2019);

Dentre essas várias ocupações apresentadas, existe uma que normalmente é associada diretamente a pessoas negras em diversos trabalhos distintos (Malloy, 1990; Madisson, 2014, Cruz, 2019, Philbrick, 2002). Vários autores, citam a ligação entre a profissão de cozinheiro e, por vezes, de steward à populações

afrodescendentes a bordo dos navios. Conforme citei antes, no livro *Moby-Dick*, o personagem Pip era o cozinheiro da tripulação e foi descrito como um marinheiro negro; da mesma forma, o cozinheiro e o steward do navio Huron (que chegou a embarcar em ilhas antárticas) foram descritos como "mulatos", o que indicava uma herança multiétnica e os apresentava como pessoas não brancas (Madisson, 2014)

Conforme disse antes, nos estudos sobre a composição das tripulações de navios, uma análise importante foi realizada por Putney (1987), que investigou as listas de tripulação norte-americanas e constatou que, em alguns casos, nas nomenclaturas utilizadas para designar os trabalhadores, surgia a expressão "no proofs". Essa expressão, segundo a autora, referia-se principalmente a indivíduos estrangeiros ou afro-americanos que desempenhavam funções específicas como cozinheiros ou stewards nas embarcações.

É interessante frisar que o termo em questão pode ser traduzido como, "sem provas", o que poderia indicar que essas pessoas não possuíam uma documentação formal específica que as identificasse. Essa designação reforça a ideia de que, apesar de sua importância funcional a bordo, esses trabalhadores eram muitas vezes tratados de maneira secundária e desvalorizada em relação a outros membros da tripulação, refletindo as dinâmicas raciais e sociais da época, marcadas pela exclusão e discriminação dos afrodescendentes no contexto do trabalho marítimo que já foram abordadas anteriormente.

Além de cozinheiro, já apresentamos evidências de marinheiros negros ocupando outras profissões a bordo como *greenhands* (Philbrick, 2002) e como capitão, como é o caso de William T. Shore (Hartman, 2020). Entretanto, quando os caçadores não estavam a bordo do navio, não existia uma regulação constante dessas ocupações como quando estavam ainda no navio, por isso não podemos inferir com certeza que as profissões se mantinham em sua totalidade quando eles estavam desembarcados na Antártica. Ainda assim, podemos pensar que certas ocupações fariam sentido se manter, como no caso de cozinheiros, responsáveis pela alimentação nos navios, os quais poderiam manter suas tarefas também em terra firme devido a sua vasta experiência e também a hierarquia racial.

A cozinha é tradicionalmente vista como um espaço de feminilidade e, em muitos contextos históricos, considerada uma esfera de trabalho inferior, especialmente quando comparada a atividades mais valorizadas, como a caça e o

trabalho físico pesado. Essa visão hierárquica do trabalho, onde a cozinha era uma categoria inferior, também pode ser vista no contexto das relações raciais, onde os afazeres relacionados a cozinha dos navios, eram frequentemente atribuídas às populações marginalizadas, como os afrodescendentes, que, devido à sua posição social subalterna dentro das equipes de caça a mamíferos marinhos, ainda marcados pela herança escravocrata, eram direcionados para ocupações que não apenas eram vistas como de baixo status, mas também estavam intimamente ligadas à ideia de "serviço" e "subordinação".

Nesse sentido, enxergando os cozinheiros negros descritos nas listas de tripulação e nos textos anteriormente mencionados, podemos então relacionar a população afro descende com as materialidades relacionadas aos afazeres ligados a profissão de cozinheiro.

Pois, nas noites frias, embaixo dos pequenos abrigos improvisados na neve, foram mãos negras que manusearam as colheres de madeira para preparar os cozidos de carne, devidamente cortados, preparados e depois despejados nas grandes panelas de ferro que ardiam sob o fogo crepitante, alimentado por carvão tão negro quanto suas peles. Nesses momentos, os corpos pretos interagiam com as materialidades ao seu redor e acabavam por assimilar suas nuances, ao mesmo tempo em que se modificavam no processo. Portanto, as duas esferas distintas, materialidade e humanidade, se fundiam sob a dança ensaiada do ato de cozinhar, preparar e servir.

Algumas materialidades relacionadas a alimentação foram estudadas por mim durante minha estadia no LEACH-UFMG, a fim de entendermos os contextos que os cozinheiros negros estavam inseridos.

Foram analisados 10 itens relacionados ao ato de cozinhar, sendo eles: uma colher de madeira, um fragmento de panela de metal, três fragmentos de madeira queimada, quatro fragmentos de carvão e uma pequena faca de metal.

O primeiro material estudado foi uma colher feita de madeira que foi encontrada no sítio arqueológico Punta del Diablo. Ela possui 31 cm de tamanho e pesa 10,8 g. Não foram encontradas marcas iconográficas, inscrições ou decorações afrocentricas no material.

O segundo material, foi um fragmento de metal que foi identificado como parte de uma panela, o material possui uma coloração esverdeada, com áreas vermelhas alaranjadas, possivelmente associadas a oxidação. A peça foi

encontrada no sítio arqueológico PX-3 e tem 16 cm de tamanho e pesa 294,8g. Não foram encontradas marcas iconográficas, inscrições ou decorações afrocentristas no material.

O terceiro material, foi uma faca de metal, a peça possui uma coloração escura devido a um tratamento da equipe de conservação feito com ácido tânico na peça, com o intuito de estabilizar a oxidação no metal. O artefato foi encontrado no sítio arqueológico PX-3 e possui 16,5 cm de tamanho e pesa 33,8g. Não foram encontradas marcas iconográficas, inscrições ou decorações afrocentristas no material.

O quarto material, foi um conjunto de três fragmentos de madeira com áreas queimadas e quatro fragmentos de carvão que podem estar possivelmente associados à área do fogão do sítio arqueológico PX-3.



Figuras 45 e 46: Colher de madeira e fragmento de panela. Foto: Bianca da Silva Alves, 07/11/2024.



Figuras 47 e 48: Faca de metal e fragmentos de madeira queimada e carvão. Foto Bianca da Silva Alves, 07/11/2024

Nenhum dos materiais aqui apresentados possuíam marcas ou indícios físicos da sua utilização por pessoas negras. Entretanto, após todos os apontamentos anteriores, os relacionamos ao manuseio por pessoas

afrodescendentes, posto que usados para cozinhar e os cozinheiros, possivelmente, eram homens negros.



Figura 49: Conjunto material de número 1, relacionado à prática social de alimentação que tem forte influência de marinheiros afrodescendentes. Foto Bianca da Silva Alves, 07/11/2024

Para além das práticas alimentares, alguns indícios mostram a possibilidade de existirem outros ofícios que eram realizados pelos lobeiros, foqueiros e baleeiros negros nos acampamentos Antárticos.

Segundo Salerno (2006), em seus estudos acerca das vestimentas dos caçadores de mamíferos marinhos da Antártica, a autora encontrou vários indícios da intervenção ativa dos trabalhadores sobre sua vestimenta, através de pontos de costura, remendos e etc. Os conhecimentos e habilidades de costura entre os marinheiros da época são amplamente conhecidos (Salerno, 2006). Por isso, interpretamos que conseguiram realizar, provavelmente durante o seu horário livre, tarefas de reparo a bordo dos navios ou em seus campos de caça. A capacidade de manter a integridade física de suas próprias peças de roupa pode ser útil em diversas circunstâncias, como a necessidade de continuar usando suas roupas, mesmo após elas descosturarem ou rasgarem, garantindo abrigo durante suas viagens; além das dificuldades financeiras de pagar pelos serviços de um alfaiate ao chegar aos portos comerciais (Salerno, 2006). Salerno (2006) ressalta que alguns tecidos de boa qualidade foram reciclados para fazer remendos, provavelmente, eles foram aproveitados para ajustar roupas que precisavam de uma sobrevida, estas certamente de menor custo (Salerno, 2006).

É possível pensar que os trabalhadores dos acampamentos estudados, ou até mesmo os membros de seus grupos familiares, participavam diretamente da confecção das vestimentas que os marinheiros vestiam. Salerno (2006) destaca a presença, por exemplo, de luvas de tricô, que foram fabricadas artesanalmente. Assim, devido às suas limitações financeiras, estes homens recorriam aos seus próprios meios e forças de produção para obter itens para satisfazer as suas necessidades de abrigo, especialmente em contextos de trabalho como os da Antártica, onde as carências eram grandes (Salerno, 2006).

Nesse sentido, podemos apresentar como uma importante profissão dentro dos acampamentos antárticos, o costureiro, ou alfaiate, ou seja, aqueles marinheiros que sabiam o ofício e a arte da costura e poderiam auxiliar seus companheiros nos remendos e consertos das peças de roupa.

Dois materiais relacionados ao ato da vestimenta foram analisados, por mim, na busca de exemplificar a materialidade que engloba a profissão proposta. Uma das materialidades é uma luva feita de tecido, onde o material se assemelha bastante ao tricô, a luva foi encontrada no sítio arqueológico Punta Varadero e possui 24 cm e pesa 86 g. Já o outro material, é um fragmento de tecido que foi encontrado no sítio arqueológico PX-2 e possui tamanho de 22,5 cm e 20,6 g.

Entre os itens de abrigo essenciais, podemos citar não só as malhas e tecidos, mas também os restos de botões de madeira e sapatos de couro que foram recuperados nos sítios antárticos e podem ter sido confeccionados e consertados pelos próprios caçadores.

Dessa forma, podemos citar o trabalho de Radicchi (2015), que estudou o calçar dos grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros, e após as análises, percebeu a presença de remendos e tentativas de manter o uso dos sapatos através do conserto.

Não foram encontrados vestígios de ferramentas de sapateiros nos sítios analisados pela autora, entretanto, os retalhos e fragmentos de sapatos apontaram para a existência abundante das atividades de reparação, retirada e reaproveitamento de partes e do couro. Foi encontrado, ainda, grande quantidade de pequenos retalhos de qualidades e texturas muito diferenciadas descartadas no mesmo ponto, o que poderia indicar uma área que serviu durante um tempo, a atividade de conserto e reparação dos sapatos.

Tendo isso em mente, proponho aqui pensarmos também na atividade de sapateiro como um ofício realizado por aqueles com conhecimento específico, que poderiam prestar esse serviço aos colegas de trabalho. Nesse sentido, analisei alguns fragmentos de sapatos a fim de observar aquilo que foi proposto nas análises de Radicchi (2015).

Foram analisados sete fragmentos de sapatos e um sapato completo reconstituído no qual, tanto o sapato quanto seis das peças analisadas, foram retiradas do sítio arqueológico Sealer 3, e todos eram feitas de couro, nas partes do solado das peças, por vezes, era possível observar pequenas estacas de madeira, possivelmente utilizadas para segurar a sola, além disso, era visível os furos utilizados para costurar as partes do sapato. O outro fragmento de couro foi encontrado no sítio sealer 4.



Figuras 50 e 51: Fragmentos de sapatos de couro. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024



Figuras 52 e 53: tira feita de couro e sola de sapato Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024



Figuras 54 e 55: Tiras feitas de couro, associadas a sapatos. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024



Figuras 56 e 57: Fragmento de sola de sapato e sapato feito de couro. Foto Bianca da Silva Alves, 08/11/2024

Acerca da profissão de sapateiros negros, lembro o texto de Lima (2005), no qual ela afirma que no Rio de Janeiro oitocentista, escravizados assumiam as funções de produção e venda de calçados. No entanto, nestes contextos, apesar deles produzirem os calçados, não poderiam, eles mesmos, os utilizar. É claro que o contexto antártico é diferente do contexto carioca, mas é relevante considerar que, nesse caso brasileiro, a autora pôde mapear que pessoas negras foram “hábeis e exímios artesãos, se tornaram indispensáveis nessa atividade, produzindo não só trajes, como também todos os seus complementos, desde chapéus até sapatos, cintos e luvas” (Lima, 2005, p.10). Pensar que homens negros eram habilitados como sapateiros e alfaiates é algo que sugiro no meu TCC, pensando o contexto antárticos, e outras pesquisadoras já o fizeram pensando outros contextos.

Para além das “profissões” ou práticas propostas, é possível expandir a reflexão para uma variedade de ofícios que poderiam ter sido exercidos, como os trabalhos realizados por artesãos que, por exemplo, criaram o jogo de tabuleiro mencionado anteriormente. Mesmo que essas profissões ou funções não estejam explicitamente associadas à presença de pessoas negras nas fontes consultadas,

é fundamental, à luz das evidências apresentadas até agora, considerar que há elementos suficientes para sugerir a possível participação de indivíduos afrodescendentes na totalidade de atividades desenvolvidas entre os grupos foqueiros lobeiros e baleeiros. E, nesse momento, chegamos no próximo passo em relação às provocações: por que é necessário ter marcas específicas e indiscutíveis para poder evidenciar a presença negra na Antártica?

3.4.5. O Eldorado Preto

Ainda que não tenha encontrado provas materiais inequívocas, a bibliografia previamente levantada vem sugerindo que pessoas pretas estavam presentes no contexto da baleação e estiverem entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros que desembarcaram no continente antártico (Salerno, 2006; Cruz, 2019; Putney, 1987; Malloy, 1990; Madisson, 2014; Philbrick, 2002; Hartman, 2020; Alkmin, 2015). Assim, por tudo que expus no levantamento bibliográfico e documental no capítulo 3, é seguro afirmar que pessoas negras ocuparam esse espaço. Sendo assim, provoco a afirmar que tudo que é encontrado nas escavações, também pode ter pertencido a eles, com ou sem as marcas iconográficas descritas na metodologia.

Essa ideia de precisar de provas específicas, marcas e evidências indiscutíveis para mostrar indícios concretos de corpos desviantes do normativo, tem uma forte herança nas nossas raízes coloniais, que oficializaram um passado dominado por homens cis, branco e heterossexuais, sendo estes o referencial para a classificação do mundo inteiro.

Essa hegemonia, porém, deixou de ser regra única entre as produções bibliográficas da arqueologia. Os pioneiros em quebrar essas normas foram os estudos feministas e de gênero. A existência destes trabalhos dentro da arqueologia, por si só, já é uma contraversão fortíssima, e os estudos que essas áreas vêm produzindo causam alvoroço nos campos mais conservadores (Voss, 2000; Ribeiro, 2024).

Uma grande pesquisa que pode nos dar a luz sobre o porquê de necessitarmos de provas tão explícitas para aceitar verdades que saem do normativo, é a pesquisa de arqueologia feminista que fala sobre a caça e sua materialidade e sobre a quem estes vestígios são normalmente atribuídos.

Segundo Barbara Voss (2000), os vestígios materiais de caça são normalmente associados à figura masculina, nessas interpretações distorcidas, só restam a figura feminina ficar com as partes consideradas subalternas para esses autores, como a colheita, cuidado com as crianças e o lar. O interessante é que nessas interpretações não existem vestígios concretos que associam essas materialidades à imagem masculina, então, porque é aceitável a associação entre vestígios de caça e homens e é questionável sua vinculação com mulheres? Porque não podem existir mulheres caçadoras?

Para essa perspectiva, o cerne da resposta dessa pergunta é o mesmo cerne da problemática que sugiro no TCC. A nossa sociedade patriarcal, machista, homofóbica e branca rege as produções científicas. Essa é a única evidência concreta que leva esses vestígios a serem interpretados dessa forma.

O único motivo de necessitarmos do eldorado dos vestígios antárticos para começarmos a atribuir aquela materialidade a pessoas negras é nosso próprio preconceito enraizado na construção de quem somos e no que pensamos. É por isso que se faz necessário ter um novo olhar para a materialidade que anteriormente já foi estudada, sobre outro viés.

É importante ressaltar que toda essa história de sociedade patriarcal e branca que rege pensamentos e cristaliza conceitos, serve pra mim mesma, que estou tentando romper os paradigmas expostos nestas páginas. Lembram da pergunta que fiz na introdução desta monografia? “Por que eu, sendo uma mulher negra, criei somente personagens brancos e loiros para o passado antártico?” Descobri, durante essa pesquisa, a resposta para essa indagação. Eu sou fruto da sociedade que me formou, a qual é estruturada de forma racista.

A luta para quebrar as amarras da colonialidade e mais especificamente do racismo que esteve presente na minha criação, formação e até no meu processo de resistência, é contínua, ou seja, nunca termina. O meu olhar foi formado pela sociedade que me oprime e é preciso força para curá-lo. Então, é importante frisar que o novo olhar que dei a materialidade aqui estudada, ainda é um olhar castigado pela sua criação e que nada escrito nessas páginas é absoluto, certo ou concreto. É uma nova interpretação da materialidade da Antártica, feita por alguém que reconhece as próprias limitações interpretativas.

Na minha proposta, corpos negros também manusearam os vestígios antárticos, seja enquanto desenvolviam suas profissões como cozinheiros,

sapateiros, costureiros; sejam quando jogavam, fumavam, se vestiam, calçavam e caçavam.

A ausência de marcas afro diaspóricas inequívocas entre os vestígios arqueológicos antárticos não significa uma negação a presença de pessoas negras entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros, mas traz pistas sobre como suas identidades raciais e étnicas não foram materialmente demarcadas enquanto eles estavam acampados. Certamente, a necessidade de coesão entre eles, posto as adversidades do ambiente, bem como os imprevistos que demandavam cotidianamente uma colaboração, foram fatores que influenciaram nessa maior homogeneização material e horizontalidade social. Além disso, justamente por sobrevivência, é provável que estes marinheiros negros optaram por silenciar sobre sua religiosidade e raça, a fim de evitar desentendimentos e garantir que não seriam deixados para trás.

Considerações Finais

Nesta monografia, procurei desenvolver uma linha de análise alternativa que pudesse me mostrar evidências da existência de pessoas afrodescendentes entre os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros que foram para a Antártica. Para esta abordagem, me apoiei nas perspectivas metodológicas da Arqueologia Histórica por ela me permitir gerar pontos de contato que podem ser estudados através de diversas linhas de evidências, especialmente a material e a documental, em conjunto. A Arqueologia do Capitalismo e do Mundo Moderno, partindo de um olhar latino-americano, também foram fundamentais por me oferecer bases críticas para entender os contextos capitalistas no qual a indústria lobeira está inserida. Além disso, na busca de entender o corpo negro e subalterno, utilizei bases do que chamo aqui de “Arqueologias Negras”, sendo nelas inseridas todas as possíveis abordagens de se tratar o corpo negro em diáspora, sem deixar de frisar esse corpo preto como um ser subalterno, que foi enxergado e expressado, neste trabalho, sob a ótica de Spivak (2010).

Considerando o objetivo proposto, iniciei a busca por formas de identificar a população negra em diversos tipos de fontes: documentos históricos (como listas de tripulações de navios), literatura marinha, canções de marinheiros, amplas pesquisas bibliográficas, e, principalmente, através da materialidade. O estudo deste último foi o mais desafiador e para desenvolvê-lo construí uma ficha de

análise a partir de leituras sobre símbolos iconográficos afrodiáspóricos, entre eles, destaco o cosmograma bakongo, que aparece gravado em inúmeras materialidades relacionadas a populações africanas e afrodescendentes em diáspora, tanto em contextos nacionais, quanto internacionais.

Também fui em busca de itens associados a religiões de matriz africana, como os caches, materialidades cerâmicas utilizadas em rituais, figas de metal, búzios, entre outros. E por fim, tracei uma estratégia de associar profissões de marinheiros negros com vestígios materiais e práticas sociais.

Após delimitada a metodologia, construí uma ficha de análise e iniciei as buscas no LEACH-UFMG. Para melhor entender os resultados da pesquisa, julguei necessário explorar os contextos históricos de meados do século XVII e início do séc. XIX, a fim de informar ao leitor acerca das mudanças históricas da época, e de onde estavam inseridos os corpos pretos naquela sociedade. Nesse sentido, foi exposta as grandes mudanças culturais, políticas e econômicas mundiais que ocorreram com advento do Iluminismo, Revolução Francesa e Industrial. Esses processos históricos criaram as bases do capitalismo, o qual alterou as relações sociais e de trabalho do período e gerou uma grande demanda por espólios advindos da caça de mamíferos marinhos. Após extensa e intensa exploração desenfreada dessas espécies em diversos locais, os grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros acabaram atracando no continente gelado. Pesquisando o cotidiano de uma embarcação baleeira, pude constatar a participação de navios baleeiros na prática escravista, onde, em menor número, ocorria a participação ativa dos tripulantes e capitães no tráfico ilegal de escravizados, e, em maior frequência, navios baleeiros foram negociados com agentes escravistas que os utilizavam para o comércio irregular escravo, driblando as regras de controle do período.

Aprofundando nas pesquisas antárticas realizadas pelo projeto paisagens em Branco, comandado pelo prof. Andres Zarankin, tentei evidenciar o processo de colonização do continente antártico para além dos grandes navegadores, exploradores e cientistas, destacando a vida de trabalhadores comuns, os grupos foqueiros lobeiros e baleeiros que iam para a Antártica para caçar mamíferos marinhos, na busca por obter gordura e pele desses animais que eram utilizadas como matéria-prima para o capitalismo emergente.

Após todo este percurso, finalmente adentro no ponto central do trabalho voltado a colocar em destaque a participação de pessoas afro diáspóricas no

comércio internacional de cetáceos. Esta discussão foi apresentada a partir de quatro etapas principais: primeiramente, como o corpo preto é descrito nos livros, artigos e documentos associados a baleação; em seguida, discuto as iconografias encontradas nas materialidades antárticas; depois, exponho as práticas sociais relacionadas às profissões de pessoas afro diaspóricas no contexto foqueiros e suas materialidades” e por fim, mas não menos importante, questiono a necessidade de buscar um “Eldorado preto” para provar, irrefutavelmente, que pessoas negras também colonizaram o último continente.

A pesquisa apresenta uma extensa lista de bibliografias que corroboram com a presença negra nos grupos de marinheiros na época estudada. Conforme a bibliografia informou, à medida que o comércio de produtos derivados de mamíferos marinhos se expandia, a demanda por mão de obra qualificada aumentava de forma exponencial, além de que este crescimento no setor coincidiu com um período de elevado desemprego, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, nesse sentido, a indústria foqueira, lobeira e baleeira acabou se tornando uma importante fonte de trabalho, particularmente para aqueles grupos sociais que enfrentavam dificuldades para acessar outras oportunidades laborais, seja por serem jovens, afrodescendentes recém-libertados, escravizados fugidos e indivíduos de origem indígena.

Essa presença negra entre os grupos baleeiros acabou se evidenciando em várias obras literárias ficcionais sobre a vida no mar, onde personagens negros foram descritos, como por exemplo em “Mobi Dick” e em “In the heart of the sea”, além disso, os corpos negros estavam também intimamente ligados as composições musicais de trabalho marinho conhecidas como “Chanteys”

Após evidenciar a presença negra nos grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros, através dos estudos bibliográficos, foi apresentado o resultado das análises materiais, onde foram encontrados 16 materialidades com possíveis marcas iconográficas bakongo, sendo 14 delas peças de jogo de tabuleiro que continham uma marca “X” entalhada em seu centro, uma peça metálica feita de bronze, que continha inúmeros “X” sequenciais gravados em uma de suas bordas, e uma tábua de madeira com várias marcas difusas e uma Cruz entalhada em sua ponta.

Como um segundo degrau desta discussão, a bibliografia que consultei informou que as profissões de cozinheiro e de *steward* que são comumente

relacionadas a homens afrodescendentes e tais evidências podem ser observadas através de estudos de baleação e de listas de tripulação. Para além delas, no meu trabalho propus outros ofícios, como “sapateiro” ou “alfaiate”, que também poderiam ser desempenhados por pessoas negras, conforme acontecia em outros contextos no século XIX. Mesmo que essas profissões ou funções não estejam explicitamente associadas à presença de pessoas negras, é fundamental, à luz das evidências apresentadas até agora, considerar que há elementos suficientes para sugerir a possível participação de indivíduos afrodescendentes na totalidade de atividades desenvolvidas entre os grupos foqueiros lobeiros e baleeiros. E, nesse momento, chegamos no próximo passo em relação às possíveis provocações: por que são necessárias marcas específicas e indiscutíveis para poder evidenciar a presença negra na Antártica?

Esta monografia possibilitou-me examinar como as práticas capitalistas e suas nuances (alta demanda de mão de obra barata e desemprego em massa) foram fundamentais para a inserção de pessoas afrodescendentes nos grupos de caçadores de mamíferos marinhos, e que, nesses empregos, os marinheiros pretos recebiam um salário equivalente ao dos marinheiros brancos. Além disso, mesmo com evidências de racismo e segregação a bordo dos navios, os corpos pretos ainda possuíam certa possibilidade de ascensão de cargo, como ocorreu com o caso do capitão William T. Shore. As análises materiais ainda possibilitaram evidenciar a possível expressão desses corpos pretos através das marcas iconográficas que foram encontradas, de forma sugestiva, em alguns materiais, especialmente nas fichas de jogos.

Nesse sentido, podemos perceber as fortes evidências acerca da presença negra nos grupos foqueiros, lobeiros e baleeiros que fizeram parte das expedições ao continente gelado, tornando quase certa a participação dos corpos pretos na colonização do continente branco.

Considero que meu projeto poderá contribuir com as inúmeras pesquisas já realizadas pelo LEACH-UFMG que buscam trazer à tona os grupos marginalizados da história antártica, além de adicionar novas metodologias e resultados aos estudos direcionados a população afro diaspórica.

Fecho os caminhos desse TCC com um ditado Kemético que diz “O verdadeiro aprendizado não é um acúmulo de conhecimento; é um despertar da consciência através de estágios sucessivos. (Templo de Karnak).” Esse ditado ensina que o processo de aprendizado é muito mais do que uma atividade

mecânica de expor uma sucessão de dados e informações, ela é na verdade uma jornada gradual de aumentar a percepção do ser em relação a si mesmo, ao mundo e ao cosmos que o rodeia. Trata-se de um processo de iluminação interior, que vai além da mera assimilação de dados. Trata-se de um despertar contínuo, que leva o indivíduo a se transformar e a se conectar com sua essência mais profunda e com o universo ao mesmo tempo que usufrui daquilo que estuda.

A produção dessa monografia foi um despertar continuou pra mim, onde haviam desafios em varias etapas distintas, primeiramente porque escrever por vezes é um parto, onde parir aquilo que paira sobre sua mente é doloroso e difícil, ainda mais sendo uma mulher negra, a síndrome de impostora a todo tempo nos lembra da posição subalterna que me encontro, me fazendo questionar se o esforço árduo valeria a pena. Além disso o tema é critico e provocante, o que me fez pensar a todo momento que eu mexia num vespeiro ativo, onde tomar cuidado com as palavras era fundamental.

As dificuldades também estavam presentes na criação da metodologia, que foi uma proposta nova e não havia muita base para me apoiar, então o desafio de se criar algo assim, ainda mais sendo aluna de graduação ainda, foi desafiadora. Entretanto, não só de desafios vive a mulher, tive inúmeros momentos incríveis, onde chorei vendo as fotos de baleeiros negros, gritei ao encontrar mínimas marcas em materiais no laboratório do LEACH-UFMG, me maravilhei ainda mais com cada texto lido, em especial aqueles voltados as arqueologias negras e me identifiquei com a luta de várias autoras que li.

Foi importante também expor a ciência que almejo, e tenho tentado produzir, que é engajada com a visibilidade e a voz de corpos negros e femininos na prática e no registro arqueológico, não só no papel de pesquisadoras, mas como participantes ativas das sociedades presentes e passadas, que devem ser consideradas nas pesquisas e na produção acadêmica.

Por fim, deixo aqui registrado um texto que escrevi para o personagem foqueiro Antártico negro “John” do meu jogo Sertica, que ao terminar de produzi-lo percebi que se encaixava perfeitamente com esse momento de finalização:

“John olhava fixamente o horizonte branco e pensava em casa. Não em New bedford, mas em CASA, sua pequena aldeia na costa sul Africana, onde o chão era vermelho e o sol acariciava forte o rosto. Ele Nunca havia estado lá, mas sabia como era, lembrava das arvores na época de seca, do sabor do Fufu com ensopado e do cheiro das ervas queimando nos dias sagrados. A saudade bateu forte, o peito doeu e a garganta embargou. Por sorte estava só, pode deixar uma pequena lagrima abrir caminho pelos poros de seu rosto e deitar-se sob seu peito.

John sentiu o frio congelando seu rosto molhado, e pensou em sua avó, que diferente dele, pode tocar a areia fina da sua própria terra, e brevemente vislumbrou a vida em um lugar do qual pertencia, até que foi arrastada mar a dentro.

O mar é tão poderoso, que mesmo com o branco tentando profana-lo, fazendo dele lugar de morte, dor e angustia, o mar não esqueceu do corpo preto. Yemoja abre os caminhos para a passagem dos marinheiros negros, fazendo deles lendas, no qual o maior fator que

ocasiona suas caçadas bem sucedidas não poderia ser entendido por todos. Pois a conexão é ancestral.

John sentiu essa força ao olhar o mar, a maresia deixava seu lábio salgado e fazia seu cabelo lanoso farfalhar como o topo dos baobás na época de Oyá. Sentou-se no chão de pedra na parte de fora do abrigo, pegou sua adaga e passou a talhar um pequeno pedaço de madeira enquanto pensava na força que recebeu dos Deuses, e que por vezes esquecia nos momentos ruins.

Se Òrìsànlá, lá do céu olhasse para baixo, veria John cantarolando sua musica de trabalho preferida enquanto entalhava.

Ao terminar sua arte, olhou seu trabalho, uma pequena lasca de madeira, lindamente serrada em formato quadrado e com um grande X gravado em seu centro. O garoto pensou que já havia feito fichas de tabuleiro mais bonitas, mas até que para alguém que nem estava prestando atenção, a peça havia ficado boa. Antes que pudesse vislumbra-la o bastante, Shorey, o cozinheiro, o chamou para que o ajudasse a fazer o ensopado.

John rapidamente pôs a peça no bolso e foi ajudar seu colega de cor nos afazeres. Não percebeu que a peça acabou caindo das suas calças velhas, deitando no chão gelado da Antártica, onde teria um sono profundo por um tempo.

Após o jantar, O garoto deitou em seu local no abrigo e olhou as sombras da fogueira dançarem no teto por horas, não conseguia dormir porque no dia seguinte embarcaria de volta no navio para casa. Depois de momentos ansiosos, Axabó agarrou sua mente em sonhos bons até o outro dia.

No dia seguinte, já embarcado, John olhou a ilha gelada se distanciar no horizonte, e lembrou de sua jornada difícil, das dores no corpo após caçadas difíceis, do medo que sentiu nas tempestades frias, na ansiedade por aprender cada vez mais e conseguir deixar de ser um mero *greenhand*, da saudade de casa e principalmente da grande força mental que precisou ter.

O pequeno jovem negro, na proa do grande navio não resistiu a um choro silencioso ao se aproximar do fim da jornada, orgulhoso de todo caminho percorrido e ansioso para usufruir os frutos colhidos.” (Trecho de conto produzido para o jogo digital “Sertica”)

Eu entendo John, também choro ao escrever minhas ultimas palavras dessa monografia, não por medo, mas por orgulho do que produzi até aqui e o que está ainda por vir a partir disso.

Referências Bibliográficas

ABREU E SOUZA, Rafael de. Destruição, genealogias negras e materialidade do racismo à brasileira a partir da explosão da Ilha do Braço Forte, março de 1954. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 8–29, 2024. DOI: 10.24885/sab.v37i1.1133. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1133>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ABRÃO, B. S. Os pensadores: história da filosofia. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução: Édna de Marco IN: *Estudos Feministas*, 1º SEMESTRE 2000. P 229-236.1981.

ARANTES, Rosa Maria Esteves; ZARANKIN, Andres; ROSA, Luiz Henrique; SOARES, Fernanda Codevilla. Antártica em Minas Gerais: avanços científicos nas áreas de medicina/fisiologia, microbiologia e arqueologia no Polo Sul e sua importância para o Brasil. 2021.

BARGHOUTI, M. I saw Ramallah. New York: Anchor Books, 1994.

BENTO, C. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRACE, Lorin. Information on Caches or African-American Bundles Found by Archaeology in Annapolis and the Eastern Shore. *Archaeology in Annapolis Site Reports*, abril de 2019. Disponível em: https://aia.umd.edu/explore/documents/report_bundles.pdf . Acesso em: 20/12/2024.

BUENO, Eduardo. Brasil: Uma história. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CARVALHO, José Jorge de. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 68, p. 88–103, 2006. DOI:

10.11606/issn.2316-9036.v0i68p88-103. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13485..> Acesso em: 17 out. 2024.

CARVALHO, Patrícia Marinho de. Visibilidade do negro: arqueologia do abandono na comunidade quilombola do Boqueirão - Vila Bela/MT. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/711131/tde-20022019-154725/>.
 Acesso em: 20 dez. 2024.

CASTELLUCCI, Wellington Junior. Fronteiras oceânicas: baleação e ambiente marinho na era do capitalismo industrial, 1740-1850. Abr 2022, Volume 28 Nº 1 Páginas 220 - 237. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2022v2801012>

COLCORD, Joanna. 1938 [1924]. Songs of American Sailormen. New York: Norton.

CORRÊA DA SILVA SIMONI, Rosinalda. Os quilombos na diáspora e o papel da Arqueologia: lutas históricas e desafios, uma escrita na primeira pessoa. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 30–43, 2024. DOI: 10.24885/sab.v37i2.1150. Disponível em:
<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1150>. Acesso em: 20 dez. 2024.

CRUZ, Maria Jimena. Incorporando comidas e contextos: a alimentação e o corpo nos grupos foqueiros nas Shetland do Sul (Antártica, século XIX). 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CRUZ, Maria Jimena. Memórias de um mundo congelado: a indústria lobeira e as experiências antárticas no século XIX. 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DAURIL, Alden. Yankee sperm whales in Brazilian waters, and the decline of the Portuguese whale fishery (1773-1801). *The Americas* (Cambridge, MA). v. 20, n. 3, p. 267-288, 1964.

DOERFLINGER, William Main. 1990[1951]. *Songs of the Sailor and Lumberman*. Glenwood, IL: Meyerbooks.

FERGUSON, J. *Global shadows: Africa in the neoliberal world order*. Durham: Duke University Press, 2006.

FERREIRA, Lucio M. Sobre o conceito de arqueologia da diáspora africana. *Métis*, v.8, n. 16, p. 267-275, 2009.

FUNARI, P. P. A.; JONES, S. & HALL, M. 1999. Introduction: archaeology in history. In FUNARI, P. P. A., JONES, S. & HALL, M. (eds), *Historical Archaeology. Back from the edge*, Londres, Routledge, 1-20.

FUNARI, Pedro Paulo A.; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. *Tying the Spiritual Knot: African Cosmology of the Bântu-Kôngo Principles of Life & Living*. New York: Athelia Henrietta Press, 2001.

GOMES, Flávio; SYMANSKI, Luís Cláudio. Arqueologia da escravidão em fazendas jesuíticas: primeiras notícias da pesquisa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.309-317.

GUIMARÃES, C. M. (1990). O Quilombo do Ambrósio: Lenda, Documentos e Arqueologia. *Estudos Ibero-Americanos*, 16(1, 2), 161–174.
<https://doi.org/10.15448/1980-864X.1990.1-2.36325>

HARTMAN, Ian C. *Black History in the Last Frontier*, 2020.

HOOTON, E. A. 1938. Apes, Men, and Morons. London, Allen and Unwin.

HUGILL, Stan. 1961. Shanties from the Seven Seas: Shipboard Work-songs and Songs Used as Work-songs from the Great Days of Sail. London: Routledge & Kegan Paul.

KARNAL, L. Estados Unidos, liberdade e cidadania. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (orgs.). História da Cidadania. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KNAPETT, Carl. Materiality in archaeological theory. Encyclopedia of Global Archaeology, v. 1, p. 4700-4708, 2014.

LIMA, T. A. Os sapateiros descalços: a arqueologia de uma humilhação no Rio de Janeiro oitocentista. 2005. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

LIMA, T. A. O papel da Arqueologia Histórica no mundo globalizado. In: Andrés Zarankin; Maria Ximena Senatore. (Org.). Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires, Editorial del Tridente, 2002, v., p. 117-127.

MAGALHÃES, Paulo. Saberes da Kalunga - Pensando o mundo contemporâneo a partir da epistemologia bakongo. Edgardigital, Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em:

https://www.academia.edu/45292176/Saberes_da_Kalunga_pensando_o_mundo_c_emologia_bakongo_Edgardigital_UFBA. Acesso em: 20/12/2024

MALLOI, Mary. African Americans in the maritime trades: A guide to resources in New England. Local de publicação: Editora, 1990.

MAGALHÃES, Paulo. Saberes da Kalunga: Pensando o mundo contemporâneo a partir da epistemologia bakongo. Edgardigital, Universidade Federal da Bahia, 2018.

MELVILLE, Herman. Moby-Dick. 1. ed. São Paulo: Editora XYZ, 1851.

MADDISON, B. (2014). *Class and Colonialism in Antarctic Exploration, 1750–1920*. London: Pickering & Chatto.

ORSER, C. E. Jr. The archaeology of the African diaspora. *Annual Review of Anthropology*, v. 27, p. 63-82, 1998.

ORSER, Charles. 1996. *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York, Plenum.

ORSER JR, Charles; FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia da resistência escrava. *Cadernos LEPAARQ*, v. 1, n. 2, p. 11-25, 2004.

PASSOS, Lara de Paula Passos. *ARQUEOPOESIA: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

PEREIRA, Ricardo; CHEVITARESE, André L. Por uma arqueologia dos candomblés: contribuições da ciência do passado aos estudos dos fenômenos religiosos. *Revista Maracanan*, v.20, p. 112-136, 2019.

PHILBRICK, Nathaniel. *In the Heart of the Sea*. Nova York: Viking, 2000.

PHILBRICK, Nathaniel. *Revenge of The Whale: The True Story of the Whaleship Essex*. Boston Globe-Horn Book Honors (Awards). Nova Iorque: New York State, 2002.

PUTNEY, M. *Black Sailors: afro-american merchant seamen and whale men prior to the civil war*. Greenwood Press, Nova York, 1987.

RADICCHI, Gersa de Alkmin. *Os sapatos Lobeiros-baleeiros: práticas de calçar do século XIX nas Ilhas Shetland do Sul (Antártica)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RADANE, Livia. Transgredindo arqueologias: Narrativas outras como práticas libertadoras. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 44–57, jul./dez. 2024.

REILLY, Kevin S. *Slavers in Disguise: American Whaling and the African Slave Trade (1845-1862)*. The American Neptune, 1993.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 1–7, 2024. DOI: 10.24885/sab.v37i1.1111. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1111>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SALERNO, Melissa A. *Arqueologia do vestuário: práticas e identidade nos confins do mundo moderno (a Monografia, Antártica, século XIX)*. São Paulo: Editora, 2006.

SALERNO, M. A. *Persona y cuerpo-vestido en la modernidad: Un enfoque arqueológico*. Tesis de doctorado en arqueología. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2011.

SENATORE, Maria X.; ZARANKIN, Andres. Leituras da sociedade moderna: cultura material, discursos e práticas. In: ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. (eds.), *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas*, pp. 5-18, Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 2002.

SENATORE, M. X.; ZARANKIN, A. *Arqueología Histórica y Expansión Capitalista. Prácticas cotidianas e grupos operarios en Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur*. Em: ZARANKIN, A.; ACUTO, F. (eds.), *Sed Non Satiata*, p. 171-188. Ed. Tridente, Buenos Aires, 1999.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Fernanda Codevilla; GARDIMAN, Gilberto G. Mais uma dose: análise arqueobotânica do consumo de cerveja nas Shetland do Sul (Antártica). *Revista Habitus*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 273-299, jul./dez. 2017.

SOARES, Fernanda Codevilla; PENA, Will Lucas Silva; JOIA, Taísa; ROSA, Luis Alberto. A (des) Construção da Embriaguez em Solos Antárticos. In: SOARES, Fernanda Codevilla (org.). *Comida, cultura e sociedade: Arqueologia da alimentação no Mundo Moderno*. Recife: Editora da UFPE, 2016. p. 139-168.

SOARES, Fernanda Codevilla; PENA, Will Lucas Silva; LINHALES, Clarice. Um fio de fumaça nos mares do sul: cachimbos de caulim e masculinidades nas Ilhas Shetland do Sul (séculos XVIII e XIX). *Revista da SAB*, v. 32, n. 1, p. 123-145, jan./jun. 2019.

SOARES, Fernanda Codevilla. A importância do passado: arqueologia como ação política. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 17, n. 2, p. 1–24, 2023.

SOARES, Fernanda Codevilla. A importância do passado: arqueologia como ação política. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 17, n. 2, p. 1–24, jul./dez. 2023.

SOARES, Fernanda Codevilla. Analyzing historical artefacts: progress and challenges. In: SYMONDS, J.; LAWRENCE, S.; FUNARI, P.; ZARANKIN, A.; ORSER, C. *The Routledge Handbook of Global Historical Archaeology*. London & New York: Routledge, p. 443-457, 2020.

SOUZA, M.A.T. Introdução: Arqueologia da Diáspora Africana no Brasil. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 7, n. 1, p. 9–19, 2013. DOI: 10.31239/vtg. v7i1.10612.

SOUZA, Rafael de Abreu. Deixa meu cabelo em paz e outros contos sobre arqueologia do racismo à brasileira. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 2, 2020.

STEHBERG, R.; NILO L. 1983. Proveniência Antártica de Duas Pontas de Projéteis. Boletim Antártico Chileno 3 (1): 2-21.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Edufmg, 2010.

SYMANSKI, Luis Claudio P. Cerâmicas, identidades escravas e crioulozação nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). Histórias Unisinos, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

SYMANSKI, Luis Claudio Pereira. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: CENÁRIOS REGIONAIS EM ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. 2009. p. 279-310.

SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Arqueologia da escravidão em fazendas jesuíticas: primeiras notícias da pesquisa. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 309-317.

TORRES, D. 1992. Caveira Indígena no Cabo Shirreff? Um estudo em Desenvolvimento. Boletim Outubro antártico chileno: 2-6.

VOSS, B.L. Feminismos, Teorias Queer e o estudo arqueológico de sexualidades passadas. (Translation of Voss, B.L. 2000. "Feminisms, Queer Theories, and the Archaeological Study of Past Sexualities." World Archaeology 32(2): 180–92. <https://doi.org/10.1080/00438240050131171>).

ZARANKIN, Andres; ROSA, Luiz Henrique; ARANTES, Rosa Maria Esteves; SOARES, Fernanda Codevilla. Antártica em Minas Gerais: avanços científicos nas áreas de medicina/fisiologia, microbiologia e arqueologia no Polo Sul e sua importância para o Brasil. 2021.

ZARANKIN, Andres. Hacia una arqueología histórica latinoamericana. In: Pedro P. Funari; Andres Zarankin. (Org.). Arqueología Histórica en América del Sur: Los desafíos del siglo XIX. 1ed. Bogotá: UNIANDES, 2004, v., p. 127-139.

ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. Arqueología en Antártida, Estrategias, tácticas y los paisajes del capitalismo. Desde el país de los gigantes. Perspectivas Arqueológicas em Patagonia, Universidad Nacional de la Patagonia Austral, Río Gallegos, 1999.

ZARANKIN, Andres; SENATORE, Maria X. Histórias de un Pasado en Blanco; Arqueología Histórica Antártica. 1. ed. Belo Horizonte: Argumentum, 2007. 240p.

ANEXO I. Chave classificatória e fichas de análise.

1. IDENTIFICAÇÃO	3. TIPO DA PEÇA	4. MARCAS/ICONOGRAFIA	7. DECORAÇÃO AFROCÊNTRICA
1. Sítio	0. Outro	4.1. COSMOGRAMA BACKONGO	0. Outro
2. Nº inventário	1. Garrafa		1. Presente
3. Peça	2. Botão	0. Outro	44. Ausente
4. Unidade de escavação	3. Sapato	1. Cosmograma backongo	99. Não identificado
5. Nível	4. Cachimbo	2. Marca de Cruz - Cosmograma backongo	
	5. Porrete	3. Marca em X - Cosmograma backongo	8. PRÁTICAS SOCIAIS
2.MATERIAL	6. Estaca	4. Marca em Espiral - Cosmograma backongo	1. Alimentar / Comer
0. Outro	7. Jogo	44. Ausente	2. Vestir
1. Metal	8. Barril	99. Não identificado	3. Calçar
2. Vidro	9. Bainha		4. Beber
3. Gres	10. Trempe de fogão	5. ITENS DE RELIGIOSIDADE	5. Fumar
4. Osso	11. Facas	1. Presente	6. Divertir
5. Madeira	12. Restos alimentares	44. Ausente	7. Caçar
6. Couro	13. Munições	99. Não identificado	0. outro
7. Tecidos	14. Vestuário	77. Não se aplica	99. Não identificado
8. Cerâmica/Kaolin	15. Machado		
9. Pedra	16. Prego	6. INSCRIÇÕES TEXTUAIS	9. ANALISES ASSOCIADAS
10. Chumbo	17. Estaca / cravinho	1. Presente	10. DATAÇÃO
11. Bronze	18. Rolha	44. Ausente	11. MEDIDAS (tamanho e peso)
12. Aço	19. Panela	99. Não identificado	12. MEDIDAS DAS MARCAS E INSCRIÇÕES
13. Cortiça	20. Colher	77. Não se aplica	13. DESCRIÇÃO DETALHADA
99. Não identificado	99. Nao identificado		

FICHA DE ANÁLISE DE MATERIAIS ANTARTICOS																
1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	1.5.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.
PX.1	2012.0685	BA	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	13mm <1g	13mm	Ficha de jogo feita de madeira, com formato octagonal. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual uma das retas que formam o X possui um lascamento. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração mais amarronzada nas bordas com algumas areas mais claras no centro, parecidas com areas com descascamento e alguns pontos pretos bem no centro de seu verso. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 13mm de tamanho com marca de mesma medida (13mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.
PX.1	2012.0685	BB	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	14mm <1g	14mm	Ficha de jogo feita de madeira, em formato quadrangular. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração levemente mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual uma das retas que formam o X possui um leve lascamento. A superfície da face e do verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira, além de um descascamento proximo há uma das arestas da face no qual deixa visivel uma parte mais clara da madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração mais amarronzada nas bordas com algumas areas mais claras no centro, parecidas com areas com descascamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 14mm de tamanho com marca de mesma medida (14mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.
PX.1	2012.0685	BC	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	13mm <1g	13mm	Ficha de jogo feita de madeira, em formato quadrangular. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração levemente mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual duas retas que formam o X possuem um leve lascamento em suas bases. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira, além de algumas areas de descascamentos na face no qual deixa visivel uma parte mais clara da madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração mais amarronzada em uma das bordas e

																	com algumas areas mais claras na outra borda, parecidas com areas com descascamento, há tambem uma pequena depressão em um dos lados relacionado, possivelmente, a quebra ou deslocamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 13mm de tamanho com marca de mesma medida (13mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.
PX.1	2012.0630	AQ	C2	Nível 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	13mm <1g	13mm	Ficha de jogo feita de madeira, com formato circular, porém apresenta arestas angulares nas bordas o que lhe confere uma imagem octagonal. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual uma das retas que formam o X possui um lascamento. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui ranhuras em relevo, além de uma area em uma das bordas que possui descascamento deixando visivel a parte mais clara da madeira. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 13mm de tamanho com marca de mesma medida (13mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.	
PX.1	2012.0687	AV	D2	Nível 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	14mm <1g	14mm	Ficha de jogo feita de madeira, em formato quadrangular. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração levemente mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual uma das retas que formam o X possui um leve lascamento. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração mais amarronzada escuras com algumas poucas areas mais claras no centro e laterais, parecidas com areas com descascamento, há tambem uma pequena depressão em um dos lados relacionado, possivelmente, a quebra ou deslocamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 14mm de tamanho com marca de mesma medida (14mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.	
PX.1	2012.0687	AW	D2	Nível 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	13mm <1g	13mm	Ficha de jogo feita de madeira, em formato quadrangular. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração levemente mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira, além de um lascamento em uma de suas laterais. O seu verso não apresenta inscrições,	

																decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração escura com algumas poucas areas mais claras no centro e laterais, parecidas com areas com descascamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 13mm de tamanho com marca de mesma medida (13mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.
PX.1	2012.0684	AZ	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	17mm <1g	13mm	Ficha de jogo feita de madeira, com formato circular, porém apresenta arestas angulares nas bordas o que lhe confere uma imagem octagonal. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 17mm de tamanho com marca de 13mm pois as pontas das retas do "X" não encostam em todas as bordas da peça.
PX.1	2012.0684	AY	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	14mm <1g	14mm	Ficha de jogo feita de madeira, em formato quadrangular. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração levemente mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração escura com algumas poucas areas mais claras parecidas com areas com descascamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 14mm de tamanho com marca de mesma medida (14mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.
PX.1	2012.0684	AX	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	16mm <1g	15mm	Ficha de jogo feita de madeira, com formato octagonal. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual uma das retas que formam o X possui um lascamento deixando aparente a parte mais clara da madeira. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 16mm de tamanho com marca de 15mm pois as pontas das retas do "X" não encostam em todas as bordas da peça.
PX.1	2012.0688	AS	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	15mm <1g	14mm	Ficha de jogo feita de madeira, em formato quadrangular. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração levemente mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro

																de sua face, no uma das retas que formam o X possui um lascamento. A superfície da face e verso possuem algumas poucas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração mais amarronzada em uma das bordas e com algumas areas mais claras na outra borda e no centro, parecidas com areas com descascamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 15mm de tamanho com marca de 14mm pois as pontas das retas do "X" não encostam em todas as bordas da peça.
PX.1	2012.0822	AU	D2	Nivel amen to	5	7	3	77	44	44	6	44	44	12mm <1g	12mm	Ficha de jogo feita de madeira, com formato circular, porém apresenta arestas angulares nas bordas o que lhe confere uma imagem octagonal. A madeira tem uma coloração bem escura. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração mais escuras em seu centro. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 12mm de tamanho com marca de mesma medida (12mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.
PX.1	2012.0847	AR	D1	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	13mm <1g	13mm	Ficha de jogo feita de madeira, com formato octagonal. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face. A superfície da face e verso possuem algumas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira, além de varios lascamentos que deixam visivel a parte mais clara da madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração mais amarronzada nas bordas de um lado e com algumas areas mais claras do lado oposto, parecidas com areas de descascamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 13mm de tamanho com marca de mesma medida (13mm) pois as pontas das retas do "X" encostam nas bordas da peça.
PX.1	2012.0715	AT	C1	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	15mm <1g	14mm	Ficha de jogo feita de madeira, com formato octagonal. A madeira tem uma coloração escura, com pequenos traços naturais de coloração mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual uma das retas que formam o X possui um leve lascamento. A superfície da face e verso possuem algumas irregularidades em relevo relacionadas ao tipo de madeira. O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração amarronzada com algumas areas mais claras parecidas com areas de descascamento. Possivel uso associado a pratica

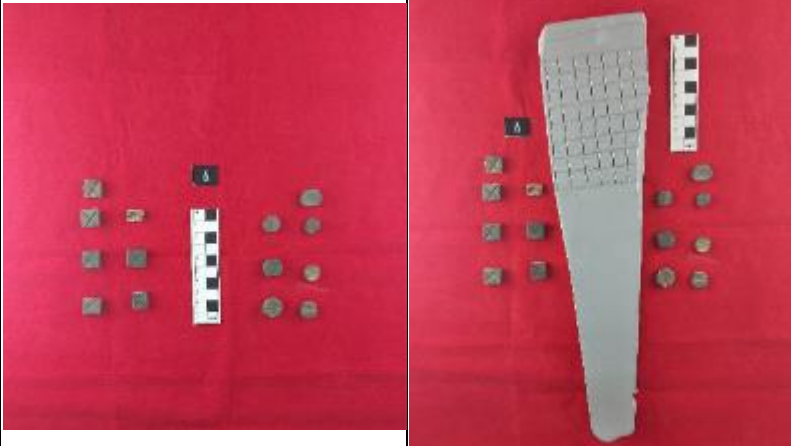
																social de jogar. A peça tem 15mm de tamanho com marca de 14mm pois as pontas das retas do "X" não encostam em todas as bordas da peça.
PX-1	2012.0689	AP	D2	Nivel 1	5	7	3	77	44	44	6	44	44	13mm <1g	12mm	Ficha de jogo feita de madeira, em formato retangular. A madeira tem uma coloração clara em sua face com algumas partes mais escuras, A face esta visivelmente deteriorada, com varias areas de descascamento e irregularidades no relevo, o verso possui area mais amarronzada com pequenos traços naturais de coloração levemente mais clara. A peça possui uma marca entalhada em formato visual de "X" no centro de sua face, no qual as retas não se apresentam como nas outras fichas, sendo bem irregulares e com um possivel terceiro traço fazendo um outro "X". O seu verso não apresenta inscrições, decorações ou marcas iconograficas, mas possui coloração escura com algumas areas mais claras parecidas com areas com descascamento. Possivel uso associado a pratica social de jogar. A peça tem 13mm de tamanho com marca de 12mm pois as pontas das retas do "X" encostam em todas as bordas da peça.
PX.2	2012.0760	MR	A	Nivel 1	11	0	3	77	44	44	99	44	44	16mm 3,4g	2mm	objeto com formato anelar, feito de bronze, com metal de coloração clara levemente esverdeada. o anel de metal possui uma face com bordas arredondadas e outra reta, sem acabamento e com irregularidades. As laterais tem entre 11 mm e 9 mm por não ter formato regular e apresentam 5 linhas horizontais concentricas, ao redor de todo o anel, como o gargalo de uma garrafa de rosquear. na face mais arredondada do anel é possivel ver a olho nu pequenos riscos/linhas diversas, que no microscopio se apresentam como 2 "X"s proximos, e outro "X" mas lateralizado a eles. A peça está bem amassada e com marcas e riscos, tanto na borda quanto na lateral, e além das marcas em "X" tambem existem outras marcas e riscos que não formam figuras, ou marcas conhecidas. Uso associado não identificado.
PX.3	2012.0616	CXX	99	Sondagem 1	0	0	44	77	44	44	1	44	44	77	77	8 peças, sendo 4 fragmentos de carvão e 3 de madeira, associadas a fogão/fogueira. As madeiras se apresentam com marcas de queimado.
Px-3	2012.0801	CAA	Transect 1	Nivelamento	12	19	44	77	44	44	1	44	44	16cm 294,8g	77	Peça de aço, com sinais de ferrugem e desgaste, possui uma coloração esverdeada, com areas vermelhas alaranjadas, possivelmente associadas ao enferrujamento do material. Peça identificada como partes de uma panela.
PX-3	2012.0813	CFE	Transect 1	99	12	11	44	77	44	44	1	1	44	16,5cm 33,8g	77	Faca feita de aço com coloração escura. tratamento com ácido tânico

Punta del Diabolo	2010.0052	CM M	99	superficie	5	0	4	4	77	44	44	1	44	44	31cm 10,8g	77	Colher feita de madeira, com coloração clara.
Penca 3	Garrafa C	Garrafa C	A2 e B2	99	2	1	4	4	77	44	44	4	datação e análise	179 1(+ -15)	AP: 87,2 mm; DB: 93,86 mm; AG: 231,00 mm	77	Garrafa feita de vidro, com coloração verde escura. Números de inventário: 2011.0573, 2011.0578, 2011.0586, 2011.0588, 2011.0587
PE-2	Garrafa O	Garrafa O	Quadrante B	99	2	1	4	4	77	44	44	4	datação e análise	179 1(+ -15)	AP: 78,58 mm; DB: 92,33 mm; AG: 253,00 mm.	77	Garrafa feita de vidro, com coloração verde escura. Números de inventário: 2014.1140, 2014.1145, 2014.1152, 2014.1173, 2014.1180, 2014.1200, 2014.1318
Penca 3	2011.0492	CGA	99	Superficie	1	1	4	4	44	44	44	4	44	44	38mm 6,3g	77	Rolha de garrafa, feita de cortiça.
Penca 3	2011.0319	CGB	A2	Nível 1	1	1	4	4	44	44	44	4	44	44	29mm 1,8g	77	Rolha de garrafa, feita de cortiça.
Penca 3	2011.0449	CCA	C2	Nível 2	8	4	4	4	77	77	0	5	Datação e análise	182 0- 184 0	61mm 7,1g	77	Cachimbo feito de Caulim, reconstituído através da colagem dos fragmentos encontrados. Possui decoração composta por folhagens e flores. Datação aproximada de 1820-1840 por causa da costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
Penca 3	2011.0537	CCF	C1	Nível 1	8	4	4	4	77	77	0	5	44	44	20mm 1,0g	77	Pequeno fragmento de cachimbo feito de kaolin, possui decoração com 6 bobadas verticais e paralelas em relevo, abaixo delas, linhas verticais, paralelas em relevo.

X-1	2014.1030	CCB	A	Nível 2	8	4	4	77	77	44	5	44	44	33mm 3,5g~	77	Fragmento da haste de Cachimbo feito de Kaolin, colado ao fragmento 2014.1075
X-1	2014.1075	CCC	A	Nível 2	8	4	4	77	77	44	5	44	44	23mm 3,5~	77	Fragmento da haste de Cachimbo feito de Kaolin, colado ao fragmento 2014.1030
X-1	2014.1101	CCD	A	Nível 2	8	4	4	77	77	44	5	44	44	70mm 5,9g	77	Fragmento d2 fomilho com pendunculo, ligado a haste de Cachimbo feito de Kaolin.
Lima Lima	2019.1805	CCE	E2	Nível 1	8	4	4	77	77	0	5	44	44	25mm 1,7g	77	Fragmento de fomilho de cachimbo feito de Caulim. Possui decoração composta por folhagens e flores. Datação aproximada de 1820-1840 por causa da costura de floral AO21 (Atkinson e Oswald, 1980)
PE-2	2014.1189	CFC	B	Nível amen to	5	9	4	77	44	0	7	44	44	16cm 12.1g	77	Bainha de faca feita de madeira, com possivel decoração de duas faixas verticais talhadas
Lima Lima	2018.1511	CGF	F3	Nível 1	9	0	4	77	77	77	7	44	44	29mm 3,7g	77	Fragmento de rocha pederneira, com sinais de uso e desgaste nas laterais.
PX-2	2012.0874	CBA	B1	Nível 1	10	13	4	44	44	44	7	44	44	15mm 25,6g	77	Munição redonda feita de chumbo
Sealer 4	2010.0108	CAZ	99	Superficie	11	13	4	44	1	44	7	44	44	21mm 2,6g	77	munição feita de bronze, com coloração esverdeada. Em sua base é possível distinguir a Letra "H" inscrita na peça, além de duas listras, acima e abaixo da letra.
X-1	2014.1261	CCL	A	Nível 1	5	5	4	44	44	44	7	44	44	66cm	77	Porrete cilindrico feito de madeira, com alto grau de desgaste. Possui duas "Meias-luas" talhadas na madeira, identificada como possível decoração.
PX-1	2012.0641	CBD	C3	Nível 1	5	6	4	44	44	44	7	44	44	92mm <1g	77	Pequena estaca feita de madeira, com formato cilindrico, no qual uma base é reta e a outra possui uma "Ponta", a peça possui 4 depressões nas laterais da estaca, duas de cada lado.
Punta Varadero	2011.0285	CLV	Rm / C1	Nível 1	7	14	4	44	44	44	2	44	44	24cm 86,0g	77	Luva feita de tecido, associada a vestuario
PX-2	2012.0770	CTE	Transe ct	99	7	14	4	44	44	44	2	44	44	22,5 20,6g	77	Retalho de tecido, provavelmente associado a vestuario
Sealer 4	2010.0007	CSO	Rm / C2	Nível 1	6	3	4	44	44	44	3	44	44	25cm 33,5g	77	Parte de um sapato, aparenta ser a sola.

		1. SÍTIOS:	PX-3 e Punta del Diablo
		2. NUMERO DE INVENTARIO:	2012.0616; 2012. 0801; 2012.0813; 2010.0052.
		3. PRÁTICA SOCIAL	ALIMENTAR
		3. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO:	1
		4. NOME DAS PEÇAS:	CXX; CAA; CFF; CMM
		4. QUANTIDADE DE PEÇAS:	9
		5. MATERIAL:	Carvão, madeira e metal
		6. TIPO DE PEÇAS:	Carvão, madeira, Faca, Colher e trempe de metal
		7. DATAÇÃO:	99
		8. ANÁLISES ASSOCIADAS:	tratamento com ácido tânico na faca
		9. MARCAS:	99
		1. SÍTIO:	Punta Varadero, PX-2
		2. NUMERO DE INVENTARIO:	2011. 0285, 2012. 0770
		3. PRÁTICA SOCIAL	VESTIR
		3. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO:	2
		4. NOME DAS PEÇAS:	CLV, CTE
		4. QUANTIDADE DE PEÇAS:	2
		5. MATERIAL:	Tecido
		6. TIPO DE PEÇAS:	Luva e pedaço de tecido
		7. DATAÇÃO:	99
		8. ANÁLISES ASSOCIADAS:	99
		9. MARCAS:	99
		1. SÍTIO:	Sealer 4, Sealer 3
		2. NUMERO DE INVENTARIO:	2010. 0007; 2010. 0012; 2010. 0012
		3. PRÁTICA SOCIAL	CALÇAR

		3. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO:	3
		4. NOME DAS PEÇAS:	CSO; CSF; CSE; CSA; CSC; CSD; CSG; CSH
		4. QUANTIDADE DE PEÇAS:	8
		5. MATERIAL:	Couro
		6. TIPO DE PEÇAS:	Partes de sapatos
		7. DATAÇÃO:	99
		8. ANÁLISES ASSOCIADAS:	99
		9. MARCAS:	99
		1. SÍTIOS:	Pencas 3 e PE-2
		2. NUMERO DE INVENTARIO:	2011.0573, 2011.0578, 2011.0586, 2011.0588, 2011.0587, 2014.1140, 2014.1145, 2014.1152, 2014.1173, 2014.1180, 2014.1200, 2014.1318, 2011. 0492; 2011. 0319
		3. PRÁTICA SOCIAL	BEBER
		3. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO:	4
		4. NOME DAS PEÇAS:	Garrafa C e Garrafa O, CGA, CGB
		4. QUANTIDADE DE PEÇAS:	4
		5. MATERIAL:	Vidro e Cortiça
		6. TIPO DE PEÇAS:	Garrafa e Rolha
		7. DATAÇÃO:	1791 (+- 15) (Garrafas)
		8. ANÁLISES ASSOCIADAS:	Datação, colagem e análise
		9. MARCAS:	99
		1. SÍTIO:	Praia Sur I, PX-1

		2. NUMERO DE INVENTARIO:	2012. 0685; 2012. 0685; 2012. 0685; 2012. 0630; 2012. 0687; 2012. 0687; 2012. 0684; 2012. 0684; 2012. 0684; 2012. 0688; 2012. 0822; 2012. 0847; 2012. 0715
		3. PRÁTICA SOCIAL	DIVERTIR
		3. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO:	6
		4. NOME DAS PEÇAS:	BA; BB; BC; AQ; AV; AW; AZ; AY; AX; AS; AU; AR; AT
		4. QUANTIDADE DE PEÇAS:	15
		5. MATERIAL:	Madeira
		6. TIPO DE PEÇAS:	Peças de jogo e Tabuleiro
		7. DATAÇÃO:	99
		8. ANÁLISES ASSOCIADAS:	análise detalhada feita por Karol Amorim
		9. MARCAS:	Marcas iconograficas em "X"
		1. SÍTIO:	PE-2; Lima Lima; PX-2; Sealer 4; X-1; PX-1
		2. NUMERO DE INVENTARIO:	2014. 1189; 2018. 1511; 2012. 0874; 2010. 0108; 2014. 1261 2012. 0641
		3. PRÁTICA SOCIAL	CAÇAR
		3. IDENTIFICAÇÃO DO CONJUNTO:	7
		4. NOME DAS PEÇAS:	CFC; CGF; CBA; CAZ; CCL; CBD
		4. QUANTIDADE DE PEÇAS:	6
		5. MATERIAL:	Madeira, Pedra, Chumbo e Bronze
		6. TIPO DE PEÇAS:	Bainha de faca, Pederneira, munição, porrete.
		7. DATAÇÃO:	99
		8. ANÁLISES ASSOCIADAS:	99
		9. MARCAS:	99

ANEXO II. Informação de tripulações americanas e inglesas (Cruz, 2019 p. 281 a 284).

NAVIOS AMERICANOS													
Informação sobre a viagem (origem)													
Navio	Tipo de navio	Capitão	Data	Porto/pais	Nº de pessoas	Idades	Lugar de nascimento	Lugar de residência	Pais de cidadania	Cargos/ Função	Cabelo	Descrição (complexion/ skin)	Documento
Charles Adams	Ship	Palmer, Alexander S.	1831	Stonington, CN	25	17 (1) 18 (2) 19 (3) 20 (1) 21 (1) 22 (1) 23 (2) 24 (1) 25 (1) 26 (2) 27 (2) 28 (4) 29 (1) 32 (1) 48 (1)	Stonington (7)	Idem	USA		-Dark (5)	-Dark (5)	Lista de tripulação
							Nova York (6)	Idem	USA		n/a	-Colored Man (1)	
							Inglaterra (1)	Nova York	USA		-Dark (1)	-Light (1)	
							Newark (1)	Idem	USA		-Dark (2)	-Dark (2)	
							Marblehead (1)	Idem	USA		-Dark (3)	-Light (3)	
							Westerly, RI (1)	Idem	USA		n/a	-Colored man (1)	
							Albany (1)	Idem	USA		-Dark (1)	-Dark (1)	
							Estocolmo, Suecia (1)	Nova York	USA		-Dark (1)	-Light (1)	
							Boston (1)	Idem	USA		-Light (1)	-Light (1)	
							Shoreham (1)	Idem	USA		-Light (1)	-Light (1)	
							Old Town (1)	Idem	USA		-Dark (1)	-Light (1)	
							New Haven (1)	Idem	USA		-Light (1)	-Light (1)	
							Griswold (1)	Idem	USA		-Dark (1)	-Dark (1)	
							Groton(1)	Idem	USA		-Dark (1)	-Light (1)	

											n/a	-Colored man (1)	
											n/a	-Colored man (1)	
											-Light (1)	-Light (1)	
											-Dark (1)	-Dark (1)	
Courier	Schooner	John Barnum	1831	Stonington, CN	12	20 (3) 22 (2) 23 (2) 24 (1) 25 (1) 27 (1) 32 (1) 38 (1)	Shoreham (1)	Stonington	USA		-Dark (1)	-Dark (1)	Lista de tripulação
							Stonington (2)	Idem	USA		-Dark (1)	-Dark (2)	
							North Stonington (1)	Idem	USA		-Light (1)	-Dark (1)	
							Salem (1)	Idem	USA		-Dark (1)	-Light (1)	
							Nova York (6)	-Nova York(4). - Stonington (2)	USA		-Light (1)	-Light (4)	
							Baltimore (1)	Nova York	USA		-Dark (4)	-Colored man (1).	
											n/a	-Dark (1)	
											-Dark (1)	-Colored man (1)	
											n/a		
Aurora	Brig	Robert Macey	1820	Nova York							Cozinheiro capitao, steward. sailmaster foremast. hands. officer		Logbook Aurora

Esther	Ship	Edward Low	1820-21	Boston, MA	50 prox. entre o sther e o ender dele)					-Sealing expedition composta de 4 pessoas e um boatsteerer			Diário (Ames)
Gleaner	Brig	David Leslie	1819-20	New Bedford, MA	16	N/A (1) 16 (1) 20 (1) 21 (1) 22 (2) 23 (1) 24 (1) 25 (1) 29 (1) 32 (1) 36 (2) 37 (1) 39 (1) 43 (1)	n/a	Freetown	USA		.Brown (1)	-Light (1)	Lista de tripulação
							-Nova York (1). -New Orleans (1)	New Bedford (6)	USA		-Light (2)	-Light (3)	
							n/a	Troy	USA		-Brown (1)	-Black(2)	
							n/a	Tiverton, RI	USA		-Black wooly (2)	-n/a (1)	
							n/a	Westport (3)	USA		n/a	-Light (1)	
							n/a	Nantucket	USA		-Light (1)	-Light (1)	
							n/a	Dartmouth	USA		-Brown (1)	-Light (2)	
							n/a	Little Compton	USA		-Brown (1) -Light(1)	-Dark (1)	
							n/a	Middleboro	USA		-Dark (1)	-Fair (1)	
							n/a				-Dark (1)	-Light (1)	
							n/a				-Brown (1)	-Light (1)	

							n/a				-Brown (1)	-Fair (1)	
											-Brown (1)		

NAVIOS INGLESES									
Informação sobre a viagem (origem)									
Navio	Tipo de navio	Capitão	Data	Porto/ país	Nº de pessoas	Idades	Lugar de nascimento	Cargos/ função	Documento
Princess of Wales	Cutter (75 ton)	William Veales	Maio de 1820	Londres, Inglaterra	15	Menção de 3 boys e um marinheiro velho	Londres, Inglaterra	-1 capitão. -1 mate. -3 boys. -10 marinheiros -Partida de caça:	Diario de viagem (Goodridge)
							Menção de um italiano (mate) Paignton (autor) Hanover Darmouth		
Cora	Brig	Robert Fildes	Outubro de 1820	Liverpool, Inglaterra	-	-	-	-Master. -first mate -carpenter -seamen -Cooper Logbook Cora (robert Fildes)	Logbook Cora (robert Fildes)
Royal /sovereign	S/M(40 tons)	Alexander Sinclair	Abril 1825	Londres, Inglaterra	-	Menção a um lad de 16 anos	Rotherhithe Essex	-commanding officer -mate -chief officer -steersman -boatswain -Steward Diario de viagem (Nunn)	Diario de viagem (Nunn)